ESTE CABEÇALHO PODE VALER-LHE 3 APARTAMENTOS, FÉRIAS NO MUNDO, AUTOMÓVEIS, ETC

Diário de Lisboa

Edição da noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

TERÇA-FEIRA, 15 DE JUNHO DE 1971 N.º 17 413 ANO 51.º PREÇO 1$50

1x2 totoBOLA

Já fez os seus palpites para o concurso desta semana?
Na pág 20 pode encontrar uma ajuda...

PARECER DA COMISSÃO EVENTUAL PARA A REVISÃO CONSTITUCIONAL

DEVE CONTINUAR O ACTUAL SISTEMA DE ELEIÇÃO DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

A comissão eventual para a Revisão Constitucional aprovou, por voto maioritário dos seus membros, a manutenção do sistema de eleição do Chefe de Estado instituído pela Revisão Constitucional de 1959, rejeitando assim as alterações sugeridas no sentido do regresso à eleição por sufrágio directo.

O parecer da comissão, cujo seu relator foi o deputado Gonçalves Proença, que o apresentou esta tarde na abertura da sessão extraordinária da Assembleia Nacional, não forma posição doutrinária, mas limita-se a relatar o que se passou ao longo de 44 reuniões.

Trata-se de um extenso documento (80 páginas dactilografadas) em que se dá aprovação, na generalidade, á proposta governamental da revisão da Constituição, mas onde são apreciados, também na especialidade, os dois projectos apresentados por dois grupos de deputados.

O parecer afirma preferir a expressão «Províncias Ultramarinas», alegando que tem um sentido constitucional mais rigoroso do que «territórios ultramarinos».

Quanto á legislação da sessão legislativa da Assembleia Nacional, a comissão sugere dois períodos, o primeiro de 15 de Novembro a 15 de Dezembro e o segundo de 15 de Janeiro a 30 de Abril.

A instrução preparatória

No que se refere ao art. 8.º da Constituição, verifica-se que foi objecto de larga discussão, nomeadamente no que diz respeito ao texto do

(Continua na ultima página)

O PRESIDENTE KENNEDY esperava o pior quando levantou o auscultador — conta Pierre Salinger. (Ler na página 18: «O telefone secreto do presidente envolvido numa troca de linhas»)

ESTA ISRAELITA VIRÁ A LISBOA DISPUTAR O TÍTULO DE PRINCESA DAS «TEEN-AGERS»

Israel elegeu também a sua Princesa das «Teen-Agers»: chama-se Irit Volotzky, tem 17 anos, é filha unica e vive com os pais em Tel-Aviv. Aluna do liceu, Irit virá a Lisboa disputar o titulo de Princesa Internacional e desde já se diga que aprecia a musica, os livros e o cinema na pessoa de «Sir» Laurence Olivier e Peter O'Toole.
(Ler mais noticias na pág. 9)

VIRAGEM À DIREITA EM ITÁLIA

ROMA, 15 — (F. P. e R.) — Beneficiando de uma vaga de descontentamento popular, o partido neofascista italiano, M. I. S., viu ontem consideràvelmente reforçada a sua posição nas eleições sicilianas e ainda nas províncias de Roma e Foggia á custa da Democracia Cristã, o partido governamental que perdeu terreno.

O M. S. I. ganhou sete lugares no Parlamento da Sicília, onde dispõe agora de 15, pelo que passa a ser a ter-

(Continua na 19.ª página)

O PRESIDENTE DO CONSELHO FALA ESTA NOITE

O sr. Presidente do Conselho faz hoje, ás 22 horas, através da Rádio e da Televisão, mais uma das suas habituais conversas em família.

UM DETECTOR DE MINAS foi utilizado para diagnosticar o mal que afligia um avestruz do «Zoo» de Londres. Pensava-se que «Oswald» — assim se chama o animal — tivesse ingerido algum objecto metálico. Chamada uma equipa militar equipada com detector de minas, verificou-se que «Oswald» não tinha nada de metálico no estômago. O director do «Zoo» admitiu que «Oswald» sofresse de amor, pois a sua companheira, «Emily», morreu há pouco com o estômago cheio de moedas e outros objectos metálicos

AINDA ESTA A TEMPO DE GANHAR PREMIOS

LEITOR DO Diário de Lisboa

Um dos magníficos prémios que temos revelado pode ainda ser seu. Está, de facto, ainda a tempo de poder tomar parte na segunda fase da grandiosa iniciativa com que abrimos o ciclo comemorativo do cinquentenário do nosso Jornal.

(Continua na página seguinte)

HOJE 36 PÁGINAS — VISADO PELA CENSURA

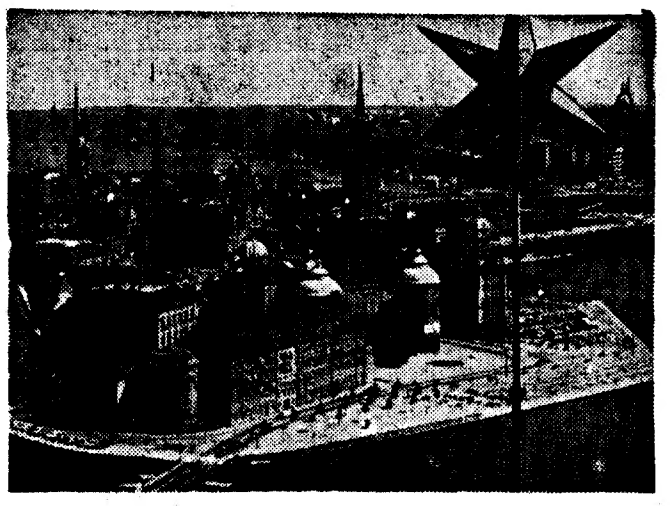
LEITOR DO Diário de Lisboa

(Continuação da pág. anterior)

Recordamos, no entanto, a conveniência de deixar para mais tarde a sua participação, para evitar atrasos que a todos podem ser prejudiciais. Recordamos ainda que o prazo para recepção dos cupões-duplos de identificação termina, impreterivelmente, a 30 do corrente. Mais uma vez elucidamos os que ainda não tomaram parte na nossa iniciativa sobre a forma (bem fácil, aliás) de poder ganhar prémios valiosos: basta recortar e preencher o cupão-duplo de identificação, que continuamos a publicar diàriamente, enviá-lo uma única vez para os nossos serviços: Rua Castilho, 185, 1.º, Lisboa-1. Receberá oportunamente o cartão que o identificará como leitor do «Diário de Lisboa» e o número que o habilitará ao sorteio. Nada mais é preciso além de, naturalmente, continuar a ser leitor do «Diário de Lisboa», pois que nenhum dos prémios será entregue aos respectivos contemplados sem que estes provem ser leitores regulares do nosso jornal. Como? Exibindo a colecção de «cabeçalhos» (título e data do nosso Jornal) publicados entre 7 de Abril último e 7 de Julho próximo.

O simples facto de ser leitor do «Diário de Lisboa» pode, portanto, habilitá-lo a prémios valiosos, o primeiro dos quais é, nem mais nem menos, um confortável apartamento mobilado, em Paço de Arcos, e um magnífico automóvel «Morris - 1300», de quatro portas e cinco lugares. Os problemas de casa e carro ficarão resolvidos, de uma só vez, para o feliz contemplado com o fabuloso primeiro prémio da nossa iniciativa. Mas há mais: dois excelentes apartamentos, também localizados em Paço de Arcos, sucedem-se na lista de prémios que envolve muitas oportunidades e surpresas: férias no mundo para os contemplados no sorteio; nada menos de vinte e seis viagens nos aviões da Varig, Canadian Pacific e SAS a algumas das maiores cidades da Europa e das Américas.

Efectivamente, o Rio de Janeiro, Toronto e Montreal (com visita às famosas Cataratas do Niagara); a Escandinávia (com escala em Copenhague, Oslo e Estocolmo), e Paris, Londres, Roma e Frankfurt serão visitados por leitores do «Diário de Lisboa» e respectivos acompanhantes (parentes ou familiares). Acrescente-se que além das viagens beneficiarem o premiado e um seu acompanhante, asseguram-lhes ainda uma estadia de oito dias na cidade com que foi contemplado em sorteio. Férias no mundo são, assim, proporcionadas a leitores do nosso Jornal, pelo simples facto de o preferirem como companheiro diário. Não há dúvida: vale a pena continuar a ser leitor do «Diário de Lisboa».



Estocolmo, uma das cidades que leitores do «Diário de Lisboa» irão visitar em aviões da SAS em deslumbrante viagem até à Escandinávia

ASSINATURAS

Aceitam-se assinaturas do «Diário de Lisboa» pelo período de iniciativa. Essas assinaturas garantem aos interessados os exemplares pretendidos, com os preços seguintes:

3 meses — 130$00
6 meses — 250$00
12 meses — 485$00

Pagamento adiantado em cheque ou selo de correio

JORNAIS ATRASADOS

Os pedidos de jornais atrasados devem ser sempre acompanhados da respectiva importância em selos, cheque ou vale de correio correspondendo 1$50 por cada jornal solicitado.

RESUMO DO REGULAMENTO

— A iniciativa é aberta a todos os leitores do «Diário de Lisboa» residentes no continente. O leitor deverá recortar e preencher COM LETRA BEM LEGÍVEL o cupão-duplo que o «Diário de Lisboa» publica e onde inscreverá o seu nome e morada, a localidade onde reside e, facultativamente, a profissão e o número do telefone e ainda o agente ou o vendedor a quem adquire regularmente o «Diário de Lisboa».

— Preenchido o cupão-duplo, este deverá ser remetido para a Rua Castilho 185, 1, Lisboa-1, acompanhado de um selo de 1$00 para que lhe seja enviado o cartão de identidade de Leitor do «Diário de Lisboa» com o número que o habilitará ao sorteio dos prémios.

— Recebido o cupão-duplo, os leitores ficarão classificados por ordem alfabética e numérica. O cartão de identidade de Leitor do «Diário de Lisboa» receberá o mesmo número do cupão-duplo.

— O cartão de identidade do Leitor do «Diário de Lisboa» permite-lhe ficar habilitado a qualquer dos prémios já instituídos e ainda a benefícios de outras iniciativas a promover.

— O leitor do «Diário de Lisboa» para poder receber o prémio que lhe for atribuído em sorteio terá de provar ser leitor habitual, demonstrando possuir *na sua residência* o número de «cabeçalhos» (*) do «Diário de Lisboa» correspondentes aos dias de publicação compreendidos entre 7 de Abril e 7 de Julho de 1971. É permitida uma margem de faltas de cinco exemplares para cada mês desse período de publicação.

— A verificação dos «cabeçalhos» será efectuada na morada indicada pelo concorrente no cupão-duplo de identificação enviado no dia seguinte após a realização do sorteio, entre as 19 e as 20 horas, sendo realizada por um delegado do «Diário de Lisboa» e por um representante da autoridade policial da localidade respectiva, tendo o leitor (ou quem o represente) que exibir a sua identidade e o número de «cabeçalhos» exigido. No caso de o leitor não ser encontrado nos dois dias seguintes após o da realização do sorteio (ou quem o possa representar dentro deste lapso de tempo), recorrer-se-á aos suplentes apurados para o efeito em sorteio. Abre-se assim, ao leitor que por qualquer motivo tenha de ausentar-se da morada indicada a possibilidade de se fazer representar e regularizar-se o período durante o qual o leitor tem direito ao prémio.

— No caso de o participante não ter coleccionado o número suficiente de «cabeçalhos», o prémio será atribuído ao suplente apurado no mesmo sorteio desde que este possua o número de «cabeçalhos» determinado, sendo a verificação feita no dia imediato à do premiado. Para cada um dos prémios serão designados quatro suplentes. O prémio será atribuído ao primeiro suplente apurado no mesmo sorteio que satisfaça as condições exigidas, sendo a verificação efectuada no dia seguinte após o da exclusão do premiado, compreendendo os dois dias imediatos para o seu encontro (ou de quem o represente), assim se procedendo, sucessivamente, em relação aos restantes suplentes.

— O leitor que não tiver tomado parte na primeira fase da iniciativa pode inscrever-se nesta segunda fase até 30 de Junho de 1971, data em que será encerrada a recepção dos cupões-duplos de identificação.

— Fica estabelecido que a partida das viagens que constituem prémios seja feita de Lisboa. Essas viagens envolvem estadia em hotéis de 1 classe. O alojamento e a alimentação serão considerados durante oito dias.

(*) Por «cabeçalhos» entende-se apenas a parte da primeira página do Jornal de onde consta o título deste e a data da publicação.

ATENÇÃO

Não envie o cupão-duplo em sobrescrito aberto. Remete-o em sobrescrito fechado, com um selo de 1$00.

ESTES SÃO OS CUPÕES QUE O LEITOR TERÁ DE ENVIAR UMA SÓ VEZ

LEITOR DO Diário de Lisboa N.º _____ (a)

NOME _____

MORADA _____

LOCALIDADE _____

_____ TELEFONE (b) _____

PROFISSÃO (b) _____

(a) Tabacaria ou vendedor onde compra o «Diário de Lisboa»

_____

_____

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

LEITOR DO Diário de Lisboa N.º _____ (a)

NOME _____

MORADA _____

LOCALIDADE _____

_____ TELEFONE (b) _____

PROFISSÃO (b) _____

(a) Tabacaria ou vendedor onde compra o «Diário de Lisboa»

_____

_____

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

ATENÇÃO — O cupão-duplo apenas deve ser preenchido e enviado pelos leitores que não participaram na primeira fase da iniciativa. Os outros leitores, que já tomaram parte na primeira, estão automaticamente habilitados ao sorteio dos prémios da segunda fase.

AS ARGÉLIAS DOS E. U. A.

WASHINGTON. — Robert McNamara, presidente do Banco Mundial (BIRD) ainda gosta das entrevistas precisas, das exposições brilhantes e das audiências curtas, tal como quando era secretário da Defesa dos J. Kennedy e de Johnson. Vivo, nervoso, os óculos de delgados aros de aço sob uma grande fronte arqueada que goza da reputação de encerrar um computador, tem a perfeita noção do que deve dizer ou não dizer a cada um dos interlocutores introduzidos no vasto escritório onde não penetram os ruídos de Washington.

Por MARCEL MEDERVANG

(Exclusivo «Le Monde»-«D. L.»)

Professa a maior admiração pelos brasileiros Roberto Campos antigo ministro das Finanças do marechal Castelo Branco e Delfim Neto, actual ministro das Finanças do general Médici. «São diz ele, dois dos maiores economistas no mundo de hoje.» O espectacular «boom» económico do Brasil parece, aliás, impressioná-lo muito. «Mas, acrescenta, fui ao Nordeste. Vi as estatísticas sobre a subalimentação das populações desta região. É certo que a taxa de crescimento do Brasil é de 9%, mas não é possível imaginar que este grande país possa suportar durante muito tempo ilhotas de subdesenvolvimento que encontramos até mesmo no Estado de São Paulo...»

PARIS COMO WASHINGTON

Em Maio de 1966, em Montreal, perante a sociedade americana dos directores de jornais, McNamara declarava: «Na sociedade moderna a segurança é o desenvolvimento. Não é a própria actividade militar tradicional mesmo que ela possa eventualmente englobá-lo...» Considerado um «lobo» pelos liberais quando era secretário da Defesa tendo conquistado o campo das «pombas» por considerar absurda a guerra do Vietnam e, sobretudo, a maneira de a prosseguir, ter-se-á McNamara realmente transformado, como chefe do BIRD, um «cordeiro» que prega a concórdia entre os homens?

«Se não estivesse persuadido, afirma, que os empréstimos do Banco Mundial contribuem para um enriquecimento geral e a uma melhor redistribuição do rendimento nacional, não os concederia. Mas é certo que recusamos créditos aos países que nacionalizam sem indemnizarem devidamente as empresas afectadas.» Foi assim que o Peru, que tomou posse e posteriormente expropriou todos os bens da «International Petroleum Company» é «punido» desde 1968, não lhe foi concedido qualquer empréstimo do Banco Mundial ou das organizações afiliadas (1). O presidente do banco parece ser pessoalmente favorável a uma «solução amigável» do litígio entre o Peru do general Velasco Alvarado e os Estados Unidos». Todavia, tem, sem dúvida, de prestar atenção aos «avisos» da Casa Branca. O interlocutor francês não tem razão para se escandalizar. Paris procede exactamente da mesma maneira: o representante da França no conselho do banco solicitara no Outono passado, que o pedido de crédito feito pelo Governo do coronel Boumedienne não fosse examinado com uma pressa excessiva. Desde o agravamento da crise petrolífera esta posição não foi, como se pode fàcilmente imaginar, modificada..

Quanto ao Chile, McNamara calcula que «não se levantam problemas por agora». Pode-se portanto pensar que uma «indemnização inadequada» das empresas norte-americanas que exploram os recursos em cobre visadas pela reforma constitucional, recentemente adoptada em Santiago poderá fazer passar o Chile de Salvador Allende para o grupo dos «maus alunos» do Terceiro Mundo.

O CASO DO CHILE

O sr. Letellier, novo embaixador do Chile nos Estados Unidos e colaborador do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) durante dez anos, encontra-se melhor colocado do que ninguém em Washington para conhecer a natureza e a amplitude das «pressões» exercidas nos bastidores pelos Estados Unidos sobre os Governos «culpados». O seu confessado pessimismo quanto à evolução a longo prazo das relações entre Washington e Santiago tem, portanto, pleno valor.

«O Chile», declarou-nos ele, «já se encontra sujeito a pressões indirectas e a ameaças que constituem igual número de entraves ao nosso desenvolvimento. Um grande banco de Nova York já nos pediu que suspendêssemos um crédito de 10 milhões de dólares. Outro exemplo: projectamos uma ampliação da nossa siderurgia de Huachipato. Para isso, necessitamos da tecnologia americana. Os Estados Unidos recusaram. Fomos obrigados a recorrer aos japoneses. É um desvio e uma perda de tempo e dinheiro. E, sobretudo, uma fórmula que não será sempre possível...»

O mais irritante, talvez, para os representantes dos países «mal vistos» em Washington, é tentarem lutar contra a apresentação dos acontecimentos, segundo eles muitas vezes «esquemática» e «por vezes tendenciosa», pela Imprensa americana. Se exceptuarmos os grandes jornais, como o «New York Times», o «Washington Post», o «Christian Science Monitor», o «Saint Louis Post Dispatch» e, numa certa medida, o «Miami Herald», a maioria das cadeias de jornais «de província» preocupam-se, com efeito, muito raramente em serem imparciais. Ora, é a «maioria silenciosa» que é em primeiro lugar tocada por estas cadeias e também, bem entendido, por emissões de televisão que apresentam raramente análises de alto nível.

O ambiente na sede do Banco Interamericano de Desenvolvimento é nitidamente mais calmo e «latino» do que no Banco Mundial, cujo enorme edifício confina, simbòlicamente, com o do Fundo Monetário Internacional. É certo que 80% do pessoal do B. I. D. é proveniente do «Sul». Sob o impulso de Felipe Herrera, presidente de 1960 até Março de 1971 o B. I. D. não cessou de aumentar o volume dos empréstimos à América Latina (6 biliões de dólares, ou seja 30% do financiamento externo, a longo prazo, recebido por esta região, durante dez anos) e esforça-se, não sem êxito, por mobilizar capitais europeus (2) a fim de equilibrar numa certa medida a considerável participação norte-americana. Amigo pessoal do economista argentino Raul Prebisch, que se tornou o porta-voz da integração e da solidariedade latino-americanas, Felipe Herrera insistiu pelo financiamento de projectos de infra-estrutura primária, nomeadamente nos sectores da educação e da saude. Foi bem sucedido. Acusado nos Estados Unidos, em voz mais ou menos alta de conceder «empréstimos políticos», desejoso aliás, de retomar o seu lugar na Universidade de Santiago e de ajudar eventualmente o Governo de Salvador Allende, Felipe Herrera preferiu regressar ao seu país.

REFORMAS NO BID...

O seu substituto na chefia do B. I. D. é o mexicano António Ortiz Mena, cuja candidatura foi enèrgicamente apoiada pelo próprio Richard Nixon. Responsável pelo desenvolvimento mexicano, durante perto de 14 anos a sua competência não está em causa, mas o homem intriga.

Irá ele retomar, por sua conta, o plano do seu predecessor, que desejava obter uma participação financeira extracontinental sem modificar o «contrôle» parcial da América Latina, e que queria persuadir o Canadá a entrar, por seu turno, para o grupo dos «financeiros estrangeiros», apesar da recusa de Otava em fazer parte da Organização dos Estados Americanos? O sr. Herrera é todo franqueza, amabilidade, e sabe muito bem utilizar a arma das «public relations». O sr. Ortiz Mena é severo, discreto, eficaz e, segundo tudo indica, pouco pródigo. Será, como se murmura já, «o homem de Washington» no B. I. D? Parece ter, antes de mais, a preocupação de «pôr tudo em ordem».

«É necessário, declarou-nos, coordenar melhor as actividades de todos os organismos interessados no desenvolvimento da América Latina. Washington continua a ser, sem sombra de dúvida, o local mais apropriado para o Banco, mas convém reforçar as nossas re-

(Continua na 18.ª pág.)

NOTA do dia

TRAVAR E ACELERAR

É PRECISO SABER o que é que cada um entende por política. Sem irmos à procura de definições, nossas ou dos outros, parece poder fixar-se a necessidade que há da distinção entre meios e fins, métodos e objectivos. Parece daqui possível concluir-se que política será, então, o caminho escolhido para se atingirem objectivos, naturalmente certos grandes objectivos, que podem identificar-se por algumas palavras correspondentes aos diversos sectores da vida das comunidades, portanto não só das comunidades no seu conjunto mas também dos indivíduos que as compõem. E aqui, parece, a primeira caracterização a fazer é precisamente essa que se refere a indivíduos, que deverão ser alguma coisa mais que unidades estatísticas para serem identificados como cidadãos.

Se é possível e fácil o acordo quanto às finalidades (pelo menos quanto às grandes palavras em que elas se incluem mas de que cada um se empenha em fazer as suas próprias interpretações) o acordo revela-se mais difícil quanto à metodologia a aplicar. E é isto, naturalmente, que determina a variedade dos sistemas políticos, os quais, feitas as contas e utilizando linguagem do tempo ao alcance de toda a gente, se diferenciam na ênfase com que escolhem como prevalecente uma destas duas operações: travar ou acelerar. Nos nossos tempos de hoje, tal como vai o mundo e com as possibilidades que ele nos oferece, o travão parece «contra natura», mas o acelerador tem os seus perigos se quisermos carregar a fundo e não tivermos serenidade bastante para controlar a velocidade segundo o piso sobre que tivermos de correr.

No quadro político actual da vida portuguesa (e aqui reverte-se para os meios e os métodos), contemplando a acção, a capacidade de expressão, inventariando os instrumentos de intervenção, parece inevitável concluir que tudo se passa dentro dos quadros do regime, os agentes do Poder constituído e a organização parapartidária especialmente formada para suporte do mesmo Poder. Fora disso, não há vida política organizada, o que não é novidade seja para quem for. A própria Assembleia Nacional, como se sabe, é constituída em exclusivo pelos eleitos que aceitaram candidatar-se através das listas de candidatos organizadas pela antiga «União Nacional», convertida em «Acção Nacional Popular». Nem todos serão sócios, mas todos admitiram ser «simpatizantes».

A abertura do leque determinou, compreensivelmente, a afirmação de vários sectores diferenciados, os quais, ainda que limitados à própria dimensão do leque, têm mostrado tender para a arrumação tradicional em todas as assembleias políticas, onde, mau grado a antipatia de alguns por certa terminologia que têm por desactualizada, sempre acaba por se revelar uma coisa a que se chama «esquerda», outra coisa a que se chama «direita» e, naturalmente, entre as duas alas, ainda outra coisa a que parece inevitável chamar-se o «centro». É por entre estas vias que o Governo tem de escolher o seu caminho, procurando através delas o apoio de que carecem todos os governos, ainda que, como é o caso do nosso sistema constitucional, não estejam na dependência de votações parlamentares.

O discurso de sábado, pronunciado em Braga pelo dr. Baltazar Rebello de Sousa, ministro e vice-presidente da A. N. P., situa-se dentro desta problemática: «Também há zelosos amigos, puros de intenção, fiadores de ortodoxia (...) monopolistas do patriotismo, que «colaboram» com novos obstáculos a tornar mais árdua e difícil a caminhada». É o retomar da mesma advertência contida no último discurso do prof. Marcello Caetano quando ele próprio se referiu aos «fingidos sobressaltos dos vigilantes intermitentes da pureza do patriotismo alheio». São os do travão, os que por tudo e por nada se julgam em sobressalto, esquecidos eles próprios de que o travão, metido em força e de improviso, conduz por vezes a desastrosas derrapagens. E um tal risco (supomos que o sente o País) também precisa de ser acautelado.

O TURISMO PROMOVE EXPANSÃO INDUSTRIAL

Toda uma série de indústrias — desde os têxteis à fabricação de aparelhos de cozinha, passando pela construção civil — beneficia da expansão do turismo em Portugal, o que, naturalmente, levou a patentear o seu assinalado ritmo de crescimento na XII Feira Internacional de Lisboa. No decurso da década de 60, o turismo estrangeiro passou de uma actividade sem grande relevo na economia nacional (352 mil visitantes em 1960) para uma das primeiras fontes de divisas da nossa balança de pagamentos (3342 milhares de turistas gastaram, em 1970, 6.4 milhões de contos na metrópole). A receita bruta de hotelaria portuguesa foi de cerca de 2 milhões de contos em 1970 (30 a 35% para pessoal e 35 a 40% para matérias-primas de origem quase exclusivamente nacional).

JORNADA DA FRANÇA

HORARIO: Hoje e amanhã reservado exclusivamente a visitantes profissionais — das 17 às 24 horas

GRANDE OPORTUNIDADE
FÉRIAS NO BRASIL
VISITE O STAND Firestone

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

VERDADE:
— E o sr. EÇA acha que eu posso ir assim ao Villaret?

VEJA, HOJE
AS 21.00 E 23.00 H.
NO

AR CONDICIONADO
TELEF. 13 85 86
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortavel de lisboa

A VERDADE, NUA E CRUA,
A CAPITAL
de EÇA DE QUEIROZ
COM
ANTÓNIO MONTEZ
NO PROTAGONISTA
GAT GRUPO DE ACÇÃO TEATRAL
Subsidiado pelo Fundo de Teatro (Adultos)

ATENÇÃO:
AMANHÃ
DESCANSO DA COMPANHIA

HOJE, 2 SESSÕES, ás 20.45 e 23 horas
MARIA VITÓRIA
GIUSEPPE BASTOS E VASCO MORGADO
APRESENTAM, EM PLENO ÊXITO, A COLOSSAL REVISTA
M/ 17 anos
• CALA-TE BOCA!...

SUZETE DINIZ na «Butterfly»

Um óptimo elenco, com:
JOSÉ VIANA
BARROSO LOPES • DORA LEAL
ÂNGELA RIBEIRO • JÚLIA BABO
A cantora lírica
SUZETE DINIZ
e no «compère»
OCTÁVIO DE MATOS
A FRENTE DE UMA GRANDE COMPANHIA E DE UM ALEGRE «BALLET» INTERNACIONAL
• UM ENORME ÊXITO, COMO NÃO HÁ MEMÓRIA!

Teatro TELEF. 717017
Maria Matos
TODAS AS NOITES, às 21.45
2 Últimas semanas
MAIORES DE 17 ANOS
Jogos de Sociedade
de J. J. ALONSO MILLAN
A SEGUIR EM SENSACIONAL REAPARIÇÃO
A RELÍQUIA de EÇA DE QUEIROZ

O EÇAZINHO CONTINUA A ENCHER regularmente o Villaret por causa da teatralização do seu romance «A Capital», com António Montez (á esquerda) na figura do protagonista Artur Corvelo, candidato a um lugar ao sol nas letras pátrias

VISITE EM SANTARÉM O
Alfageme
ANTIGUIDADES — ARTESANATO
GALERIA DE ARTE
RUA SERPA PINTO, 46-47

EM ENTRECAMPOS CONTINUA
O ESPECTÁCULO FAVORITO
DO POVO DA CAPITAL
AO ALCANCE DE TODOS
E PARA TODOS OS GOSTOS
A FEIRA POPULAR DE LISBOA
A FAVOR DA COLONIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»
STANDS DE EXPOSIÇÕES — DIVERTIMENTOS — RESTAURANTES — RETIROS — FARTURAS E SONHOS — SORTEIOS, ETC.
ABERTURA AS 19 HORAS

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

CML — Estufa Fria
HOJE, AS 21.30 H.
BARCA SEM PESCADOR
de Alejandro Casona
pelo COMPANHIA DE TEATRO POPULAR — empreso Augusto de Figueiredo
Direcção e ensaios de António Manuel Couto Viana
com Beatriz de Almeida, Alina Vaz, Fernanda Figueiredo Leonor Poeira Assis Pacheco, Joaquim Miranda, Andrade e Silva Vladimiro Franklim Alberto Inácio Igor Sampayo e Augusto de Figueiredo
Bilhetes a 0$00 5$00 e 20$00 — Vendo na P dos Restauradores, das 8 ás 20 h e no Estufa Fria à hora do espectáculo
Maiores de 12 anos

AGUARDENTE VELHA
Niepoort
a prova esta na prova

VOLTAM FINALMENTE A TOCAR OS ÓRGÃOS DA SÉ DO PORTO

PORTO, 15 — Na Sé Catedral há esta noite (21 e 30) um concerto para solenizar o restauro dos órgãos, preciosos instrumentos dos séculos XVII e XIX, que não se ouviam há longos anos. Far-se-ão escutar o trompetista suíço Jacques e os organistas Sibertin Blanc e Joaquim Hora, que executarão obras dos séculos XVI, XVII e XVIII, e ainda o Coro da Sé, criado e orientado pelo organista titular dr. Ferreira Santos, e o Coro do Seminario, formado por 120 jovens da Sé, Vilar, Bom Pastor e Cristo-Rei. Este ultimo é preparado pelos padres Angelo Pinto, Agostinho Pedroso e José Maria Pedrosa e encerrará o programa.

Os dois órgãos da Sé, um dos quais é considerado um exemplar muito raro, talvez unico na Península, começaram a ser reparados em 1969 através do serviço de Musica da Fundação Gulbenkian, que mandou vir da Holanda um dos maiores especialistas europeus em órgãos mecânicos. A convite do Bispo do Porto assiste ao concerto o presidente da referida Fundação, acompanhado pela esposa.

Teatro Academia
Telef 63 66 37
HOJE, às 21.45 h.
120.ª REPRESENTAÇÃO
(M. 17 anos)

Santo porca
de Ariano Suassuna
Amanhã — 4.ª-feira
Descanso da Companhia

Novidades para o Festival de San Sebastián

SAN SEBASTIAN, 15 — (A. N. I.) — É já no próximo mês de Julho o Festival Cinematográfico de San Sebastian, que decorrerá de 7 a 16.

Entre os países representados figuram a Alemanha Federal, com «A repentina riqueza dos pobres de Kombach», de Robert Altman; o Japão, com «Sinfonia do Everest», e a Hungria, com «Sara», de Pal Sandor. A retrospectiva será consagrada a King Vidor, com a projecção das suas peliculas realizadas entre 1920 e 1959. Este realizador norte-americano presidirá também ao juri internacional.

TEATRO EM AMORA

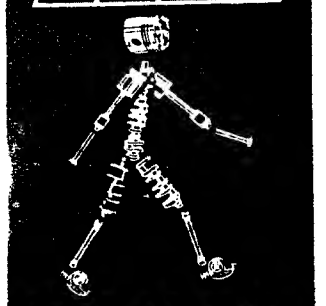
AMORA, 15 — A Sociedade Filarmónica Operária Amorense, desta localidade, recebe na noite do próximo dia 18 (às 21 e 30) o C. A. T. do Grupo Desportivo do Pessoal da Sociedade Portuguesa de Explosivos, que aqui vem representar um original do dramaturgo Luís Francisco Rebelo. Trata-se de «Os pássaros de asas cortadas», peça já transposta para o cinema.

O famoso escritor centro-americano

Estreia duma peça de Asturias

PARIS, 15 (A. N. I.) — A peça «Amor sem cabeça», do guatemalteco Miguel Angel Asturias, Prémio Nobel da Literatura, é estreada hoje em Paris. A obra foi escrita recentemente em francês. Marc Olivier Cayre é simultâneamente encenador e protagonista, ao lado de Michèle Delanty.

ATRIVM
PARA VOS SERVIR
Complexo de RESTAURANTES
Em plena Baixa. Na rua de S. Julião
SELF-SERVICE
CAFETERIA
RESTAURANTE DE LUXO GRILL ROOM
e na rua da Prata, MINI SNACK
Unico no genero no nosso País. Equipamento ultra-moderno
Facilidade de parqueamento a partir das 20 horas

FIAT

FENIX
Rua Palmira, 62-A
Telefs. 84 41 69

FESTIVAL DE CANNES, ANO XXV (1)

O REGRESSO DE CHARLOT E AS LÁGRIMAS DE CHAPLIN

Por breves momentos Charlie Chaplin voltou a ser Charlot. Saltitando, brincando, pediu a bengala a Jacques Duhamel, ministro dos Assuntos Culturais do Governo francês, e avançou, no palco, até junto dos fotógrafos e repórteres do cinema e da TV. Executou, então, alguns dos célebres trejeitos e piruetas. As mais famosas do cinema mudo. Na sala, emocionada, os aplausos não tinham fim.

Oitenta e duas admiráveis «Primaveras», cabelos de neve. Charlot comove-se:

— *Na Suíça, antes de vir para Cannes, percorri as lojas para comprar um laço preto de «smoking». E vejam como me ofereceram aqui um vermelho, tão lindo! Estou profundamente sensibilizado e comovido por verificar que hoje gostam ainda tanto de mim como no passado.*

Chaplin cala-se, pede desculpa de não saber exprimir-se correctamente em francês. A emoção domina-o.

Chaplin chora.

Era o momento mais alto da bela «gala» inaugural do 25.º aniversário do Festival Internacional do Filme de Cannes. No pescoço de Chaplin, o laço vermelho da Legião de Honra que Jacques Duhamel lhe entregara em nome da França que o homenageava uma vez mais:

— *Não quero roubar-vos a quem quer que seja, porque pertenceis a toda a gente, a todos os homens, a todo o Mundo. Mas não posso deixar no silêncio os laços que vos unem á França, da qual haveis dito em 1952: «Os homens civilizados de todas as nações têm uma dívida para com a França pelo seu espírito de liberdade». É uma homenagem ao nosso espírito e*

Michèle Morgan, já avó, foi um belo e radioso presidente do Festival

ao vosso talento que o Governo francês se honra de promover e eu, feliz, vos trago em nova consagração.

Nas lágrimas, na presença e na glória de Charlot era toda a história do Cinema que repassava, fulgurante, na bela noite de Cannes, no Palácio dos Festivais. No «Palais» ricamente florido festejando as bodas de prata da união do Festival com a cidade das flores do mundanismo, dos desportos elegantes. Instalado no faustoso Grand Hôtel du Cap, com todas as honras e no apartamento reservados ás cabeças coroadas, Chaplin chegara acompanhado da mulher e de alguns dos seus muitos filhos.

O mesmo olhar inesquecível e surpreendente, os olhos azul-claro de Charlot. Ele era o rei. A festa era sua.

A multidão, maior do que nunca, saudara-o apaixonadamente, na Croisette, mal sustida pelas barreiras metálicas e pelos cordões de gendarmes.

Emoção, alegria e saudade

A noite era de festa. Sob uma verdadeira «gala» de Verão (o mau tempo viria depois), Cannes reencontrava o seu «*climat de festival*».

Há 25 anos, Cannes desposara o cinema. Para o melhor e para o pior, na alegria e na tristeza. Ameaças de separação, desaguisados e algumas cenas. Mas, ao cabo e ao resto, uma união feliz, repleta de emoções, de nuvens negras, de pequenas e grandes alegrias. Os anos passaram e, rápidamente, Cannes (o Festival), transformara-se no maior «rendez-vous» do cinema mundial.

Acompanhado por Robert Favre Le Bret (director e «*grand patron*» do Festival), o ministro Luhamel apresentou-se no palco para, em curta alocução, declarar oficialmente inaugurado o certame, afirmando então:

— *Quer sob o ponto de vista de Arte como do de Indústria, o Festival cumpriu a sua missão e Cannes transformou-se na verdadeira capital cultural e comercial do Cinema.*

Prosseguiu, então, a «soirée» inaugural, cuja coordenação fora confiada a Henri Carrier, realizador da O R T F (que a transmitiu directamente para os telespectadores franceses e de outros países) e ao cineasta Jean-Gabriel Albicocco (realizador do filme «La fille aux yeux d'or»), foi assim projectada «Reflets pour un Festival», apaixonada retrospectiva de 38 minutos extraída das 80 horas de programa que François Chalais apresentou, em reportagem do certame na TV francesa ao longo dos anos. Nela todos encontraram o seu quinhão de alegria, de emoção, de nostalgia.

Como disse Chalais, tratava-se de «*uma espécie de catálogo, dando uma ideia viva do clima de uma manifestação como esta, retratando a história e a pequena história do Festival*».

Aí se reencontrou o tempo das «pin-ups», das «starlettes», dos romances sensacionais e das anedotas picantes. Nela se reviu uma multidão de grandes e saudosos ausentes: Martine Carol, Walt Disney, Spencer Tracy, Gary Cooper, Fernandel, Harold Lloyd, Alan Ladd, Bourvil, Dorothy Dandridge, Arletty, Jayne Mansfield, Belinda Lee, Gérard Philipe, Henri Vidal, Robert Lamorisse, Sylvie e Jean Cocteau, que foi o presidente dos presidentes do Festival e que repetia na sua voz harmoniosa e um pouco cantante: «*Eu não sou um intelectual, pensei sempre primeiro com o coração do que com o espírito*».

Fellini: «Viva o Cinema!»

Lá apareceram, também, jovens desconhecidas que, pouco depois, reencontrávamos em plena glória: Brigitte Bardot, Sophia Loren, Marie Laforêt, Michèle Mercier, Danièle Gaubert.

Viu-se os ministros sucederem-se na escadaria de honra e viu-se, também, surgir da terra o actual Palácio do Festival, já hoje, bastante exíguo. Viu-se como Cannes ficou ligada ao aparecimento do neo-realismo italiano com «Roma, Cidade Aberta», de Rossellini, aos primeiros triunfos do cinema inglês, com «Breve Encontro» de David Lean; á revelação do cinema mexicano com «Maria Candelaria», de Emílio Fernández e Gabriel Figueroa; á descoberta dos novos cinemas francês, americano, espanhol, sueco e japonês; á consagração da «nouvelle vague» do «Cinema Novo» brasileiro.

Depois, Jean-Pierre Cassel e Mia Farrow chamaram ao palco os realizadores mais citados, nestes vinte e cinco anos, pelo palmarés do Festival. Eram onze, mas só nove compareceram (o soviético Sergei Yutkevitch não pôde deslocar-se a Cannes, bem como Orson Welles, a filmar longe da França. Este deveria, porém, ser representado por Jeanne Moreau. Contudo, a famosa actriz informou, á última hora, não poder comparecer por falta de vestido apropriado...)

Os realizadores distinguidos recebiam um prémio recordando os seus triunfos em Cannes e, seguidamente, eram projectados, no «écran», extractos do um dos seus filmes distinguidos no Festival. Reviram-se, assim, «A batalha do rail» (de René Clement, realizador cinco vezes citado no palmarés do Festival); «A aventura» (de Antonioni, citado três vezes); «Oito e meio» (Fellini, citado duas vezes); «Viridiana» (Buñuel, citado três vezes); «Hara-Kiri» (Kabayashi, citado duas vezes); «O obsecado» (William Wyler, citado três vezes); «Mouchette» (Robert Bresson, citado três vezes); «Um dia um gato» (Jasny, citado duas vezes) e «If» (Anderson, citado duas vezes).

Largamente aplaudidos, os realizadores premiados iam desfilando pelo palco. Fellini exuberante, gritou: «Viva o Cinema!»; Wyler, o mais francês dos cineastas de Hollywood, declarou-se encantado; Jasny emitiu o voto de que o cinema checoslovaco venha a ser cada vez mais livre; e Anderson pronunciou uma verdadeira alocução, embora curta, terminando por agradecer ao Festival todas as experiências que lhe possibilitara.

Encerrando a «gala» inaugural foi exibido o filme de Vladimir Forgency «Le feu sacré». Título que simboliza e resume, afinal, os anseios e o labor do Festival desde a sua criação: *Servir o Cinema, salvaguardar a independência do certame e abri-lo, o mais amplamente possível, a todas as tendências cinematográficas. Apresentar em Cannes, em cada ano, uma panorâmica completa da vida e dos caminhos do cinema.*

FOTOGRAMAS

MICHÈLE MORGAN, grande dama do cinema francês, presidiu ao júri internacional. Bela e com um «charme» que os anos não apagam, ela foi ao longo de todo o Festival, alvo das maiores manifestações de carinhosa simpatia. Curiosidade interessante: no primeiro Festival, em 1946, ela recebeu o prémio para a melhor interpretação feminina pelo seu trabalho em «Sinfonia Pastoral», de Jean Delannoy, vencedor, por seu turno, do Grande Prémio de então.

NO ÂMBITO DO FESTIVAL (concurso, Mercado do Filme, Quinzena dos Realizadores, Semana da Crítica — duas excelentes iniciativas ricas de prestígio e orientadas para um cinema em parte ausente da parte oficial do certame — e outras sessões) foram projectados em Cannes, durante esta edição, filmes no total de meio milhar, aproximadamente.

O regresso de Charlot, ladeado pela mulher e por uma das filhas (Josephine), pouco antes de um ministro francês o condecorar com a Legião de Honra

AUTO-MONUMENTAL DO AREEIRO, SARL
AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA
VOLKSWAGEN
AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8, 8C e 8D
(AO AREEIRO) TELEFS. 727654-727665-713057
SERVIÇO
estação de serviço
peças legítimas
e oficinas
carros novos e usados
com garantia
facilidades
de pagamento,

O Chefe do Governo aos representantes dos Municípios:

Continuamos a considerar valioso o princípio de confiar aos vizinhos a primeira linha de luta pela realização do que lhes toca mais de perto

O II Colóquio Nacional de Municípios, realizado há dois meses em Lourenço Marques, teve ontem no Palácio de São Bento o seu ultimo acto quando uma representação dos participantes nos trabalhos entregou ao Presidente do Conselho o diploma de membro honorário do Colóquio e de vários volumes com as suas actas, conclusões e recomendações.

Antecedido pelo eng.º Emílio Martins, presidente do Município de Lourenço Marques e da comissão executiva do referido Colóquio, que o saudou em nome dos participantes, o prof. Marcello Caetano, na altura, acompanhado pelos ministros do Interior e do Ultramar, pronunciou o seguinte breve discurso:

«Com o maior interesse recebo das mãos de V. Ex.as os documentos resultantes do 2.º Colóquio Nacional de Municípios realizado há meses em Lourenço Marques.

Vou lê-los com atenção. E a mesma atenção lhes será dada, por certo, pelos membros do Governo a quem os assuntos versados directamente digam respeito.

Embora, com muita pena minha, não me haja sido possível anuir como desejava, ao convite para assistir ao Colóquio, segui dia a dia as notícias das reuniões celebradas, onde representantes dos concelhos portugueses, do Minho a Timor, debateram problemas, encararam dificuldades, confrontaram experiências, aferiram a bondade dos princípios e registaram a variedade dos factos e circunstâncias.

O municipalismo tem na sua base a ideia de que as necessidades peculiares de cada núcleo de vizinhos devem ser consideradas e atendidas pelos próprios vizinhos.

Com o adensamento do povoamento do território, as povoações multiplicaram-se e cresceram as cidades, donde resultou um afrouxamento da antiga solidariedade vicinal. Mas se hoje não existe já, em muitas localidades, a velha intimidade da vizinhança, nem por isso, mesmo nas maiores urbes, deorresceu a comunidade dos interesses locais.

Todos os residentes em certa área sentem — e com que intensidade! — as mesmas necessidades colectivas. Todos precisam que as suas casas se integrem em conjuntos airosos e salubres, servidos por redes de comunicações capazes e por transportes regulares, abastecidos de água e de energia eléctrica, dotados de escolas e de comércios, susceptíveis, enfim, de proporcionar as comodidades elementares da civilização moderna.

E se bem que outras entidades e autoridades não possam desinteressar-se dos problemas locais, na medida em que é a soma das localidades que faz a Nação, continuamos a considerar valioso o princípio de confiar aos próprios vizinhos, através dos seus representantes, a primeira linha de luta pela realização daquilo que a eles toca mais de perto.»

«Considero-me municipalista»

«A extensão e a complexidade dos problemas dos nossos dias não permite, é evidente, que o município seja concebido sobre o modelo medieval ou, sequer, segundo os cânones da sociedade rural que constituímos até ao começo do século, onde mesmo pequenas cidades e grandes vilas não conseguiam perder o jeito e o perfume campestres.

Nem na sua organica, nem nas suas atribuições, nem na sua inserção no Estado, o município de hoje pode escapar aos condicionamentos dos tempos correntes.

Referiu-se o sr. presidente da Câmara Municipal de Lourenço Marques ao meu municipalismo e, de facto, considero-me municipalista. Mas vi essa minha posição fortemente contestada quando em 1936 foi publicado o Código Administrativo cujo primeiro projecto me pertencee. Aqueles para quem o municipalismo constituía ainda a sobrevivência romântica de um passado que se julgava glorioso para os pergaminhos locais, olharam para o novo estatuto dos concelhos como para um sacrilégio. Em vez de ressuscitar fórmulas sediças, o Código procurava soluções que vivificassem o município para as tarefas do nosso tempo abrindo-lhe amplas perspectivas de futuro.

Mas ainda hoje há muitas pessoas para quem o ideal seria regressar a modelos tradicionais do século XII ou do século XIX, que em qualquer caso fizeram seu tempo, e que são decididamente incompatíveis com as carências e urgências da administração contemporanea.

É por ser municipalista que, procurando aproveitar as potencialidades reais das instituições concelhias, as libertei de muita velharia que as entorpecia e inutilizava e busquei dar-lhes condições de acção eficiente.»

«Verdades portuguesas»

«Creio que sob a égide do Código Administrativo vigente, se verificou, na verdade, na Metrópole, um surto notável de actividade municipal. E se mais não foi possível fazer-se, foi porque em matéria financeira existiram e existem embaraços que ao legislador não cabia por si só resolver.

Pelo que respeita ao Ultramar também o incremento populacional e a expansão dos padrões de civilização a novas camadas de gente nativa determinou nos ultimos quarenta anos uma extraordinária floração de novas povoações, muitas delas condecoradas já, e justamente, com o título de cidades.

E nessas novas povoações, que por toda a parte nos acolhem em terra africana mas com tão típico carácter e donaire português, surgiram concelhos cujos cidadãos tomaram a peito fomentar com sua iniciativa e seu esforço o progresso local.

Aí, em terras de colonização, o município tornou a servir, como nos primórdios da nacionalidade, para ajudar ao desbravamento e ao povoamento do território; e os seus edís têm tido com frequência as alegrias de construir novas comunidades e cidades novas, a partir de núcleos ainda há anos quase imperceptíveis na imensidade do sertão.

Aquém e além-mar os municípios estão pois em plena faina de utilidade publica. Não se esgotaram as suas virtualidades. Pelo contrário: a cada passo se revelam possibilidades e formas inéditas de servir a colectividade.

Este Colóquio, realizado numa admirável cidade portuguesa debruçada sobre o Oceano Índico, onde o Ocidente se mistura com o Oriente permitindo a convivência pacífica e harmoniosa de gentes das mais diversas etnias, este Colóquio veio na hora própria e estou certo de que produzirá frutos fecundos.

E foi um exemplo. Mais uma vez se demonstrou ao Mundo, infelizmente surdo e mudo tantas vezes quanto ás verdades portuguesas, que Portugal, em todas as paragens onde tremula a sua bandeira, prossegue sem desfalecimentos a missão de fomentar o progesso e de consolidar a paz. Um frémito de trabalho percorre toda a nossa terra. E esse trabalho, condição essencial de enriquecimento da Nação e de melhoria da vida dos seus filhos, esse trabalho prosseguido-emos através de tudo, na Europa, na Africa ou na Asia, defendendo-o contra quantos queiram impedi-lo, ou perturbá-lo, para em toda a parte, nos campos ou nas cidades, prepararmos confiantemente um futuro melhor.»

Em três linhas

Foi aberto um crédito especial de 9 586 721$20, destinado a reforçar verbas da tabela de despesa do orçamento privativo em vigor do Hospital do Ultramar, tomando como contrapartida o saldo do ano económico findo.

///

Foi concedida ao sr. capitão João Gomes, da Escola Prática de Infantaria, a medalha de cobre de assiduidade le serviço no ultramar, por ter prestado doze anos de serviço, com comportamento exemplar, em Moçambique e Angola.

///

O sr. dr. Octávio de Carvalho Cruz foi provido definitivamente no lugar de director dos Serviços de Integração Económica Nacional, do Secretariado Técnico da Presidência do Conselho.

///

O dr. António Luís Marinho de Castro foi exonerado, a seu pedido, do lugar de chefe de expediente dos serviços centrais do Gabinete do Plano do Zambeze.

///

Segundo o relatório e contas do Teatro Aveirense (1970), «foi bastante animador o resultado do ano findo, que apresenta um lucro de esc. 151 567$10, mercê de maior frequência ao cinema e apesar dos enormes encargos de vários impostos, num total de 227 108$50».

No dia 28, ás 15 horas, no edifício do Grémio Florestal do Parque do Engenho, na Marinha Grande, começará a venda, em hasta publica, de cerca de 38 000 cepos de pinheiro, provenientes dos cortes finais a realizar nas matas de Leiria, Pedrógão, Valado e Azabucho.

///

Foi autorizada oficialmente a alteração dos estatutos do Aero Clube da Costa Verde.

///

Na secretaria da Câmara Municipal da Guarda será aberto inquérito publico relativo ao pedido de declaração de utilidade publica para a concessão da pequena distribuição de energia eléctrica no concelho, apresentado pela Empresa Hidroeléctrica da Serra da Estrela, S. A. R. L.

Deve ser proporcionado alojamento condigno e acessível às populações

— concluiu o Colóquio dos Municípios

A solução do problema habitacional tem que ser planificada e programada a nível regional com base em estudos etno-sociológicos — lê-se entre as conclusões do II Colóquio Nacional de Municípios, cujos participantes consideram ainda que «deverá, sobretudo, proporcionar-se alojamento condigno e acessível ás populações e evitar-se a sua marginalização, sugere-se uma maior generalização das técnicas de desenvolvimento comunitário».

Após referências á «unidade na diversidade da Nação Portuguesa» e ás condições da administração local (é urgente elaborar «legislação apropriada» para o desenvolvimento das atribuições municipais de cunho acentuadamente económico), e depois de se pronunciarem a favor do recurso generalizado ao sistema de federações, os colóquiantes preconizaram «a extensão, a todo o território nacional, de uma política de terrenos em termos que considerem as características de cada região», com o que sublinham uma das suas maiores preocupações.

Recomendações de interesse foram também aprovadas no termo dos trabalhos. Por exemplo: os municípios deveriam ser dispensados dos encargos com o tratamento de doentes em estabelecimentos hospitalares mediante o lançamento de derramas, substituíveis por adicionais ás contribuições gerais do Estado, cujo produto o Governo distribuiria.

Quanto ao trânsito, foi recomendado — entre outras medidas — que os seus problemas sejam resolvidos no âmbito de um plano geral de ocupação do solo.

GABINETE DE INFORMÁTICA NO MINISTÉRIO DO ULTRAMAR

Por despacho do ministro do Ultramar e sob proposta da comissão nomeada para o efeito, constituída pelos eng.os Pimentel Freixo e drs. Alves Pacheco, Araujo e Silva e Francisco Gaspar, foi adjudicado o «Estudo de análise de concepção e acções de sensibilização» conducente á criação de um Gabinete de Organização e Informática no Ministério do Ultramar.

Esta primeira medida contratual fará do Ministério do Ultramar, no futuro, a primeira secretaria do Estado que utilizará, globalmente, o tratamento automático da informação de todos os seus serviços, o que irá representar, no campo de organização e métodos, uma inédita concepção de vanguarda.

CONSERVAÇÃO DA NATUREZA

Hoje, às 21 horas, a Sociedade de Ciências Agronómicas de Portugal promove mais uma sessão do ciclo dedicado à conservação da naturez. Proferirão conferências o prof. João de Carvalho e Vasconcelos e a eng.ª química Margarida Barros.

EXAMES NO LICEU DE GIL VICENTE

Os alunos que requereram exames, na qualidade de «maiores», no Liceu de Gil Vicente, deverão consultar as relações afixadas no átrio do ceus de Lisboa.
tribuição pelos diferentes liceus de Lisboa.

As provas práticas, naquele Liceu, têm início amanhã, ás 8 e 30.

PRONTO A VESTIR DE LUXO

DE IMPORTAÇÃO E NACIONAL

Tecidos a metro — Lingerie — Fanqueiro

IMPORTANTE

LEILÃO

AMANHÃ, ÀS 15 E ÀS 21 HORAS

Nos n/ salões da Av. Casal Ribeiro, 17-B para venda PELA MAIOR OFERTA

SEM RESERVA DE PREÇO

de toda a existência de 2 estabelecimentos de uma categorizada «Boutique»

COM ARTIGOS DAS MARCAS: TOPLET, ELGEE, CARNEGIE, PISANTI, PANCALDI, RUSSEL, BACARAT, WALLIS, LOGAN, GENY SPIETHANN, HILDEBRAND, RHONAROY, PETER COLLINS, SANDIE SHAW, LEATHER LINEZOCID, ALEXON, JULIET LATOU, DON, ERRERA, e outras de origem francesa, inglesa, italiana, e nacional. OBJECTOS PARA BRINDES DE ORIGEM AUSTRÍACA, INGLESA E ORIENTAL, SECÇÃO DE MALAS de toda a espécie: de viagem, para senhora e criança, para praia, diário e toilette.

TECIDOS A METRO: MOUSSE LINES, LINHOS, ALGODÕES, SEDAS, FAZENDAS, etc., em quantidades para industria.

FANQUEIRO: com todos os artigos próprios do ramo.

BIJUTERIAS — RETROZEIRO — E TODOS OS ARTIGOS PATENTES DE IMPOSSÍVEL DISCRIMINAÇÃO, CONSTITUINDO UM IMPORTANTE LEILÃO PARA O QUAL SE PEDE A ATENÇÃO DE

COMERCIANTES E PARTICULARES

NOTA: NAS SESSÕES NOCTURNAS OS VESTIDOS SERÃO EXIBIDOS POR «MANEQUINS».

EXPOSIÇÃO: SÓ 4.ª-FEIRA, DAS 10 ÀS 12.30 HS. e dias seguintes.

SOC. DE LEILÕES
Av. Duque de Loulé 1
Telefs. P.P.C. (9 linhas)
532929-51478-532446

AFRA FILHOS, LDA.

SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

6.ª Secção de Actividade

«IND. DE CONSTRUÇÃO CIVIL E O. PÚBLICAS»

CONVOCAÇÃO

Assembleia-Geral Extraordinária

Nos termos do § unico do art.º 57.º dos Estatutos, convocam-se, pelo presente, todos os sócios integrados na 6.ª Secção de Actividade «Ind. de Construção Civil e Obras Públicas», a reunirem-se em Assembleia-Geral Extraordinária pelas 21 30 horas de 30 do corrente, nas instalações do Sindicato, sitas na Rua do Alecrim, n.º 46-1.º — Lisboa, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1. Apreciação da conclusão das negociações do c. c. t. com o Grémio dos Ind. de Construção Civil;
2. Apreciação da introdução de alterações nos Estatutos do Sindicato;
3. Designação de delegados Sindicais junto das empresas;
4. Assuntos vários de interesse profissional para a classe.

Se á hora marcada não estiver presente a maioria dos sócios convocados, a reunião efectuar-se-á meia hora depois com qualquer numero de presenças, conforme prevê o art.º 33.º dos Estatutos.

Lisboa, 14.6.71

A COMISSÃO DIRECTIVA

CANAL DA CRÍTICA

por MÁRIO CASTRIM

CANAL 13

O defeito mais grave do «Canal 13» de ontem terá sido a ausência de um sentido de medida. Existisse o tal, e o publico assistiria apenas ao primeiro apontamento: o da apresentação do pianista José Joaquim. Quase tudo o mais foi verbo de encher com que ninguém terá lucrado nada — e isto de perder tempo é coisa que ninguém aprecia nos tempos que correm.

●

MÓI, FADO, MÓI...

E o mais grave é o ar... grave, o ar sério com que no «Canal 13» se encaram as mediocridades, o não valer a pena mais evidente. César Morgado, se possui alguma ciência nova de cantar o fado, não a demonstrou. Tem os tiques, o maneirismo tradicional (de que faz exagerada ostentação, o que denuncia a lição aprendida) mas o resto é inexpressão, é rotina, é manequim de alma e de voz, é garganta de moer fado, é a inutilidade da palavra, é

Cantar o fado é soltar
a alma pela garganta.
Ouvir o fado é sondar
a alma de quem o canta.

Pois apesar disso, mademoiselle Lucas, ao apresentá-lo, referiu-se a *maneira muito pessoal de cantar o fado, um estilo próprio, onde a irreverência dá o braço á ternura e o amor vive lado a lado com a crueldade.*

Não há duvida: pode muito a fantasia...

●

ESPECIALIDADE OU HOBBY?

No episódio do hipnotizador, descendente do Frei Joaquim do «Zip-Zip», podia perfeitamente evitar-se aquela conversa que não levou a lado nenhum. Por um lado, foi-nos anunciada a presença de um especialista da hipnose; por outro lado, foi sempre o assunto tratado em termos de *hobby* do estudante de engenharia Ruben de Oliveira. Recordemos a repetição de algumas imagens — caso raríssimo na Televisão. Em alguma coisa havia «Canal 13» de ser original.

●

E AGORA, UM PARÊNTESIS

Teve a Televisão o bom-senso de não dar na íntegra o espectáculo do hipnotizador tal como aconteceu no palco do ABC. Aí se assistiu a uma cena impressionante pelo rebaixamento da pessoa humana: espectadores hipnotizados choraram, dançaram, imitaram bebés, deram saltos e piruetas, andaram de rastos atrás de uma chucha que o hipnotizador oferecia e negociava. A dois espectadores enfiou-lhes o hipnotizador uma agulha pela garganta. Chamou testemunhas: viram bem, a agulha estava realmente espetada e os adormecidos (um deles muito jovem) não sentiam absolutamente nada. O hipnotizador pedia a presença de um médico para confirmar que não havia embuste. Nenhum médico lá foi — mas espremia-se e deitava sangue, os aparelhos-pilotos existentes na sala davam, em grande plano mórbido, o sangue a escorrer na garganta... Entre os espectadores adormecidos e violentados nas suas vontades havia uma menina que não aparentava mais de 14 anos...

Do publico, alguém ergueu a voz, em protesto: «É tudo aldrabice!». Um agente da Polícia veio aconselhar calma. Novamente burburinho: era o mesmo da aldrabice. O publico volta-se contra ele, o que o publico quer é o espectáculo, as piruetas, as chuchas, o sangue na gorja. O polícia intervem, decidido a impor a ordem e a expulsar da sala o recalcitrante. Mas do palco fazem um sinal: Ruben de Oliveira, ciente do seu poder, chama o protestatário que assim vai dos braços da autoridade para os braços do hipnotizador. Parece concordar em sujeitar-se á experiência. Olha bem nos olhos o hipnotizador, junta os calcanhares mas coloca as mãos atrás das costas. O hipnotizador ajeita-lhe as mãos nos quadris. Recusa-se. Mãos atrás das costas é que sim. O hipnotizador tenta ajeitar-lhe os braços ao longo do corpo. Volta a recusar:

— Estou muito nervoso e sofro do coração...

Num gesto olímpico, Ruben de Oliveira mandou-o em paz. Logicamente, aquilo não era para cardíacos. Mas não o seria a gum dos espectadores submetidos á experiência?

●

RECEITO O FADO

Não importa falar de Paul Connor, já muito nosso conhecido da Televisão. A sua apresentação é nítido recurso, nítido remendo, sugestão de quando não há mais sugestões. Por que não experimenta Connor cantar o fado? Jeito não lhe falta. E sempre era uma variante.

●

OS MOINHOS DE VENTO NÃO ANDAM COM POESIA FALSA

A presença do sr. Tito, vendedor de moinhos de papel há 50 anos, tinha o objectivo de marcar uma vivência popular. Não resultou porque Luís Filipe Costa e Ana Maria Lucas estiveram demasiado frios e impessoais. E porque é muito difícil encontrar poesia num homem que vive na miséria e procura atenuá-la com o artesanato dos moinhos de papel. A apoteose da distribuição dos moinhos pelas crianças presentes no Teatro (ABC virou creche?) soou muito a falso.

●

CHOPIN À MIGUEL OU BACALHAU À BRÁS?

O tom sério e grave com que Canal 13 encara as suas frivolidades tornou-se mais que evidente, tornou-se escandaloso na apresentação de Miguel Graça Moura, pianista que trocou a carreira pela de compositor. A demonstração feita não justifica a troca. Mas a atenção com que Graça Moura se ouvia a si próprio sugeria a continuação do hipnotismo. Seria auto-hipnose?

Era toleima. Imaginem pela Ana Maria soubemos do boato segundo o qual o Miguel seria um génio. Miguel sorri. Miguel não recusa, tudo aceita como natural, grande senhor. «*E a história que faz os génios...*» pode arrancar, e não mais, do saco da sua modéstia.

(Continua na 22.ª página)

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa metropolitano — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Programa da Juventude; 17 e 30: «Estante: as aventuras do sr. Pickwick», programa por Odette de Saint-Maurice; 18 e 05: A convidada de hoje: Gigliola Cinquetti; 18 e 20: Espectáculo — Cinema, por Videira Santos; 18 e 40: Encontro ao fim da tarde, com os Bee Gees; 19 e 10: Orquestras e canções; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Interludio; 20 e 30: 5.º episódio do folhetim «Duas vidas — um destino»; 21: Momento 71; 21 e 20: Que quer ouvir? 21 e 55: Viagem ao passado, por Judite Navarro; 22 e 10: Vamos ouvir... Manino Silva e o seu conjunto típica; 22 e 30: Tempo de jazz, por Raul Calado; 23: Sinal horário — Noticiário — Boletim meteorológico; 23 e 05: A vida e a mulher; 23 e 30: Eles contam para si; 24: Fecho

2.º Programa metropolitano — Às 16: Uma obra... duas interpretações — o quinteto em lá maior de Mozart interpretado sucessivamente pelo quarteto, com o clarinetista Heinrich Geuser e o quarteto dinamarquês com o clarinetista Guy Deplus; 17 e 05: Nos estepes da Ásia Central — poema sinfónico (Borodine), Orquestra da Ópera de Paris, dirigida por Manuel Rosenthal; 17 e 45: Curiosidades musicais; 17 e 45: Concurso Radiofónico Internacional de Jovens Musicos em Praga 1970 (gravações cedidas pela Radiodifusão Checa). Parte do concerto pelos premiados, com a colaboração da Orquestra Sinfónica da Radiodifusão Checa de Praga, sob a direcção de Jiri Belohlavek; 18 e 30: Gravações históricas; 19: Dança e Ballet, pelo dr. António Pinto Machado; 19 e 30: Rádio Educativa (Auditório Juvenil): 20: Diário sonoro; 20 e 20: Obras de Tasman, em viola dedilhada por William Gomez; 20 e 30: Parte de um concerto pelo Quarteto Brasileiro; 20 e 50: Concerto para Flautim e orquestra; 21: Musica Coral — Obras de Cesar Geoffray, pelo coro «La Psalette de Lyon», sob o direcção do autor; 21 e 20: Tempo literário; 21 e 45: Recital pelo pianista Richard Castelvi, preenchido com obras de Liszt, Debussy e Pierre Sancan; 22 e 15: O gosto pela musica, pelo dr. João de Freitas Branco; 22 e 45: Orquestra «Pro Arte», dirigida por Charles Mackenras; 23: A Voz do Oidente; 1 e 15: Fecho.

Programa estereofónico — Modulação de Frequência 2 — Às 21: Interpretações de Paul Paul Jones; 21 e 15: Orquestras; 21 e 35: Festival no Brasil; 22: Musica de filmes; 22 e 25: Miscelanea; 23: As grandes Sinfonias; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16 e 04: Programa C D C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio Jornal; 20 e 07: A orquestra de... 20 e 15: Portugal além da Europa; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Os nossos artistas; 21 e 03: Terça-feira á tarde; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Novas de alegria; 23 e 19: Grande Roda; 0 e 02: «P B X.»; 2: A noite é nossa; 6 e 02: Diário Rural; 7 e 03: Tlalismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C D S., 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Vórtice; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 02: Banda Sonora 2: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 388,6 mt/s — 782 kc/s — Às 16 e 04: Programa C D. C.; 18: Depois do chá, 18 e 30: Ela e o seu mundo, 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 08: Miscelanea; 19 e 20: Robbialac; 19 e 35: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 25: Musico para meditar; 21 e 40: Orquestras; 21 e 45: O oraculo da verdade; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Canções da Europa; 22 e 30: Tirocinio; 23 e 04: Mensageiro do Evangelho; 23 e 18: Clube da Juventude.

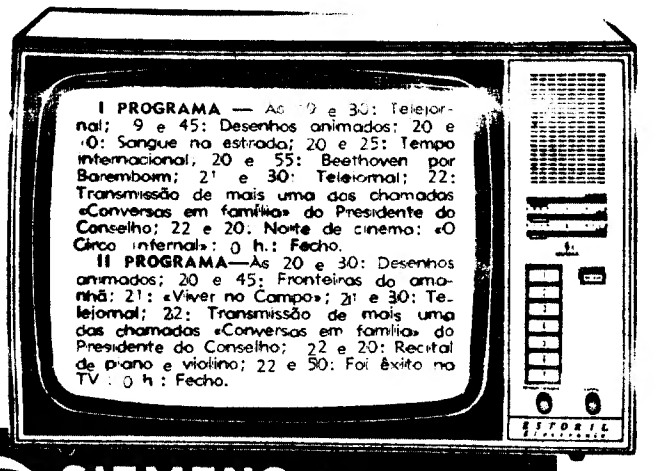
RÁDIO RENASCENÇA — 238,2 m — 1086 kc/s — Às 16: Radiorama; 18 e 05: Acerte comnosco; 18 e 20: Terço e bênção do Relíquia dos Mártires; 19 e 05: Grande Plano; 19 e 30: Pánino 1, 20 e 55: Meditando; 21: Parametro; 21 e 30: Orquestras e canções; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Quarto de hora infantil; 18 e 30: Terço, na Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Grande plano; 19 e 30: Pánino Um; 20 e 55: Meditando; 21: Modo de ler; 21 e 15: Musica portuguesa; 22: Variedades; 22 e 50: S. João de Vila do Conde; 23: A 2.ª hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 1088 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular:** das 7 ás 8 e das 19 e 30 ás 22; **Rádio Graça:** das 8 ás 11 e das 17 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal:** das 14 e 30 ás 17,

TV dia a dia

HOJE PODE VER...



SIEMENS ESTORIL electronic

AMANHÃ PODE VER..

I PROGRAMA — 1.º período — Às 12 e 45: Abertura e desenhos animados; 13: Feminino singular; 13 e 15: Filme de série «Julia»; 13 e 45: Telejornal; 14: Portugal no Mundo; 14 e 15: Logo á noite. **2.º período** — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: TV Juvenil; 20 e 15: Vamos jogar no Totobola; 20 e 25: Convergência; 20 e 55: Segredos da vida animal; 21 e 30: Telejornal; 22 e 5: Concerto de musica coral pelo Coro Phydellios de Torres Novas; 22 e 40: Série dramática «Família Forsyte»; 23 e 40: Marcha do Mundo; 23 e 50: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — Às 20 e 30: Abertura; 20 e 31: Desenhos animados; 20 e 45: Carta de Espanha; 21: Filme de série «Julia»; 21 e 40: Telejornal; 22 e 10: Documentário de viagens; 22 e 35: Concerto para Jovens com a Orquestra Filarmónica de Nova York; 23 e 25: fecho.

mais música
mais luz
mais movimento
TUDOR

VISITAS GUIADAS À EXPOSIÇÃO DE ARTE FRANCESA

Integrada no programa de extensão cultural da exposição «Arte francesa depois de 1950», que se encontra patente ao publico nas galerias das exposições temporárias da Fundação Gulbenkian, realiza-se amanhã, ás 10 e 30, a terceira visita guiada, sob a orientação do crítico de arte dr. Adriano de Gusmão.

A inscrição encontra-se aberta nos serviços de recepção da Fundação, na Avenida de Berna, até ao numero de 50 pessoas por cada visita guiada.

A quarta e ultima visita guiada está marcada para quinta-feira, ás 10 e 30, sob a orientação do pintor Rocha de Sousa.

Necrologia

FALECIMENTOS

Manuel do Rosário

Faleceu ontem, á noite, em Lisboa, o sr. Manuel do Rosário, de 74 anos, casado, proprietário, natural de Arganil. O extinto, considerado grande benemérito e devotado republicano, foi durante anos, director do Asilo de S. João, em Santa Marta. O funeral realiza-se amanhã, ás 12 horas, da igreja da Pena, para o cemitério do Alto de S. João.

FUNERAIS

Eng.º Mário Martins

Realizou-se ontem o funeral do sr. eng.º Mário Martins, de 63 anos, natural de Alcântara, Lisboa, casado com a sr.ª D. Aurora Alves Monteiro Martins e pai do sr. arquitecto Mário António Monteiro Martins.

O extinto cursou engenharia civil no Instituto Superior Técnico, tendo ingressado, em 1935, no quadro dos Serviços de Engenharia da Administração-Geral do Porto de Lisboa, onde actualmente era chefe de Repartição de Construção e Conservação da Direcção dos Serviços de Obras. A numerosas obras realizadas no porto de Lisboa deu a sua colaboração zelosa e competente. Fez parte de várias comissões nomeadas pelo Governo, em representação da A. G. P. L. Era, ainda, membro de várias comissões de avaliação do Ministério das Finanças.

Instantaneo de um desembarque no aeroporto da Portela, captado por um dos nossos repórteres fotográficos. Uma utilidade insuspeitada para os carrinhos de transporte das bagagens: a criancinha senta-se (cómodamente), qual boneco de pasta, entre as malas, sacos, triciclo, etc. E a mamã segue feliz...

DESVIOU OITO CONTOS PARA AJUDAR UM COLEGA CUJA MULHER ESTÁ GRÁVIDA

O desejo de acudir a um colega cuja mulher estava em vias de parto e sem recursos económicos, foi a explicação dada pelo autor de um curioso caso de abuso de confiança.

O sr. João Pereira de Almeida, «caixa» de despachante oficial da Alfandega de Lisboa, da Rua de S. Nicolau, 13, 3.º, confiou ao empregado Raul Jorge Martins do Amaral Antunes, a quantia de 8000$00 e mais três cheques em branco, quantia que devia entregar ao sr. António Rafael da Silva, morador na Rua Francisco Costa, 8, 7.º, em Almada, como pagamento de vencimentos. Em viagem para Cacilhas, a bordo da lancha «Renovação», Raul Jorge Amaral Antunes resolveu sacar os 8000$00 de um envelope, guardar a importancia, deixar ficar os cheques (no envelope) e prosseguir viagem até á Outra Banda.

Pouco depois de ter desembarcado em Cacilhas, dirigiu-se ás autoridades a perguntar se havia sido encontrado um envelope com a importancia de 8000$00 e os cheques. Responderam-lhe que, na verdade, o mestre do barco «Renovação» havia feito a entrega do envelope com os cheques, mas não tinha sido entregue qualquer importancia em dinheiro. Pelo que Raul Antunes afirmava, alguém havia roubado o dinheiro, provávelmente qualquer dos tripulantes do barco.

Na Polícia Maritima, porém, Raul Antunes confessou o crime. Revelou que o havia praticado para acudir ao seu colega ajudante de despachante Luís Manuel Regatão Rangel Tristão, a quem deu cinco dos 8 contos que lhe haviam sido confiados. Essa importancia seria para pagar as despesas com o parto da mulher de Luís Manuel.

O colega, uma vez que sabia que o dinheiro havia sido desviado, incorre também na alçada da lei, por cumplicidade no crime. Foram ambos enviados á Polícia Judiciária.

«INCONVENIENTES RESULTANTES DAS OBRAS EM CURSO NA LINHA FERROVIÁRIA DE SINTRA»

Do Serviço de Relações Publicas da C. P. recebemos a seguinte nota:

«Sob o titulo «Inconvenientes resultantes das obras em curso na linha ferroviária de Sintra», referiu-se o jornal de V. Ex.ª, em edição de 3 do corrente, ás repercussões causadas na circulação rodoviária, pelo mau estado das passagens de nível daquela linha, designadamente, nas Mercês, Algueirão, Rio de Mouro e Carcém.

O reparo era pertinente. E assim, desde logo, esta Companhia deu instruções ao respectivo empreiteiro para regularizar o mais rápidamente possível o pavimento das passagens de nível afectadas pelos trabalhos em curso — o que já foi feito — e para tomar as medidas necessárias para no futuro as travessias rodoviárias da linha de Sintra se manterem sempre em razoáveis condições para a circulação da estrada que cruza a referida linha férrea.

Esclarece-se, no entanto, que a natureza dos trabalhos actualmente em curso, na linha de Sintra, não permite dar imediatamente, ao pavimento das passagens de nível, o acabamento final por todos desejado. Com efeito, os trabalhos de renovação em curso implicam um conjunto de operações que se escalonam, no mesmo local e por vários dias, implicando não só o desguarnecimento e a substituição da via actual mas ainda a descarga do balastro, o seu ataque e sucessivos nivelamentos da nova linha férrea».

Manhã na praça

Ainda a falta da pescada congelada

Continua a faltar a pescada congelada. Hoje, no Mercado da Rato, vimos só meia dúzia e das mais pequenas, o que talvez signifique ter sido insuficiente para as necessidades imediatas a pescada vinda do Ultramar.

Desconhecemos se está prevista para breve a chegada de mais pescada congelada, mas ante a carência desse produto ocorre-nos mais uma vez a falta de planificação de abastecimento ao mercado. Ou será que a mesma falta é deliberada? Será que a pescada congelada vai aumentar como já aumentaram os filetes de mesma?

Ainda duas perguntas: porque não é permitida a importação da pescada áquelas pessoas que se propõem abastecer o mercado a preços mais reduzidos? Se o custo de vida continua a subir, que poderemos comer daqui a pouco?

PREÇO DOS PRODUTOS

Vimos o quilo da cenoura a 4$00; da ervilha, a 5$00; do tomate, a 6$00 e 8$00; do feijão verde, a 6$00 e 7$00; das batatas, a 1$80; das favas, a 2$00; e das azeitonas, a 8$50, 10$00, 11$00, 14$00 e 16$00.

O coração vendia-se a 5$00; a alface, a 2$00, a couve-flor, a 5$00; a couve portuguesa, a 1$00; o nabo, a 1$00 e 1$50; o molho de espinafres, a 13$00 e 14$00; dos rabanetes, a 5$00; da beterraba, a 4$00 e 5$00; dos grelos, a 5$00 e 3$00; e das nabiças, a 2$50 e 3$00.

PEIXE

O quilo da xaputa estava a 15$80; dos chocos, a 22$00; da pescada, a 30$00, 32$00, 34$80, 36$, 38$00, 39$00, 40$, 42$50; da ameijoa, a 44$00; do linguado, a 50$00, 60$00, 64$00, 68$00 e 70$00; do gorás, a 26$00; da lula, a 35$00 e 36$00, do carapau, a 16$00; do peixe espada a 21$80 e 22$80; do pargo a 27$00; da pescada congelada, a 13$00; do chicharro, a 8$50; da sardinha, a 10$00; da garoupa, a 44$00; do imperador, a 13$00; do salmonete, a 70$00, das cartas, a 36$50; da marmota, a 24$00; da sarda, a 6$00; do camarão, a 56$00; e do polvo, a 14$00;

FRUTAS

O quilo do ananás estava a 29$00; das cerejas, a 14$00 e 16$00; do alperce, a 12$00; das nêsperas, a 10$50, 12$00, 13$00 e 14$30; da laranja, a 9$00, 13$00 e 15$00; da banana, a 12$00; dos limões, a 14$00; dos morangos, a 19$50 e 30$00; dos pêssegos, a 18$00 e 19$00; do pero «golden», a 19$50, 20$80, 21$00 e 22$00; da maçã reineta, a 17$50, 20$00 e 26$00; da ameixa, a 11$00, e das peras, a 16$00.

CRIAÇÃO E OVOS

A dúzia dos ovos vendia-se a 12$00, 13$60 e 14$60.

Quanto à criação, vimos o quilo da galinha do aviário viva a 25$00; e do campo também viva, a 28$00; do frango limpo, a 28$00; da galinha do aviário limpa, a 31$00 e 32$00 e do campo limpa, a 34$.

Dona de Casa

BOM APETITE

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef 790211
JANTARES DANÇANTES AOS SABADOS E DOMINGOS c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
Premiado pelo S. N. I.
(Maiores de 5 anos)

restaurante aranheiro
LISBOA
Restauradores
Trav. S. Antão, 21
PRÉMIO DO S. N. I.

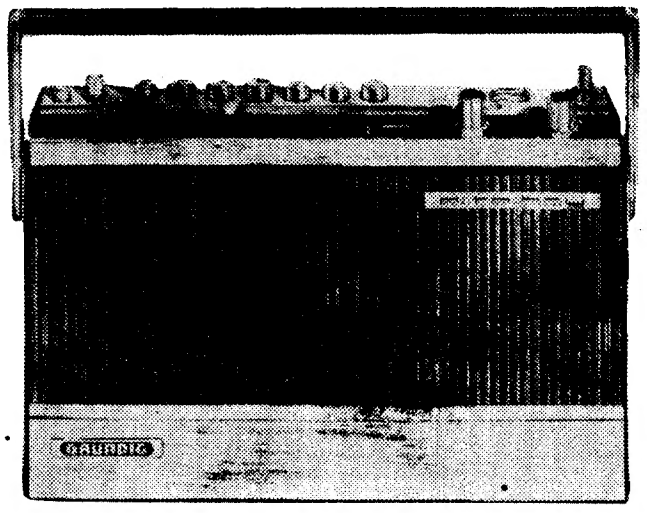
VIRIATO
SNACK-BAR
RESTAURANTE
CERVEJARIA
COZINHA PORTUGUESA
Rua Tomás Ribeiro, 55-57
(Aberto até ás 2 h.)
Telefone 53 07 58

(Sala no cave)
Restaurante braque
A deliciosa cozinha Portuguesa ao seu dispor em ambiente seleccionado com música de fundo estereofónica
Domingo: PERNA DE CABRITO A PADEIRO e ENSOPADO DE ENGUIAS
Encerrado aos Sábados
Rua Buenos Aires, 28-B e 28-D — Telefs 677006 - 679993

RÁDIOS «GRUNDIG» PARA TODAS AS FINALISTAS DO CONCURSO NACIONAL DAS «TEEN-AGERS»

A Nacional Rádio, S. A. R. L., representante e distribuidora em Portugal da aparelhagem «Grundig» — um nome mundialmente conhecido no campo da electrónica — também colabora na eleição da «Princesa Portuguesa das Teen-Agers-1971».

O prémio que a Nacional Rádio, S. A. R. L. destinou às dez finalistas é um magnífico rádio «Grundig» portátil, modelo «Élite-Boy 209», com alimentador de linhas modernas e circuitos de onda média, frequência modulada, onda curta, onda longa e tecla de ligação para alimentação através de bateria de automóvel.



Este é o rádio «Grundig», modelo «Elite-Boy-209» que as dez finalistas do concurso nacional de «Teen-Agers» irão receber, numa oferta da Nacional Rádio

Trata-se de uma unidade que, em todo o mundo, tem tido largo êxito por parte da juventude, a qual, sendo exigente, procura sempre melhor som para a escuta dos seus intérpretes preferidos.

A gama de rádios portáteis «Grundig» quer pela sua concepção quer pelas suas características técnicas, merece a larga preferência do público. Contam-se por milhões o número de unidades vendidas.

Aliás, o que se diz em relação aos rádios portáteis poderia, igualmente, citar-se em relação a outro tipo de unidades pois a organização «Grundig» com mais de duas dezenas de fábricas espalhadas por vários países e perto de uma centena de milhar de empregados e operários, tem vindo com impressionante regularidade a aumentar a sua cifra de negócios, cotando-se como uma das empresas que mais contribuiu para o milagre alemão do pós-guerra.

Por outro lado, a Nacional Rádio, S. A. R. L., firma distribuidora e representante dos produtos daquela marca, habituou já o público a iniciativas e promoções de carácter comercial que têm obtido largo êxito; a oferta do magnífico «Élite-Boy 209» com alimentador TN 12 para as dez finalistas da eleição da «Princesa Portuguesa das Teen-Agers», é mais uma medida, entre outras, que demonstra a actualização dos seus processos no que se refere à juventude.

PRINCESA DAS TEEN-AGERS PORTUGUESAS 1971

PRÉMIOS

PARA A 1.ª:

- Viagem a Londres e estadia de 7 dias para 2 pessoas (oferta de Produtos REVLON);
- Viagem a Paris e estadia de 3 dias para 2 pessoas (oferta do Centro de Estética Feminina)

PARA A 2.ª:

- Viagem a Palma de Maiorca e estadia de 7 dias para 2 pessoas (oferta de VIAGENS APOLO)

PARA TODAS AS FINALISTAS:

- Abertura de uma conta depósito à ordem no valor de 1 500$00 (mil e quinhentos escudos) no CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS (oferta do Crédito Predial Português)
- Um Rádio GRUNDIG modelo «Elite-Boy 209» com alimentador Grundig modelo TN 12 (oferta da Nacional Rádio SARL);
- Hot-pants e tunica em DRALON (oferta da Bayer Portugal SARL);
- Um corte de DRALON IMPRIME e 500 escudos para o feitio do vestido (oferta da Bayer Portugal, SARL);
- Um corte de tecido RIOPELE e 500 escudos para o feitio do vestido (oferta da Riopele);
- Um curso de manequim (oferta da Escola de Manequins JUNO);
- Produtos REVLON da linha NATURAL WONDER (oferta de Estabelecimentos Jerónimo Martins);
- Produtos LYNCEE da linha TENDRE KID (oferta de M. L. Sousa e Silva Lda);
- Produtos BRECK (oferta de Intermarca Lda — Grupo S. N. S.);
- Perfumes e produtos ENGLISH LEATHER (oferta de Intermarca Lda. — Grupo S. N. S.)

PRÉMIO BAYER DE ELEGANCIA

- Uma joia para a finalista que apresentar o melhor vestido em DRALON IMPRIME

PRÉMIO RIOPELE DE ELEGANCIA

- Uma jóia para a finalista que apresentar o melhor vestido em tecido RIOPELE

uma iniciativa do DL

COM O PATROCÍNIO DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA DIRECÇÃO-GERAL DO TURISMO E JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL

E A COLABORAÇÃO DE:

PRINCESA DAS «TEEN-AGERS» PORTUGUESAS 1971

Bayer Portugal
Estabelecimentos Jerónimo Martins & Filho (Produtos REVLON)
Centro de Estética Feminina
Viagens Apolo
Crédito Predial Português
Intermarca — Grupo S. N. S. (Produtos BRECK e ENGLISH LEATHER)
Riopele
Nacional Rádio (Rádios GRUNDIG)
M. L. Sousa e Silva (Produtos LYNCÉE)
Escola de Manequins JUNO
H. STern Joalheiros
Lusolanda (Automóveis AUDI-NSU)

PRINCESA MUNDIAL DAS «TEEN-AGERS» 1971

Bayer Portugal
Intermarca — Grupo S. N. S. (Produtos BRECK e ENGLISH LEATHER)
Tróia-Mar
Agia-Gevaert
Crédito Predial Português
Claras Turismo
Estabelecimentos Jerónimo Martins & Filho (Produtos REVLON)
M. L. Sousa e Silva (Produtos LYNCÉE)
Lusolanda (Automóveis AUDI-NSU)
H. Stern Joalheiros
Restaurante Folclore

o fado e o folclore — restaurantes típicos

VIELA

cantam: Sérgio Bento, Carlos Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais ● Tocam: António Besso e Fernando Reis. Consumo mínimo 60$00 ● Rua das Trinas, 14 ● Tel. 32 72 56

TAVERNA DO EMBUÇADO

Elenco: João Ferreira Rosa, Beatriz da Conceição, António Melo Correia, Ana Rosmaninho. Colaboração de Vicente da Câmara e João Braga. Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre, Carlos Leal ● Encerra aos domingos ● Consumo mínimo 90$00 ● Beco dos Curtumes, 10 ● Tel. 860816

TIMPANAS

cantam: Trio Odemira, João Fernando Emílio Reis, Luís Braga. Tocam Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros ● Cons. mín. 61$50 (taxas incl.) ● Rua Gilberto Rola, 24 ● Telefones: 676655 e 672431

ADEGA MESQUITA

cantam: Fernando Pinto, Mário Amélia Proença, Francisco Mart... Proença. Danças regionais por conjunto folclórico ● Rua «Diário de Notícias» 107 ● Telef. 328307 ● ...nho ● Alameda de Carvalho to... com Jaime Santos ● António ... Encerra aos domingos

restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

CASINO ESTORIL

Jogo autorizado ● Variedades internacionais ● Telefs.: 264521 264526 264596 264621 264946

ADAGGIO

A presença de JOSÉ LETRIA (pop — Saul e Undergroung ● Sempre os últimos êxitos em discos recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil ● Aberto todos os dias, das 16 às 20 e das 22 às 3.30 h. ● Rua Carlos dos Reis 51-A ● Telef. 775695

FAMILA

Morão - ♂ Conjunto ● Avenida Duque de Loulé 69 — Tel. 534117 ● Matinés todos os dias ● Encerra aos domingos

CLUBE ANDALUZ

Boite com atracções espanholas ● Música constante ● Calçada Marquês de Abrantes 64-66 ● Telef. 667264

«PORTAS DO SOL»

Restaurante-Bar, Almoços e Jantares e serviço de Bar permanente. Rua S. Tomé, 86 A B C — ALFAMA — LISBOA — Tel. 86 633

D. QUIXOTE — Bar-Boite

com Carlos Villaret e Tony Vieira ● Aberto até às 5 da madrugada ● Rua do Trindade, 9 — Telef. 327109 ● Encerra aos domingos

SANZALA

Um pouco de África em Lisboa — Música constante ● Av. Marechal Carmona ● Telef. 367136 ● Encerra às 3 horas

MAXIME

Conjunto ● Reacção e Maximiliano ● «Show» turístico ● Variedades internacionais ● Praça da Alegria 58 ● Telef. 55366

HIPOPPOTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 5-A ● Telef. 48384 ● Conj. Hélder Reis ● Encerrado aos domingos

a furna
música gravada
ceias até às 3 da manhã
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 d
(a duque de loulé)
534466 ● 561949

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Manuel Viegas ● Avenida Duque de Loulé 73 ● Telef. 530171

BATACLAM
BAR DISCOTECA
Rua Ramalho Ortigão, 39-A
Telef. 56 04 30
BAR: Aberto das 19.00 às 3,30 h.
DISC.: Aberto das 22.00 às 3.30 h.
NOITES DE PARIS EM LISBOA
ENCERRADO AOS DOMINGOS

A MAIOR FEIRA INDUSTRIAL DO MUNDO — Com 5768 expositores, entre os quais 1208 estrangeiros, a Feira de Hanover de 1971 foi mais uma vez a maior exposição industrial do mundo. Reunindo todos os importantes ramos da industria, proporcionou uma oferta impressionante. Entretanto aumentou o numero de expositores de países de Leste. A Polónia, por exemplo, esteve representada por 22 expositores

«COISAS QUE ESTÃO MAL NA VILA DE NELAS»

Na sua reunião ordinária do passado dia 9 a Câmara Municipal de Nelas, da presidência do sr. dr. Arnaldo dos Santos Almeida, deliberou exarar na acta, aprovada em minuta, a seguinte resposta ao texto do leitor Albino Pais Monteiro, publicado dois dias antes no nosso jornal (secção «Dizem os leitores»):

«Sob o título «Coisas que estão mal na vila de Nelas», lê-se no «Diário de Lisboa», de 7 do corrente, que o sr. Albino Pais Monteiro, desta vila, escreveu áquele jornal a dar conta de alguns problemas da sua terra — neste caso inexistentes, como se verá a seguir — e a fazer críticas ou alvitres que mereceram a atenção do periódico que por isso os transcreveu.

Prosa simplesmente lamentável, onde se afirma, com a maior das leviandades e toda a desfaçatez, que o problema do abastecimento de água ao domicílio na sede do concelho está resolvido devido à emigração dos últimos vinte anos, assegurando-se entretanto que existe água em abundância, mas se perora, sentenciando-se que mais útil e necessário seria para a vila que a Câmara aplicasse na reparação das condutas o dinheiro que já gastou e vai gastar «*num passeio e largo*» em frente do edifício dos Paços do Concelho, obra que, segundo a aleivosia, *poderia aguardar melhores dias e que importará numas centenas de contos.*

Minimiza a lengalenga a grandiosa obra que há-de ser, depois de concluída, a vasta Praça do Município em construção que já custou mais 600 000$00 e vai importar no final, incluída a respectiva iluminação orçamentada em 297 000$00, a iniciar brevemente, não em algumas centenas de contos, mas em quantia bem próxima dos dois milhões de escudos, cerca de 2000 contos, que é coisa muito diferente! Aliás, todos os munícipes, inclusive o detractor em foco, o sabem por o terem lido, quer nos jornais que quinzenalmente publicam os resumos das deliberações camarárias, quer nos relatórios municipais largamente distribuidos por todo o concelho na altura conveniente. Àquele até vêm sendo entregues dois exemplares dos referidos documentos, um para o seu arquivo pessoal e o outro para ficar patente no «Café» que explora, coisa, porém, a que se não atreve

Não é, pois, «*um simples passeio e um largo*» que se anda a construir junto à fachada da Câmara Municipal, mas uma grande praça, um melhoramento urbano do maior relevo e interesse que, depois de pronto, não terá igual em qualquer vila do distrito, honrando por isso a terra e os homens que o promoveram, os nossos antecessores que não nós, seus modestos continuadores.

Quanto à «relíquia» que o homem pretende elevar à categoria de monumento nacional e transformar depois em biblioteca ou museu regional, dir-se-á, para conhecimento dos que ainda não deram pela sua existência, que se trata de uma velha casa com 70 m2 de superfície aproximadamente, encaixada entre outras edificações, na Rua das Morgadas ou do Fundo do Povo, nas proximidades do quartel dos Bombeiros. Apresenta apenas uma fachada com algum interesse arquitectónico, porém arruinada e bastante desaprumada há muitos anos, com cunhais, cimalha e quatro janelas de avental, de estilo renascença ou pseudo-renascença, frequente na região. Demasiado pequena e deteriorada, sem oferecer condições de aproveitamento que a recomendem para qualsquer instalações de carácter público ou colectivo.

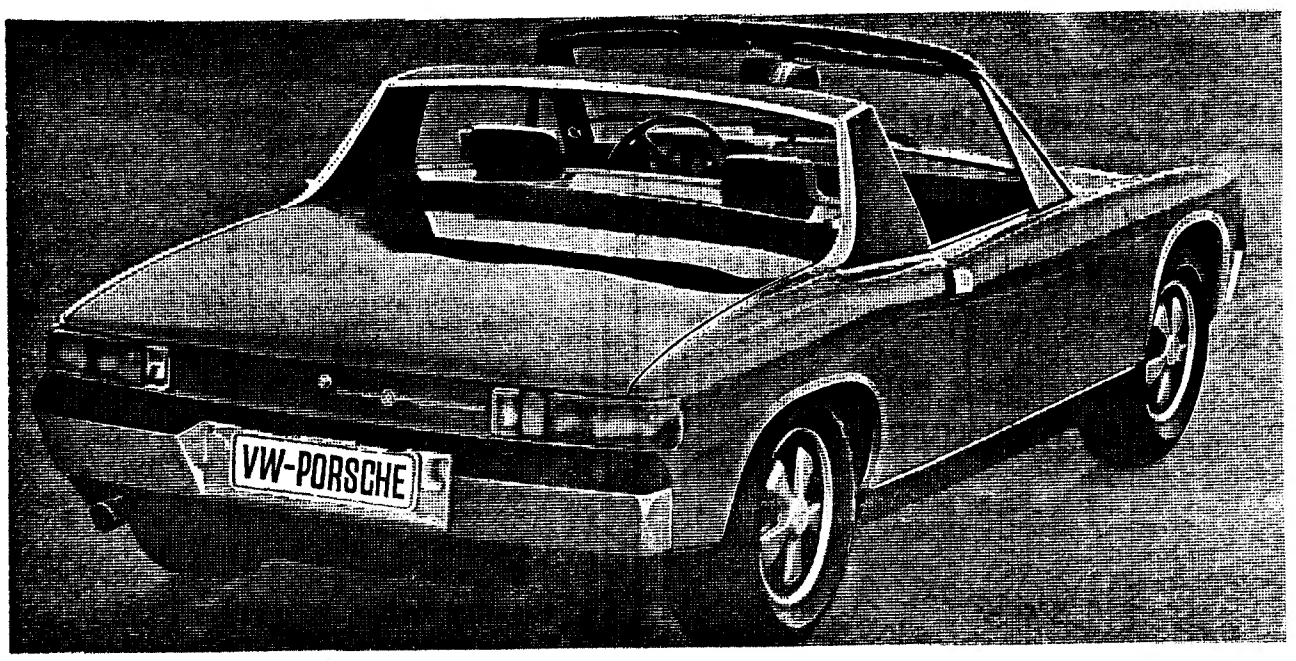
No concelho existem algumas dezenas de construções de bem maior interesse arquitectónico-arqueológico que nem sequer foram classificadas de interesse público. É curioso que, encontrando-se esta edificação no estado acima descrito e também de quase abandono desde o primeiro quartel deste século, na vigência de várias edilidades, só agora merecesse os reparos de um leitor do «Diário de Lisboa», aqui residente desde que nasceu há mais de 54 anos, com idade, portanto, de ser mais circunspecto e assinado.

Curioso é também que só agora tal se verifique, depois que esta mesma Câmara impediu o dono do prédio em causa (de parte, que ele é de dois proprietários) de desfigurar a fachada, na fracção que lhe pertence, com as obras de reparação e modificação que lhe pretendeu introduzir, juntamente com as que foram levadas a efeito na casa contígua. E isto exactamente por ter sido reconhecido ao dito prédio *cunho pitoresco e certo interesse arquitectónico*, como consta do respectivo processo, deliberação, aliás, que muitos criticaram ásperamente na ocasião

A Câmara não autorizou qualquer nova construção, mas apenas e sob certos condicionalismos os seguintes trabalhos nos prédios em referência: substituição do pavimento de madeira do 1.º andar e do tecto; substituição dos tabiques interiores, com nova disposição de compartimentos; reparação do telhado, com substituição das madeiras apodrecidas; substituição de portas e caixilhos, todos em mau estado; demolição de uma parede interior, no rês-do-chão; e modificação da escada na famigerada *bela entrada principal* (?) comum ao «monumento nacional» e á habitação que lhe está anexa. Desta forma, ficou a dita entrada ainda mais bela, por muito que custe ao lamuriento, dissimulado e importuno contestador que urge fazer calar, o que vai fazer-se por outra via, a mais adequada.»

A Câmara, depois da leitura da transcrita comunicação, deliberou proceder, relativamente ao caso em apreço, de conformidade com a medida que vier a ser julgada mais aconselhável, já que se trata de um funcionário publico, por isso com maior obrigação de se respeitar a si próprio, ao lugar que ocupa e os dirigentes municipais que aceitam e até agradecem toda a crítica que for honesta mas que de modo algum estão dispostos a tolerar novas impertinências e para mais de indivíduos como o referenciado useiro e vozeiro na prática de acções deste jaez.»

VW-Porsche 914



um "PURO SANGUE" dos carros de sport!

À sua escolha em duas versões—914 e 914/6. Ambas equipadas com o famoso motor central, consagrado pelos grandes volantes, e de uma rigorosa estabilidade. Cilindrada: 1700 e 2000 cc. Travões de disco às 4 rodas, assegurando uma travagem inflexível, sem bloqueio. O VW-Porsche dispõe de injecção electrónica, que regula cientificamente o consumo de combustível e é um factor de grande economia. Dispõe também de 2 compartimentos para bagagens de invulgar capacidade, com distribuição equitativa de peso. A visibilidade é de uma amplitude circular. Quanto a conforto e equipamento, o VW-Porsche ultrapassa, de muito longe, o padrão habitual dos carros de sport.

Experimente-o!...

1.º classificado em GRAN-TURISMO nas 24 horas de LE MANS—1970

PORSCHE

em exposição
SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN, S. A. R. L.
PR. DOS RESTAURADORES, 74 — Telef. 36 67 51/7 e 37 01 51/5
Guérin (Porto), Lda. e nas Filiais de Coimbra, Évora, Aveiro e Faro

Uma empresa moçambicana na comissão de honra do 22.º Congresso da I. A. A.

Na Comissão Nacional de Honra de apoio á realização do 22.º Congresso Mundial da International Advertising Association, ao lado das figuras de maior relevo nos meios políticos e económicos do País, encontra-se representada uma empresa moçambicana.

Trata-se da CODAM, que figura na referida comissão através do presidente do seu conselho de administração sr. José Manuel Lobo Coelho. O convite foi endereçado áquela empresa, na sequência de um rigoroso critério de selecção entre as empresas nacionais de maior projecção.

O administrador da CODAM, sr. José Manuel Lobo Coelho, que já se encontra em Lisboa, declarou: «Confesso-me extremamente honrado pela oportunidade que foi dada á empresa que represento em tomar lugar numa Comissão de Honra constituída por figuras do maior prestígio político, social e económico do País. Como único industral de Moçambique com assento naquela comissão, estou ciente das responsabilidades inerentes a tal posição

«BALLET» ESCOLAR

No dia 18 ás 18 e 30, realiza-se a apresentação anual das várias classes de «ballet» da professora Georgina de Villas-Boas.

Serão interpretadas obras de Czerny, Schumann e Chopin, colaborando também no espectáculo a pianista Maria Helena Matos.

LISBOA É CAPITAL DO MUNDO DA PUBLICIDADE

ALGUM DIA TERIA
QUE ACONTECER.
ESTÃO REUNIDAS
EM LISBOA
AS MAIORES AUTORIDADES
MUNDIAIS DA
PUBLICIDADE.
PUBLICITÁRIOS DE TODOS
OS CONTINENTES
TOMAM PARTE NO
22.º CONGRESSO DA I.A.A.,
NA MAIOR REUNIÃO
ATÉ HOJE EFECTUADA
EM TODO O MUNDO.

BENVINDOS A PORTUGAL

DIARIO DE LISBOA

O FUTURO DA CAÇA EM PORTUGAL (10)

«NÃO CACES AOS OUTROS O QUE NÃO QUERES QUE TE CACEM A

— escreve um leitor, a propósito da carta do dr. João Mari

São controversos os problemas da venatória portuguesa. Demonstrámo-lo no decorrer do inquérito em que pretendemos equacionar desapaixonadamente a situação actual da caça no nosso país.

As cartas que temos em nosso poder e nos revelam o interesse que o inquérito despertou nos aficionados, provam a radicalização de posições. O dr. João Maria Bravo leu duas cartas que nos enviou defende a «caça com arma» ou a coutada como a única forma de sobrevivência das espécies e justifica a coragem» com que há cerca de dez anos defendeu o *res nullius* (apesar de estar convencido que só a entrega da caça ao proprietário do terreno permitiria a sua sobrevivência) pela coragem com que defende hoje as coutadas.

A carta que hoje inserimos no inquérito foi-nos enviada pelo sr. Evaristo Antunes Teixeira, de Tomar, com pedido de publicação, e é uma resposta à primeira do sr. dr. João Maria Bravo.

Diz o seguinte:

Foi preciso encher-me duma boa dose de coragem para que eu, um modesto professor do Ensino Primário, me resolvesse responder à carta de V. Ex.ª aqui publicada, em 20-5-71, dada a distância social que nos separa. Talvez a coragem me viesse das vantagens de caçar em terreno livre onde o desporto pode pôr, lado a lado, como irmãs, a conversar com as perdizes, duas espingardas: uma de alto preço e a outra, o mais enferrujado bacamarte de carregar pela boca.

Sou Beirão. Desci lá das altas penhas. Antigamente, de lá desceu também um bando de estropiados a apresentar-se, quase à hora da batalha, na charneca de Aljubarrota, ao Mestre de Aviz, para lhe dizer: Aqui nos tendes, vimos ajudar Portugal a ter um Rei Português que de estrangeiros não gostamos, nem daqueles que se bandeiam por Castela, por França ou Aragança.

Agora eu direi para si: Aqui me tem, a ajudar Portugal, a batalhar pela justa causa, com o esforço do meu sentir e a denúncia do sentir de muitos irmanados ou opositores. Bolas, para a palavra que me escapou. Não pense o senhor que eu sou um denunciante de pessoas. Denunciar por rancor, não, nem procurar resolver questões com tal fungo podre na alma. Sou denunciante de factos que calar seria traição aos nossos direitos e aos dos nossos filhos, que haveriam de acusar-nos de c o v a r d i a. Por mim falo, talvez rudemente, o rumor de muitas vozes abafadas, tantas que nem o senhor calcula, mesmo sendo forte em cálculos...

Diz o Povo com r a z ã o «quem cala consente». Ora, se ele cala, não é por consentir... mas por não saber como proceder, na circunstância. O silêncio de vossas nossas vozes iria contribuir para uma falsa apreciação dos verdadeiros sentimentos e interesses legítimos, arrastando entidades responsáveis a, na nacional escasseia, tem de racionar-se igualmente por todos e castigar açambarcadores.

Acho muito infeliz a ideia de ir buscar exemplos a outros países para justificar a pretensão duma extorsão legal do direito do Povo Português. Governemo-nos com a prata da casa, sem aramados que fazem lembrar muros de vergonha.

Diz V. Ex.ª textualmente o seguinte: «Portanto, actualmente, a solução é só uma: dar «um dono à caça»... Concordo, mas com a condição de continuar a frase assim: um dono sem ser à brava ou à força ou de aspectos ambiciosos e rancorosos, um dono a Bem, o verdadeiro, aquele que o Povo consciente sempre desejou, e deveria ter tido: o Estado.

Pode deduzir-se da leitura da sua carta haver há muito escassez de caça e insinua-se ao mesmo tempo que, anualmente, são disparados

Inquérito de ANTÓNIA DE SOUSA

sua boa-fé e melhor das intenções, publicar leis injustas.

Devo declarar-lhe com toda a franqueza e mágoa que fui, em tempos, assinante da revista «Diana» dirigida por si, depois comprador eventual mas deixei de lê-la desde que ela insultou o Povo Português, nas pessoas dos caçadores de terreno livre. Foi a derrocada final da imagem por mim criada do seu director e que, pouco a pouco, se vinha esboroando, até cair, desfeita em pó, do altar sagrado e votivo do respeito aos direitos do Próximo em que eu ilusòriamente a havia colocado.

Atende V. Ex.ª que também são condenáveis as ambições e subterfúgios internos do grupo espoliador do direito a uma propriedade que é de todo o Povo Português. Não está certo, não! A caça é de todos por igual. Se há menos, tem de haver menos para todos que de todos é também a obrigação de contribuir para o aumento limitado das espécies. E quando uma empresa é de todos, maior interesse em todos há no seu progresso.

IGUAIS EM SACRIFÍCIOS E PRIVILÉGIOS

Encarar o problema por este prisma não agrada a uma minoria activa e bem dotada de meios. É sacrifício para os habituados a matar muito em todo o ano, ou em dias de batidas, em coutadas. Moral e legalmente, porém, o problema só tem uma solução e bem evidente: Em sacrifícios e privilégios nacionais teremos de ser iguais.

Eu também gostava de poder dar o meu passeio cinegético todos os dias e se possível num paraíso de caça. Mas não quero para mim um paraíso sobre o inferno dos outros e sobre a falta de protecção á mesma caça. É uma limitação intransponível. Quando um produto contra ela dezenas de milhões de cartuchos! Como se podem, ajustar as duas idéias?! Quanto ao número já o «Diário de Lisboa» lhe provou que o senhor estava mal informado. O que falta é perguntar a V. Ex.ª se nessas dezenas de milhões... estão incluídos os cartuchos disparados em treinos e torneios aos pratos e pombos mansos, aos tordos, rolas e pombos de arribação e nas batidas diárias de mil e tal perdizes, em coutadas, para proteger a caça.

Julgo que o problema cinegético está doente, mas penso também que o sr. Dr. não tem olho clínico para o curar. Que receita essa a de dar um dono ou alguns donos à caça! Pobre doente, ficarias paralítico de todo. Eu creio mais na eficácia deste remédio: proibição geral de batidas a lebres e perdizes e redução do número de dias semanais de caça. Remédio simples, baratinho, que se podia aviar na farmácia ali à esquina. Para fortalecer o doente, um tónico mais caro e mais custoso de aviar: Repovoamentos. *É pronto, o doente ficaria mais são que dantes.*

CHACINAS À SOMBRA DAS COUTADAS

Confie na minha receita Sr. Dr. que ela reflecte a opinião duma grande junta médica: Ribatejanos, Trasmontanos, Beirões, Alentejanos, etc. É a opinião de filhos ou de proprietários de pequenas courelas daqueles que «verdadeiramente, labutam na terra portuguesa».

E visto ter manifestado interesse, vou-lhe transmitir o rumor das vozes de alguns, bons por natureza mas que sentem tanta aversão por quem lhes rouba a galinha doméstica como por quem lhes açambarca a caça selvagem, ou os seus haveres, para sustento dela, vendo-se obrigados a reclamações ás autoridades.

Eu, po
ódio nen
guém, ma
Pena até
sua «expe
passava

Como
convidad
sentar s
de Caça»
ragem co
di o prin
vre é a
je...» def
das coute
tão (1959
«certezas
de dar à
não fosse
vcza, sr.
a coragei
tões cont
ra de pe
também
ao Estad
competên
ção desse

MENOS

Pessoal
tamente
mais des
mais a co
mano, re
manais d
zindo o t

A carta
rio de
apenas u
tor do ci
represent
à vontad
«Diana»
e onde
preensive
das com
gumentos
se não fo
rir. Em c
tege-se a

(Continu

O carro mais vendido em Portugal

O aspecto desportivo das suas linhas não é só para disfarçar. O FORD ESCORT tem um motor duma potência e genica que só se encontram nos carros chamados desportivos. FORD ESCORT: o carro familiar mais desportivo, ou o carro desportivo mais familiar. De uma ou outra maneira, é o carro mais económico da sua classe. E muito espaçoso.
Duas ou quatro portas. Ou Station. Nas versões 1100 ou 1300 GT. São todos FORD ESCORT. Todos têm a garra ESCORT.

VENDAS ESCORT - em 1970 - 4058
até Abril 1971 - 1515
(Estatística do G.N.I.M.F.V.A.)

Ford
FORD À FRENTE
À sua disposição nos Concessionários Ford

CIESA-NCK

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

A TI»

ária Bravo

*Eu, por mim, não sinto
o nem rancor por nin-
ém, mas pena sinto muita.
na até que se pense que a
«experiência falhada» não
ssava dum subtiloso ardil.
Como poderá V. Ex.ª ser
vidado de novo «a apre-
tar sugestões sobre Leis
Caça» se, como diz, «A co-
em com que então defen-
o princípio do terreno li-
é a mesma com que ho-
» defende a proliferação
coutadas embora já en-
(1959, salvo erro) tivesse
rtezas sobre a necessidade
dar à caça um dono» que
o fosse o Estado. Que bra-
a, sr. dr. Bravo, ter tido
coragem de propor sugest-
s contrárias à sua manei-
de pensar! Que coragem
bém a de agora passar
Estado um diploma de in-
mpetência na administra-
desse sector público!*

ENOS DIAS DE CAÇA

*Pessoalmente estou absolu-
ente convencido que se é
is desportivo, se protege
is a caça, e se é mais hu-
no, reduzindo os dias se-
nais de caça, do que redu-
do o terreno livre.
carta de V. Ex.ª no «Diá-
de Lisboa» representa
nas um pequenissimo sec-
do circo onde tem podido
resentar e fazer-se ouvir
vontade, com a revista
a» por vistoso cenário,
nde se faz uma incom-
ensível defesa das couta-
com os mais variados ar-
mentos, alguns dos quais,
não fossem tristes, fariam
Em coutadas, dizem, pro-
e-se a caça pois em cada*

(Continua na 14.ª página)

Bruno Maderna: uma obra pujante e rica de invenção

Indústria de cinema sem profissionais?

– pergunta que se infere da leitura do relatório da Corporação dos Espectáculos

A Corporação dos Espectáculos publicou o relatório e contas do seu exercício de 1970 no qual, a abrir, o presidente dr. Manuel Telles afirma que «esta indústria continua a viver um momento particularmente delicado, aguardando-se embora, com fundadas esperanças, a entrada em vigor das leis do Teatro e do Cinema, que certamente hão-de marcar o arranque de um período novo para estas duas actividades, que constituem o núcleo central da indústria do Espectáculo».

O relatório insere, depois, números curiosos e de interesse sobre os vários espectáculos. Assim, a média anual de grandes metragens produzidas nos últimos 20 anos foi ligeiramente superior a quatro filmes. E se nas actividades cinematográficas se ocupam 3729 profissionais (com exclusão dos empregados de escritório), apenas 266 trabalham na produção, enquanto na exibição se ocupam 3244 profissionais e na distribuição 219.

É, na realidade, diminuto, insignificante, o número de profissionais (inscritos no respectivo sindicato) a trabalhar na produção. Basta dar, como exemplo, haver um único chefe iluminador e um só iluminador. Com quadros tão diminutos, a ambição de termos uma indústria de cinema logo esbarra com a primeira dificuldade.

Outro número significativo: em 1969 estiveram em actividade 484 salas de cinema, das quais apenas 30 eram de estreia (19 em Lisboa e 11 no Porto).

Entre outras informações, cite-se o caso especial do circo: em 1970 havia 35 circos em actividade, dos quais apenas dois fixos (um em Lisboa e outro no Porto).

A actividade teatral em 1969, limitou-se praticamente á capital, pois das 2014 sessões de teatro declamado, 1662 realizaram-se em Lisboa, 78 no Porto e só o restante no Continente e Ilhas Adjacentes.

COLÓQUIO DOS MUNICÍPIOS

O prof. Marcello Caetano recebeu ontem, no Palácio de S. Bento, os presidentes das Câmaras do Continente e seus representantes que recentemente participaram no Colóquio dos Municípios (Lourenço Marques).

Assistiram á audiência os ministros do Interior e do Ultramar. Foi dado conhecimento ao Presidente do Conselho das conclusões da reunião.

FESTIVAL DE ROYAN (6)

TRÊS CONCERTOS DESIGUAIS NO ENCERRAMENTO DO CERTAME

... E chegou-se finalmente o ultimo dia do Festival. Este dia foi preenchido com três concertos, um de musica electrónica, outro de musica instrumental de camara e um terceiro de musica sinfónica, para encerramento do Festival.

O concerto de musica electrónica, consagrado a compositores oriundos dos países de Leste, não deixou especiais recordações. Assinale-se principalmente a segurança técnica dos compositores polacos — Boguslaw Schäffer e Wlodzimierz Kotonski — autores de duas obras compostas no Estudio de Varsóvia (Concerto para fita magnética» e «Aela», respectivamente); e uma certa fantasia e imaginação nas obras de dois compositores checoslovacos — Ivan Parik («Variações sobre os quadros de Milos» Urbasek») e Peter Kolman («Omaggio a Gesualdo») ambas do Estudio de Bratislava, infelizmente prejudicadas por uma heterogeneidade de processos compositivos e por contradições bem

O romeno Anatol Vieru

determinadas no ponto de vista estilístico.

As restantes obras caracterizaram-se por um nível geral de mediocridade, que não poupou mesmo um musico como Zbynek Vostrák; além da obra deste ultimo («Telepatia), produzida no Estudio de Praga, figuraram ainda no programa «Anthroporca» do checoslovaco Rudolf Ruziska (Estudio de Brno) e «Mosaico» do soviético Artemiev (Estudio de Moscovo).

QUALIDADE

A mediocridade reinante no primeiro concerto estendeu-se até grande parte do concerto de câmara. No entanto, e em relação ao primeiro, há que assinalar desde já um factor positivo e de excepcional importância: a alta qualidade técnica e interpretativa do grupo interveniente, o Conjunto «Musica Nova» de Bucareste, composto pela pianista Ibilda Jerea, violinista Mircea Opranu, violetista Valeriu Pitulac, violoncelista Catalin Ilea e clarinetista Aurelian Octav Popa.

Passo a referir, peça por peça, o programa apresentado pelo quinteto de Bucareste.

A compositora romena Myriam Marbe esteve representada por «Jocus Secundus» (para violino, viola, violoncelo, clarinete e piano). Trata-se de uma obra concebida — como o próprio título sugere) como um jogo muito activo entre os intérpretes, no qual intervêm elementos de improvisação sobre um esquema compositivo elaborado. A obra pareceu-me um tanto frouxa e pouco consistente, não obstante uma inegável vitalidade e uma certa imaginação sonora e formal.

Mais interessante se me afigurou a obra «Polymorphies 5x7 (a)» de Costin Miereanu, muito embora não possa ser considerada, seguramente, como uma peça representativa do talento do compositor romeno. Formalmente prolixa e de uma complexidade um tanto superficial, esta obra revelou, apesar de tudo isto, uma capacidade de invenção sonora e uma força expressiva muito pessoal. Os elementos de entropia que povoam a obra podem-se considerar como re-

(Continua na 14.ª página)

HAYLEY MILLS, a conhecida actriz britanica, casou-se, no sul de França, com Roy Boulting, um produtor cinematográfico 22 anos mais velho que ela. Hayley, de 25 anos, e Roy eram companheiros inseparáveis desde há cinco anos. «É mais do que o tempo suficiente para duas pessoas se conhecerem» — comentou a jovem actriz

FÉRIAS NA PRAIA

AS EXCURSÕES MAIS ECONÓMICAS PARA AS SUAS FÉRIAS DE VERÃO

Viagens apolo

(Partidas de Lisboa)

PALMA DE MAIORCA
8 ou 15 dias desde 2.980$00
TORREMOLINOS
8 ou 15 dias desde 1.780$00

Vacaciones

(Partidas de Madrid, Barcelona, Valência ou Sevilha)

PALMA DE MAIORCA
8 ou 15 dias desde 1.270$00
IBIZA
8 ou 15 dias desde 1.595$00
TORREMOLINOS
8 ou 15 dias desde 1.635$00
CANÁRIAS
8 ou 15 dias desde 2.365$00
RIMINI
8 ou 15 dias desde 2.365$00

APARTAMENTOS E HOTÉIS CLUB

Novo sistema de alojamento para as suas férias em TORREMOLINOS, FUENGIROLA, BENIDORM, PALMA, COSTA BRAVA, CANTÁBRICO

PAGAMENTOS ATÉ 12 MESES

RUA ROSA ARAÚJO, 2
TELEFS. 53 69 71

Melia

Desperdiçar não é grandeza. Coloque as suas economias em objectos que valham.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

ONDE FORAM ELES BUSCAR TANTA ENERGIA?

SUSTAGEN®

energia instantânea

Preparação instantânea — efeito imediato. Mantenha-se no jogo. Tome Sustagen e sinta a energia do verdadeiro desportista — a energia de que todos necessitam.

Sustagen
Indispensável ao desportista — essencial para si.

O Sustagen é um alimento completo que fornece todos os elementos nutritivos essenciais ao homem.

De sabor agradável — baunilha, chocolate e morango — o Sustagen é de digestão fácil e proporciona-lhe um magnífico bem-estar.

Sustagen dá-lhe o prazer e a energia de uma boa refeição sem os inconvenientes de uma digestão difícil e demorada.

De fácil assimilação o seu efeito é pràticamente imediato.

Além disso o Sustagen é de preparação fácil e rápida e pode ser tomado em qualquer situação em que um acréscimo de energia seja necessário.

Se está cansado — um copo de Sustagen dar-lhe-á energia instantânea.

À VENDA NAS FARMÁCIAS

Meadjohnson

DIVISÃO DE BRISTOL FARMACÊUTICA PORTUGUESA, LDA.
Av. João Crisóstomo, 48 • telef. 53 90 91/2/3 • Lisboa 1 — end. teleg.: BRISLAB

UM LUXO À SOBREMESA

A CHEGADA DAS AMEIXAS BAIXARÁ O PREÇO ÀS NÊSPERAS?

As caixas de fruta alinhavam-se á porta do supermercado. Fruta escolhida, cujo colorido e qualidade atraíam a atenção.

Junto da porta do supermercado uma pequenita, três, quatro anos, puxava a saia da mãe:

— *Quero daquilo!*

Aquilo eram cerejas, vermelho-escuro, apetecíveis.

A mãe hesitou, olhou para o marido, agarrou a mão da pequenita. Voltou a olhar para as cerejas, para a tabela (25$ o quilo), e começou a andar.

Nós continuámos a olhar para a fruta nas caixas, maçã reineta, «Golden», laranjas, morangos, nêsperas. Maçã reineta 22$00; «Golden», a 18$; morangos, a 45$00 e, mais pequenos, a 30$00; laranjas, a 12$00; nêsperas, a 30$00. Fruta de época e fruta de frigorífico, mas toda igualmente cara. Toda para lá das possibilidades do orçamento da grande maioria das bolsas de casa.

Há vários anos já que a fruta se transformou em artigo de luxo. Este ano, porém, ultrapassa todas as previsões, alcandorou-se a privilégio. Nem ás cerejas e nêsperas, consideradas frutas do povo, se consegue chegar!

Os morangos são, por tradição, uma fruta da elite habitualmente cara. Este ano verifica-se, porém, uma quase igualização de preços, mas no seu nível mais alto.

Dizem os vendedores que há mais morangos. Um regente agrícola disse-nos, por sua vez, que o produtor prefere — e compreende-se porquê! — dedicar-se á produção de frutas mais caras. Daí a fartura dos morangos...

Essa fartura, ainda segundo o mesmo regente agrícola, deveria resultar numa baixa de preço, mas como não há outras qualidades, o morango não baixa de preço, porque há mais procura do que oferta.

Quanto ao preço elevado da nêspera, afirmou-nos o mesmo regente agrícola, que tal se deve ao facto de este ano ter havido pouca produção. Além disso, inicialmente não choveu e depois choveu muito, o que levou as nêsperas a «atrasarem». Há nêsperas nas árvores, mas estão verdes. O seu amadurecimento vai dar-se simultâneamente com o das ameixas e isso, ainda segundo o referido regente agrícola, fará com que as nêsperas baixem de preço.

Esperemos que assim seja. Que nada surja (sabe-se lá o quê!) capaz não só de conservar os preços altos das nêsperas mas ainda de dar preços proibitivos ás próprias ameixas. Será que iremos também ver o quilo das ameixas a 25$ e 30$00?

Confraternização de homens do mar

ILHAVO, 15—Uma comissão de oficiais da Marinha Mercante desta vila resolveu realizar uma festa de confraternização para oficiais ilhavenses com mais de 60 anos de idade. Essa festa, a efectuar no próximo dia 20, constará de almoço num restaurante da região e missa celebrada na manhã desse mesmo dia, por alma dos oficiais já falecidos, alguns dos quais pereceram durante as guerras de 1914-1918 e de 1939-1945, no alto mar.

UM PRÉDIO DE DEZ ANDARES COM OS ELEVADORES PARALISADOS

Telefonou-nos um nosso leitor, sr. Dário de Jesus Vasconcelos, para nos contar o seguinte: num prédio de dez andares situado na Rua Vice-Almirante Augusto Castro Guedes, 7, no Bairro da Quinta do Morgado (Olivais Norte), os elevadores não funcionam por haver um litígio entre as C. R. G. E. e a firma construtora do imóvel.

À excepção do 10.º andar, alugado pelo nosso leitor, sr. Dario de Vasconcelos, todos os outros se encontram ocupados. O sr. Dário de Jesus Vasconcelos, porém não pode obrigar os seus pais, pessoas já idosas, a subir dez andares... Ao que nos disse, não tem outro remédio senão pagar duas rendas.

E os outros inquilinos, a habitar um imóvel com elevadores que não funcionam por causa de um litígio?

ARNALDO DAVID: O SEU BILHETE DE IDENTIDADE FOI ENCONTRADO

Escreve-nos o nosso leitor sr. José Manuel Alves Moreira residente na Rua Maria da Fonte, 35, 5.º; em Lisboa, a enviar um bilhete de identidade que encontrou num autocarro da carreira n.º 40, entre o Martim Moniz e a Praça de Londres.

O referido bilhete de identidade, com o n.º 4709684, é passado em nome de Arnaldo Ferreira David, filho de Virgílio Ferreira David e d. Maximina do Carmo David.

Será entregue ao proprietário na redacção do nosso jornal.

O FESTIVAL DE ROYAN

(Continuação da pag. central)

soluções directas das características aleatórias desta e da sua concepção como uma «forma-processo» ou uma «acção musical».

Quanto a «Genesis», para violino de cordas, do polaco Henryk Górecki, as suas qualidades positivas (uma economia de meios ao nível da linguagem e um inegável poder expressivo) não conseguem esconder a vacuidade dos processos compositivos e o simplismo do sistema de articulação formal.

Se qualquer destas obras não alcançou um nível superior, as três seguintes ficaram ainda muito àquem das primeiras.

As «Variações» para violino, viola, violoncelo e piano de Dan Constantinescu, tal como a obra «Circulaire» de outro compositor romeno (Stefan Zorzor), não passam de meros exercícios formalísticos e académicos com pouquíssima consistência. Outro tanto se poderá dizer do «Canto di Speranza» do romeno-checoslovaco Jan Tausinger, onde uma pulsação vital ou anímica é de todo ausente.

A obra mais interessante de todo o concerto foi, indubitávelmente, «Crible d'Erathosthène» do compositor romeno Anatol Vieru. Exemplar admirável de um novo tipo de humor musical (extremamente pessoal e realizado com uma habilidade e uma mestria modelares), o «Crible d'Erathosthène» vem situar o seu autor com o principal representante da nova escola romena e um dos mais talentosos e inventivos compositores de hoje. O «Crible d'Arathosthène» é bastante mais que uma pequena obra-prima do humor musical; a sua férrea organização interna (que não dispensa até um sistema de ordenação matemática — donde o título) confere-lhe uma solidez e uma coerência notáveis.

VIERU

Anatol Vieru voltou a ser o protagonista do concerto da noite, com uma obra sinfónica de sua autoria: «Écran». A mesma obsessão pela mecânica dos números está na génese desta obra, a par de um sentido da organização temporal muito sensível e seguro. A nível absoluto, «Écran» é uma bela peça sinfónica contemporânea, onde as progressões e os contrastes do material vão constituindo um tecido muito denso e complexo. Trata-se de uma obra verdadeiramente notável, superior mesmo (no ponto de vista puramente musical e compositivo) a «Crible d'Erathosthène».

«Altamira», peça para orquestra e coro de 12 vozes, do compositor húngaro Zsólt Durkó, não impressionou muito favorávelmente. Para além de um lirismo contido e de um sentido expressivo inegável, para além mesmo de uma concepção orquestral bem delineada, a peça de Durkó (inspirada na célebre pintura das grutas paleolíticas de Altamira) revelou uma certa imaturidade de processos compositivos e um hibridismo de linguagem que contribuíram para lhe limitar o alcance estético.

Bruno Maderna veio a Royan dirigir o concerto a que me estou referindo. E apresentou este ano uma obra muito recente: «La Grande Aulodia» para flauta, oboé e orquestra, na qual brilharam a grande altura os solistas Severino Gazzelloni (flautim, flauta e flauta em sol) e Lothar Faber («musette», oboé, oboé de amor e corne inglês). Quando se poderia supor — pelas últimas obras do compositor italiano — que a veia criadora de Maderna estava esgotada, eis que nos é revelada uma obra pujante, rica de invenção, de colorido e de força expressiva; tal é «La Grande Aulodia», uma peça notável de equilíbrio formal e de um elan surpreendente. Particularmente belo e de um encanto inesquecível o final da obra, em que flauta em sol e corne inglês dialogam entre si até se diluírem no registo mais profundo de cada instrumento em «diminuendo».

Como fecho do Festival, B. Maderna dirigiu a célebre obra-prima de Béla Bartók, «Musica para cordas, percussão e celesta» (1936-37), ponto culminante da trajectória do compositor e de toda uma época da música moderna. Com a «Musica para cordas, percussão e celesta», Bartók atinge uma síntese perfeita e homogénea de todos os elementos melódicos, harmónicos e rítmicos da sua linguagem, síntese essa que vem conferir á obra referida a grandeza relativa a um dos momentos máximos da criação artística de todo um século.

Pena foi que a realização desta obra excepcional, apesar de contar com elementos da maior envergadura (o maestro Bruno Maderna e a Orquestra Filarmónica da O. R. T. F.) tenha resultado tão frouxa e imperfeita. Escassez de ensaios? É de crer que sim. Infelizmente, o regime burocrático e perfeitamente inadequado ás exigências de qualidade do nosso tempo que rege as orquestras por esse mundo fora, não poupa nem certos países evoluídos nem orquestras de primeiro plano.

JORGE PEIXINHO

A CAÇA EM PORTUGAL

(Continuação da pág. central)

uma só se faz uma ou duas batidas por ano. Se assim é porque pretenderam o privilégio de caçar todos os dias nelas enquanto para o terreno livre estavam dispostos a legislar os dois dias semanais?! Quem aluga um couto para lhe explorar a caça, que interesse tem em o deixar povoado?!

Por favor, Sr. Dr., meta as mãos lá bem no fundo da sua consciência, e veja, realmente, se pode sentir-se Homem Humano Civilizado, depois de ver a montanha de perdizes mortas. Não, isso não é desporto moral e fisicamente são, e muito menos protector das espécies. É caça de povos primitivos.

Vençam esses instintos e a caça será salva e a honra cinegética também. Tratemos a peça de caça com o respeito que nos merece o adversário diminuído. Deixemo-la atacar primeiro. As armas dela são a ocultação, a fuga e os ziguezagues. As nossas são bem superiores! Deixemos-lhas usar primeiro e não esperemos o seu peito descoberto e confiante, como o traiçoeiro caçeteiro espera o inimigo à esquina.

É URGENTE UMA NOVA LEI DE CAÇA

Deus me livre de não reconhecer a existência de donos de coutadas de nobre elevação moral, dos que a dignidade não vendem por dinheiro, e que fazem de sua coutada como que um jardim, onde de vez em quando se colhem algumas flores para enfeitar a casa ou oferecer aos amigos. Esses são honrosas excepções, afundadas na avalancha da regra da exploração, e vítimas dela, como nós os desportistas de terreno livre, onde tudo também não está são.

É precisa e é urgente uma nova Lei de Caça e ela terá de ser elaborada com a pena dos direitos sociais do Povo, à luz do Evangelho Cristão. V. Ex.ª sabe pela nossa História quanto os nossos Reis e o nosso Povo tiveram de lutar para reprimir abusos e ambições de nobres só de títulos, alienados de ambiciosa arrogância, que por várias vezes enlutaram o País. Que essas lições da História sejam bem interpretadas e façamos delas nosso guia do presente e do futuro.

Desculpe-me V. Ex.ª o tom desta resposta, na compreensão da sua filiação: o campo da Educação em que ganho a vida e sirvo a Nação e o campo do desportivismo cinegético em que me recreio. Este deve ser o culpado da manutenção duma certa irreverência juvenil.

JUSTIFICAÇÃO DA COUTEIRICE

Os meus cabelos grisalhos, de meio século, brilham ainda na esperança de ver progressivamente criar, em cada distrito e em cada concelho do País, autênticas reservas nacionais de caça destinadas a repovoamentos, escolhendo locais que não prejudiquem agricultores. Instaurar coutadas, arbitrariamente, como fazem algumas Comissões Venatórias concelhias, é imoral, e não resolve nada. A caça dá grandes prejuízos nas leiras de que vive. Parece-me estar em tribunal uma queixa contra a comissão venatória daqui. E que se lucrará com estas coutadas?!... Quando abrirem, embora façam a coisa em segredo... cai lá, meio mundo, como tem acontecido noutras e nada fica!

Espero também que os que dizem ser Cristãos, sigam pelo menos a essência de sua moral no grande mandamento adaptado à questão: «Não caces aos outros o que não queres que te cacem a ti».

Espero ainda também que se olhe de alto a questão cinegética. Aquilo que se tem feito mais parece baseado no interesse de alguns que diriam com seus botões: Em terreno livre, quanto pior melhor, para justificação do caminho que aspiramos.

Cá pelo País, têm-se praticado façanhas cinegéticas de verdadeira epopeia digna dum cantor. Se nenhum de génio aparecer antes, eu, que tenho um bocado de veia versejadora, posso fazer rimar as nossas misérias com as vossas léria... e escrevê-las nas fé...

Para mostrar verdades e [clamores
não é preciso estilo de [primores
mas sim almas sem o [ódio e sem a febre
de nos impingir alto por [cabre

Queira aceitar sr. director da «Diana», os meus respeitosos cumprimentos, sem rancor, mas como modesto, convicto, acérrimo e leal adversário de suas retrógadas ideias cinegéticas.

EVARISTO ANTUNES TEIXEIRA

Exposição das futuras instalações da fábrica de leveduras da PROPAM

Com a presença de várias entidades oficiais do sector da Indústria, autoridades políticas e administrativas, organismos ligados ao consumo de fermentos e centenas de industriais vindos de todo o País, inaugurou-se na sede do Grémio dos Industriais de Panificação de Lisboa, a exposição das futuras instalações duma nova fábrica de leveduras, que está a ser erigida em Setúbal pela empresa PROPAM, Consórcio Português de Panificação, S. A. R. L.

Presidiu ao acto o Director do Instituto Nacional do Pão, Eng. Arlindo Cabral, ladeado pelo Delegado deste organismo junto do Grémio dos Industriais da Panificação de Lisboa, Coronel Armando Lopes, Presidente deste Grémio, Sr. Tomé Tavares Dinis e do organismo similar do Porto, sr. José Rodrigues da Silva Jor. e do Sindicato dos Operários e Empregados da Indústria de Panificação do Distrito de Lisboa, Sr. Fernando Pinto.

O Presidente do Conselho de Administração de empresa, Sr. José Ruivo Pedroso, pronunciou uma alocução explicativa da importante iniciativa em curso, e das potencialidades e contributo da PROPAM para a economia nacional.

Esta nova unidade fabril, que dispõe duma área de 35 000 m2, com 350 metros de molhe na zona portuária da cidade, e cujo pavilhão principal, o maior do mundo para o efeito, mede 60 metros de comprimento por 28 metros de altura, está já pronta a receber a respectiva maquinaria.

Entrou-se assim na segunda e ultima fase deste importante empreendimento, que é a montagem do equipamento, o qual está a ser construído, em grande parte em Portugal.

Durante uma semana estarão expostas ao público, das 19 às 22 horas, duas interessantes e elucidativa maquetas, assim como documentação fotográfica, das instalações, equipamento e localização da nova fábrica de leveduras e do complexo industrial da PROPAM.

DONATIVOS PARA O CENTRO ALVES REDOL

VILA FRANCA DE XIRA, 15 — Vinte e três trabalhadores de Atães com um donativo conjunto de 50$00 estão entre os últimos contribuintes para a Comissão Pró-Centro Popular Alves Redol, que tem estado a recolher fundos destinados à instalação do referido Centro e de um Museu Alves Redol, e bem assim à execução de uma obra escultórica para a campa do escritor e de uma placa para assinalar a casa em que nasceu.

Segundo a lista agora divulgada, as contribuições ascendem já a 13 272$50. Na sua maioria trata-se de donativos modestos de gente do povo muitos deles não ultrapassando os 2$50. Provenientes conhecidas: Penche, Seixal, [illegible] e Caxias.

«DIÁRIO DE LISBOA»

No regresso da sua viagem ao Ultramar, em missão pedagógica, o sr. prof. dr. Dacla Soares enviou-nos amável ofício de agradecimento ao «Diário de Lisboa» pelo interesse dispensado à reunião da Europa Médica, à qual o cientista português presidiu.

GABINETE DE ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE

Serviços de Administração de Propriedades Urbanas, incluindo selecção de inquilinos, contratos, controlo de conservação e Fiscalidade, processados por organização e equipamento ultra-modernos.

Consulte-nos. Teremos muito prazer em apreciar o seu caso e propor-lhe a solução adequada.

Rua Pinheiro Chagas, 70-1.º, dt.º — Telef.. 53 39 30

LISBOA-1

Nos Sunbeam "Avenger" 1250/1500
conseguimos uma mistura
verdadeiramente embriagadora.
Classe e acabamentos como só os ingleses
sabem dar aos seus carros.
Um consumo escocês que fará o desespero
dos vendedores de gasolina.
Uma resistência de material extraordinária,
à laia de mineiro do País de Gales.
A este «cozinhado» de qualidades juntámos,
como sal e pimenta,
o temperamento irlandês.
Genica, vivacidade, rapidez, fogosidade.
Sunbeam — um britânico
com temperamento irlandês, consumo escocês,
resistência galesa e classe inglesa.

CHRYSLER
DE PORTUGAL

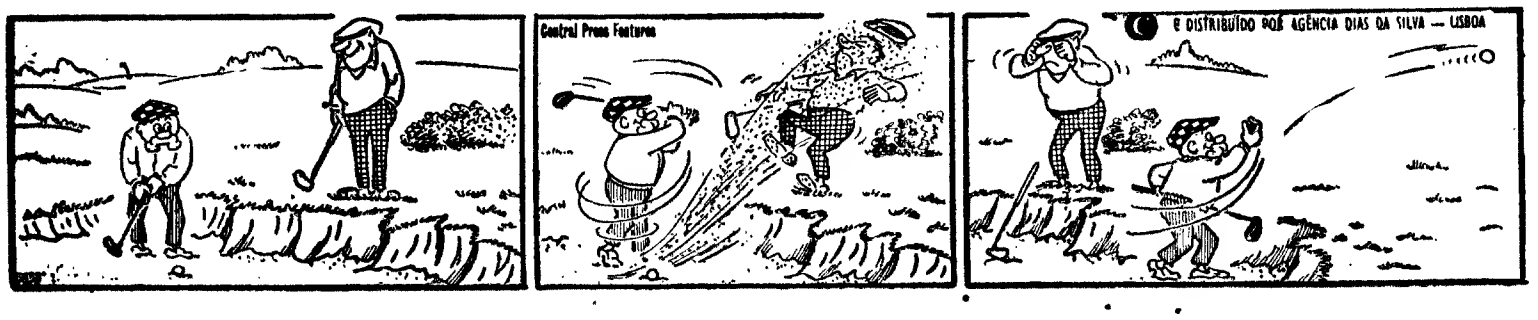
AGENTES EM TODO O PAÍS
Visite o seu agente Sunbeam/Chrysler e admire os Sunbeam "Avenger" 1250/1500

CINEVOZ 58-71-

OS PEANUTS

CAROL DAY

AVENTURAS DO TIO CARLOS



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 15 de Junho de 1941 publicava:

HELSINQUIA, 15 — As autoridades finlandesas informam que, entre os dias 5 e 10 do corrente mês, desembarcaram novos e importantes contingentes de tropas expedicionárias alemãs em diferentes portos da costa da Finlandia, assim como enormes quantidades de material de guerra, mas que nem um só soldado alemão ficou em território finlandês.

Acrescentam que todas estas forças militares e material de guerra seguiram para Narwik, na Noruega, onde os alemães continuam a concentrar grandes quantidades de forças militares.

ARROZ
agulha
«MOÇAMBIQUE»
ARROZ
«TREVO»
Especiarias
«TREVO»
3 produtos procurados de alto renome
Distribuidores
A. D. Oliveira Magalhães
EXPORT — PORTO

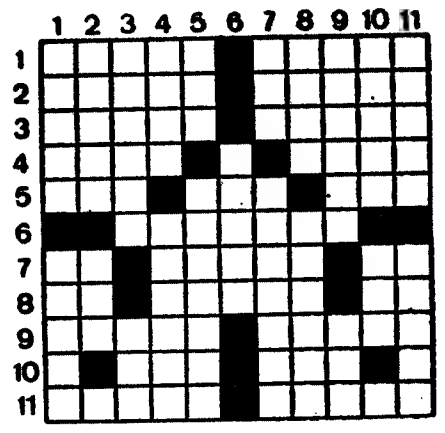
Palavras cruzadas

PROBLEMA N.º 5923

(COM PROVÉRBIO)

HORIZONTAIS: 1 — Lhamas. Plantas que vivem no fundo ou á superfície das águas salgadas e doces. 2 — Mimo. Mãe. 3 — Magrizela. Levar á sirga. 4 — Viela. Doença que dificulta a respiração. 5 — Ena. Medida de líquidos usada na Holanda. Preposição. 6 — Sobejara. 7 — Nota musical. Freguesia do concelho e distrito de Viseu. Dois mil em romano. 8 — Deusa da Lua entre os Egípcios. Rezara. Pronome pessoal. 9 — Soluçai. Cidade dos Estados Unidos. 10 — Estava. Cidade de França. 11 — Angras. Liça.

VERTICAIS: 1 — Devora (fig.) Partida. 2 — Agucei. Seguiam. 3 — Fixar. Preposição. 4 — Ingreme (fig.) Repetira (fig.). 5 — Ecoa. Guarnecería de asas. 6 — Culpa. 7 — Nome de letra. Sái cedo. 8 — Feitio (pop). Continuar. 9 — Densa. Nome de várias plantas do Brasil. 10 — Fio de latão. Dois mil e cem em romano. 11 — Curam. Enredo (fig.).



Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5922

HORIZONTAIS: 1 — Ravel. Doido. 2 — Eles. Testa. 3 — Mim. Cosso. 4 — UM. Canta. Dá. 5 — Airar. MAL. 6 — Estar. Usara. 7 — Rio. Elias. 8 — Agora. Me. 9 — Arabá. Mit. 10 — Piora. Sire. 11 — NUNCA. Comas.

VERTICAIS: 1 — Remunerar. 2 — Alim. Sim. Pu. 3 — VEM. Ato. Ain. 4 — És. Cia. Cara. 5 — Carregara. 6 — Tana. Loba. 7 — Destruiro. 8 — Ossa. Soa. Só. 9 — Ito. Mas. Mim. 10 — Da. Mira. 11 — Palacetes.

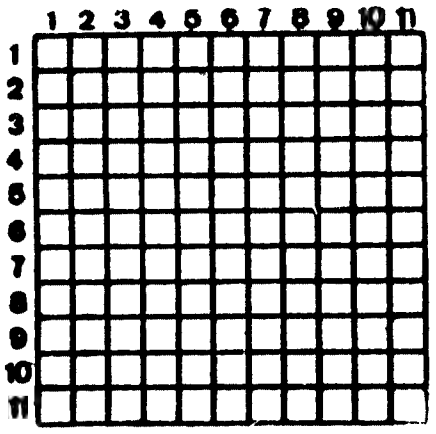
PROVÉRBIO: **Um mal, nunca vem só.**

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9766

HORIZONTAIS: 1 — Navios. Novecentos e três em romano. 2 — Título e senhores feudais e de outras personagens. Elemento que entra em algumas palavras com o significado de ar. 3 — Conduz á força. 4 — Em partes iguais. Equipa. Pronome pessoal. 5 — Cidade de França. Oásis. Rota. 6 — Lavrar. Freguesia do concelho de Mondim de Basto. 7 — Pronome pessoal. Abreviatura que se usa em música. 8 — Rio de França. Por baixo de. Governanta. 9 — Higiénica. Azedos. 10 — Perdida. 11 — Primeiro sumo. Sacerdote dos Hebreus. Palmeiras da Amazónia.

VERTICAIS: 1 — Página (abrev.) Dilatado. 2 — Pertences. Três iniciais que se encontram juntas em muitas passagens bíblicas com o significado de Ah! Oh! Palmeira da Amazónia. 3 — Liga. Atar. 4 — Rã (pop). Ouro (s. q.) Empunhei (Inv.º). 5 — Cortar com serra. O mesmo que alburno. 6 — Âmio. Porco. 7 — Ligara por casamento. Uma das ilhas de Sunda. 8 — Causei. Freguesia do concelho de Mogadouro. Chega. (fig.) 9 — Tempo do verbo ir. Restaurar. 10 — Satélite de Jupiter. Trifurca. Montão. 11 — Moral. Vivendas.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9765

HORIZONTAIS: 1 — Al. Viseu. Sc. 2 — Som. Mas. Aar. 3 — Irós. Arco. 4 — Apresentara. 5 — Armo. Aida. 6 — Gil. 7 — Ar. Praga. Ab. 8 — Lásio. Ávida. 9 — Omar. Isar. 10 — Moira. Clama. 11 — Essas. Caras.

VERTICAIS: 1 — Ásia. Salomé. 2 — Lorpa. Ramos. 3 — Morne. Sais. 4 — Sem. Birra. 5 — Im. Sogro. As. 6 — Sabe. Ia. 7 — És. Nalga. CC. 8 — Ati. Ávila. 9 — Arada. Isar. 10 — Saara. Adama. 11 — Croa. Toaras.

CCN companhia colonial de navegação

PARTIDAS	DESTINOS
	LINHA DE ÁFRICA
«GANDA» a sair em 18 de Junho	Com escala por LEIXÕES, para: PRINCIPE, S. TOMÉ, LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO, MOÇÂMEDES e PORTO ALEXANDRE (se necessário) Carrega até 16 de Junho
«LUANDA» a sair em 28 de Junho	Com escala por Leixões para: LUANDA, LOBITO, MOÇAMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 22 a 26 de Junho
«INFANTE D. HENRIQUE» a sair em 2 de Julho ás 12 horas	Com escala pelo Funchal para: LUANDA LOBITO CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES BEIRA Carrega de 26 a 30 de Junho
«UIGE» a sair em 7 de Julho ás 12 horas	Com escala por Las Palmas para: LUANDA, LOBITO MOÇÂMEDES. Carrega de 1 a 5 de Julho
«LOBITO» a sair em 9 de Julho	Com escala prévia por Leixões para: LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA (se necessário) Carrega em Lisboa de 2 a 7 de Julho.
«AMBOIM» a sair em 20 de Julho	Com escala prévia por Leixões para: CABINDA, LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, NOVO REDONDO (se necessário).
«IMPÉRIO» a sair em 23 de Julho ás 12 horas	Com escala prévia por Leixões para: FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA Carrega de 16 a 21 de Julho
	LINHA DA AMÉRICA CENTRAL
«SANTA MARIA» a sair em 10 de Julho às 16 horas	Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: TENERIFE, PORT EVERGLADES (MIAMI), LA GUAIRA e CURAÇAU

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens.

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telefs. 36 96 21/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Telef. 2 33 42

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Maraquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

LUSTRES
de confecção esmerada cores maravilhosas fazem lares lindos
Fábrica, Av 5 de Outubro 208, r/c., Esq (Ao Campo Pequeno).
Telefone 77 16 39
VENDA AO PUBLICO

Congressistas da I. A. A. num espectáculo de folclore

DISCUTIDO HOJE NO ESTORIL O REGULAMENTO ORGÂNICO DA I. A. A. CUJO CONGRESSO SE INAUGURA AMANHÃ

O Conselho Mundial da International Advertising Association (I. A. A.), constituído por delegados eleitos pelos Conselhos nacionais, principiou esta manhã no Estoril, antecedendo o 22.º Congresso Mundial da I. A. A., cuja inauguração ocorre amanhã sob a presidência do Chefe do Estado.

A reunião desta manhã, presidida pelo prof. Jere Patterson, compreendeu 150 pessoas.

Tomia em discussão: alterações ao regulamento orgânico da Associação.

Para além deste assunto, a reunião deu ensejo á apresentação de comunicações de Kenneth Godfrey, Jean-Max Lenormand e Alfred L. Hollander, que abordaram, respectivamente, os seguintes temas: «Quem somos, donde viemos, para onde vamos?», «Estrutura e organização da I. A. A.» e «Financiando o futuro da nossa Associação».

No plano das actividades sociais, efectuadas á margem do programa de trabalhos, assumiu especial relevo o almoço oferecido aos membros do Conselho Municipal da I. A. A. pelo presidente da Junta de Turismo da Costa do Sol.

Presidiu ao almoço (Casino Estoril) o ministro do Ultramar, prof. Silva Cunha.

No decorrer do almoço actuou o Coral Académico da Procuradoria dos Estudantes Ultramarinos — e, no fim, o prof. Jere Paterson, presidente mundial da I. A. A. e presidente internacional do Congresso, distinguiu com uma medalha Johan-Otto Schmith, «pela brilhante acção que desenvolveu como «chairman» do Congresso efectuado há dois nos em Copenhague».

Esta noite, o programa social elaborado com a finalidade de proporcionar aos congressistas a possibilidade de um mais estreito convívio, não apenas entre si, mas na intimidade das famílias portuguesas, deu origem á realização de uma série de festas particulares, oferecidas não só por organizadores do Congresso, como por outras destacadas individualidades do nosso meio.

O Grupo de Fados do Orfeon Académco de Coimbra, que recentemente regressou do Brasil, onde alcançou grande êxito, exibe-se amanhã em Lisboa, no Castelo de S. Jorge, numa recepção integrada no programa social oferecido aos participantes do 22.º Congresso Mundial da I. A. A.

CONSELHO INTERNACIONAL DE AUTORES LITERÁRIOS

PROPOSTO UM INQUÉRITO À LIBERDADE DE EXPRESSÃO

Um inquérito sobre as limitações de liberdade de expressão dos escritores foi sugestão esta manhã apresentada por Luís Francisco Rebelo na última sessão de trabalhos do Conselho Internacional de Autores Literários, reunida em Lisboa por iniciativa da Sociedade Portuguesa de Autores.

Foram ainda tratados os seguintes problemas: reforma do escritor, direitos de adaptação de obras literárias á Rádio e á Televisão e divulgação da actividade, a nível internacional, das Sociedades de Autores dos países membros

A noite, efectua-se um jantar de convívio em que participam Pierre-François Caillé, Jean-Alexis Ziegler, Alba de Cespedes, Robert Dupuy, Luís Francisco Rebelo, Jean Albert-Sorel, Albe e Marcel Waroux, Train Ianou, Vinzens Cespedes, Robert Dupuy, Luís Badewitz e Jean Beaufays.

O JULGAMENTO DO CASO DA HERANÇA SOMMER

A 138.ª sessão o julgamento do caso da herança Sommer, a decorrer no 1.º Juízo Criminal de Boa Hora, começou praticamente com uma resposta do representante do Ministério Publico, dr. Antero Dinis, a um requerimento do advogado do réu revel, dr. Palma Carlos. A primeira parte da sessão, porém, realizou-se no gabinete do corregedor dr. Bernardino de Sousa, na esperança de que a sr.ª D. Maria Isabel de Brasão Sommer viesse ultimar as suas declarações, o que não aconteceu, devido a grave doença daquela idosa senhora.

Sobre a ausência da referida senhora, o Tribunal consignou o seguinte despacho:

«A declarante Maria Isabel Brazão de Sommer tem a sua residência fora da comarca de Lisboa, pelo que o tribunal não pode tornar obrigatória a sua presença neste julgamento. Consequentemente, nem sequer tem que justificar a sua falta. Aliás, de modo semelhante, decidiu o tribunal em relação á declarante e ofendida Maria Helena Brazão de Sommer (filha daquela, que reside nos arrabaldes do Porto). a terminar:

«No entanto, o tribunal decide que, decorridos dez dias, se remeta ofício precatório á comarca de Cascais, a fim da referida declarada ser notificada a comparecer, em qualquer audiência.»

Como se disse, o início da sessão girou em torno do requerimento do dr. Palma Carlos em que se pedia a prisão imediata do sr. Carlos Champalimaud, com fundamento em declarações falsas por este prestadas em julgamento e trazidas á luz de publicidade, enquanto tais, pelo dr. Bustorff Silva, através de uma extensa carta publicada em vários jornais. Pronunciou-se em primeiro lugar o dr. Antero Dinis que concluiu não ter lugar a prisão de Carlos Champalimaud. Sobre o assunto falou também o dr. Filindo Elísio que, depois, requereu a junção de uma carta escrita em 6 de Maio de 1959 por Carlos Champalimaud á administração do Banco Lisboa & Açores. O patrono do réu revel, dr. Palma Carlos comentou que a carta «não oferece qualquer garantia de autenticidade, não tem qualquer relação com o requerimento formulado pelo réu».

Após reunião do colectivo, o juiz presidente exarou o seguinte despacho:

«A prisão do que presta declarações falsas só pode ter lugar em flagrante delito e quando essas declarações recaírem sobre factos essenciais da causa Tal doutrina se extrai tanto dos princípios que regulam a prisão sem culpa, formada, como do preceito, aplicável ao art.º 442.º do Código de Processo Penal e não a art.º 241.º invocado pelo réu revel.»

Acrescentando:

«Na hipótese «sub judice» nenhum daqueles requisitos se verificam — portanto o tribunal indefere o requerido (detenção do assistente Carlos Campalimaud».

O julgamento continua esta tarde, Entretanto, nova matéria está anunciada: o caso da Transformal, na qual é acusador o Ministério Publico e réus os srs. António e Henrique Crampalimaul.

TERMINOU ESTA TARDE A CONFERÊNCIA DA I. M. A.

Com um almoço no Restaurante Muchaxo, terminou hoje, ao princípio da tarde, a Conferência da I. M. A. (International Markets Advertising), que, organizada pela Belarte, decorreu desde domingo no Hotel Estoril-Sol.

Esta manhã, os congressistas participaram numa reunião de trabalho em que foram apreciados relatórios do progresso da Associação e de novos negócios. O programa de ontem foi preenchido com três sessões, na primeira das quais, além do sr. António Coelho, presidente da Conferência e director-geral da entidade organizadora, falou o sr. George Stewart, presidente mundial da I. M. A.

George Stewart felicitou a Belarte pelo cuidado posto na realização da Conferência e propôs o alargamento da organização, de modo a que, dentro em pouco, a I. M. A. se transforme numa grande agência a nível internacional que congregue todos os membros — a International Markets Advertising Agency.

Foram, depois eleitos presidente e secretário-geral da I. M. A., respectivamente, os srs. Felix Wood, da Nova Zelândia, e Lennart Isacson, da Suécia. Continuará no cargo de tesoureiro o sr. Ole Stig Lommer, da Suécia.

No prosseguiumento dos trabalhos, os congressistas aprovaram diversas alterações aos regulamentos da organização. A noite, no Restaurante Folclore, houve um jantar, após o qual o respectivo «show» privativo se exibiu em números típicos portugueses.

«SEU NOME PRÓPRIO, MARIA SEU APELIDO, LISBOA»

Assinada pelo sr. dr. David Mourão-Ferreira recebemos a seguinte carta:

«Ex.mo Senhor Director:

Tendo estado ausente no estrangeiro, só agora me chegou ás mãos um recorte do jornal que V. Ex.ª dirige, com data de 31 de Maio passado, e em que — sob o título «Seu nome próprio Maria, seu apelido Lisboa»... — se publica uma pequena entrevista comigo (!)... «acerca da obra de saneamento e limpeza das ruas» da cidade. Como se trata de uma entrevista inteiramente forjada, peço a V Ex.ª o obséquio de fazer publicar, juntamente com esta carta, o seguinte esclarecimento:

a) ninguém me procurou em nenhum café do Chiado (não frequento, aliás, nenhum café do Chiado) para obter a referida entrevista:

b) não disse absolutamente a *ninguém* as ridículas palavras que aí se me atribuem;

c) considero o facto em questão. não só atentatório da minha dignidade, como um caso flagrante de «abuso de confiança».

O que simplesmente se passou — e penso que esteja na origem de semelhante documento apócrifo — foi o seguinte:

Recebi, há cerca de um mês, um telefonema do publicitário e poeta sr. José Carlos Ary dos Santos, o qual, na primeira destas qualidades, me perguntou, no ambito de um rápido inquérito que me disse estar realizando ao serviço da Camara Municipal de Lisboa, se eu já *vira* os novos «receptáculos para papéis» que esta entidade tem colocado na cidade e se *achava* bem a referida iniciativa, ao que, pela minha parte, me limitei a responder que sim, que achava bem — e nada mais. Tudo o que exorbita desta lacónica resposta não é pois da minha responsabilidade. O seu a seu dono: figurem portanto, doravante nas «obras completas» de outrem, que não eu, os termos poéticos e publicitários que indevidamente me atribuiram...»

*

N. da R. — *O texto referido na carta do sr. dr. David Mourão-Ferreira foi elaborado pela agência de publicidade que está a distribuir, por alguns jornais portugueses, uma série de anuncios sobre saneamento e limpeza das ruas de Lisboa.*

Não competia a este jornal, como é óbvio, pôr em dúvida que o sr. dr. David Mourão-Ferreira fora antecipadamente contactado no sentido de permitir que o seu nome se inscrevesse no texto do anuncio em questão, ainda por cima tratando-se de um tema que interessa às pessoas mais directamente relacionadas com a vida lisboeta ás que nela se impõem, como ás que dela de algum modo beneficiam.

A MAIORIA ESTÁ DE ACORDO

ao aplicar os seus capitais em **J. PIMENTA, SARL**

Compre também propriedades e o seu capital **valorizar-se-á** ao mesmo tempo que lhe proporciona um óptimo rendimento.

Informações:

Lisboa: Pr. Marquês de Pombal, 15

Tel. 45843 - 47843

Actualidade internacional

DAYAN EM JERUSALÉM:

ISRAEL NÃO CRUZARÁ OS BRAÇOS PERANTE OS ATAQUES A NAVIOS

JERUSALÉM, 15. — (A. N. I. e R.) — O ministro da Defesa de Israel, Moshe Dayan, avisou a noite passada que Israel «não ficaria de braços cruzados» enquanto guerrilheiros árabes atacavam navios israelitas ou barcos navegando para este país.

Discursando perante uma audiência de estudantes da Universidade Hebraica, nesta cidade, disse que navios israelitas não seriam «patos nadando ou uma presa fácil».

Fora perguntado a Dayan se Babel-Mandeb, onde o petroleiro «Coral Sea», registado na Libéria, fora atacado na sexta-feira teria de ser defendido por Israel como era Sharm El-Sheikh, à entrada do golfo de Aqaba. O petroleiro seguia para Eilat, com uma carga de petróleo para Israel.

«Não podemos ocupar todos os estreitos do mundo e ataques podem mesmo ser perpetrados no mar alto» — replicou o ministro. Observou, porém, que medidas sérias seriam tomadas para proteger a navegação israelita.

Notou que o ataque contra o «Coral Sea» não afectava apenas Israel, mas era um caso de preocupação para todos os países.

Yrsael Baluli, ministro sem pasta e íntimo confidente da senhora Golda Meir, primeiro-ministro, declarou no comício do Partido Trabalhista que se efectuou a noite passada em Hedera que o ataque contra o petroleiro era um precedente contagioso e que seria loucura para outras nações pensarem que era algo que unicamente afectava os interesses de Israel.

Moshe Dayan denunciou também «as dimensões sinistras» pelo empenhamento soviético no Egipto. Segundo ele, essas dimensões são de tal ordem que «doravante é inconcebível imaginar o Egipto sem soviéticos para o armar e equipar».

O ministro israelita da Defesa é de opinião que «os Estados árabes, neste momento, se inclinam mais para a guerra do que para a paz». Dayan rejeitou, entretanto, a ideia de um pacto israelo-americano, semelhante ao que foi assinado entre o Egipto e a União Soviética.

Dayan atacou violentamente as teses do seu cunhado, general Ezer Waizman, que preconiza um ataque contra o Egipto, a fim de provocar a rendição definitiva do Exército egípcio.

«A nossa tarefa não é destruir o Egipto, ocupar o Cairo e instalar aí um governo de fantoches. Isso não serviria nem os nossos interesses nem as nossas futuras relações com os árabes e ainda menos as de Israel com os Estados Unidos e a U. R. S. S.», declarou o ministro da Defesa.

FUSÃO DE JORNAIS LIBANESES

BEIRUTE, 15 (F. P.) — A fusão dos dois jornais de língua francesa matutinos, «L'Orient» e «Le Jour», é, desde esta manhã, o facto consumado.

No seu primeiro editorial, «L'Orient-Le Jour» salienta que esta fusão consagra a evolução profunda ocorrida no pensamento da política libanesa.

AS ARGÉLIAS DOS E.U.A.

(Continuação da 3.ª página)

presentações nas diferentes capitais latino-americanas. Os projectos deveriam nascer nos próprios países e não necessàriamente em Washington.»

É evidente que se tornou necessária uma coordenação neste sector. A Costa Rica assistiu, recentemente, à chegada de oito missões diferentes representando, entre outros, o B. I. R. D., o B. I. D. a A. I. D (Agência Americana para o Desenvolvimento), o Banco Americano Import-Export... O sr. Carlos Sanz de Santa María, presidente de um C. I. A. P. (Comissão Interamericana da Aliança para o Progresso) que deseja sobreviver a despeito das reservas oficiais de Washington em relação à Aliança, está convencido de que o organismo que dirige se encontra perfeitamente em condições de desempenhar este papel de «coordenador».

«Em 1961, em Punta del Este, diz ele, tínhamos desprezado dados elementares: a taxa de crescimento demográfico, o avanço tecnológico, as migrações internas. Devemos dar início ao novo decénio do desenvolvimento com um espírito novo, elaborar um plano de acção racional. O C.I.A.P começou a estudar a situação económica dos diferentes países da América Latina com os mesmos métodos que a O. C. D. E. É certo que o Congresso de Washington não mostra muito interesse por nós neste momento. O senador Fulbright disse-me: «O fim da guerra do Vietnam é uma prioridade absoluta...» Mas penso que os americanos se aperceberão, depois do Vietnam, que a América Latina constitui a sua verdadeira prioridade. Se não se encontrarem a tempo soluções razoáveis, não se poderão evitar surpresas muito desagradáveis...»

... E RESTRIÇÕES DA A. I. D.

Por agora, os Estados Unidos não renunciaram a considerar «o auxílio económico» um simples complemento do «auxílio militar», estando o volume do primeiro a diminuir constantemente. «A A. I. D.» — declara o professor Edward S. Mason — procura formular para os países beneficiários uma estratégia de auxílio a longo prazo que pormenoriza os interesses dos Estados Unidos nos sectores económicos, políticos e de segurança, e as condições permitem alcançar estes objectivos bem como os instrumentos pertinentes da política externa» (3).

O presidente Nixon submeteu ao Congresso um projecto de «desmantelamento» progressivo da A. I. D., a qual seria substituída por duas novas organizações: uma corporação internacional no Terceiro Mundo, e um instituto internacional de desenvolvimento responsável pelos estudos de projectos e pela administração do auxílio técnico. Duas considerações fundamentais parecem inspirar Nixon e os seus conselheiros mais íntimos: 1) ajudar os «pobres do mundo» é uma responsabilidade internacional, participando os Estados Unidos de uma maneira «mais modesta»; 2) os capitais privados deveriam ser mais solicitados. Como o ano fiscal termina em Junho próximo, é, de qualquer modo, duvidoso que o projecto de Nixon possa ser sèriamente examinado no Congresso, mas a A. I. D. já deu início a um processo de retracção do seu pessoal e das suas operações no Terceiro Mundo, particularmente na América Latina.

Uma reflexão, mesmo sumária, sobre o problema do «auxílio» ao Terceiro Mundo pelas nações industrializadas sugere, naturalmente, controvérsias e põe a descoberto as ambiguidades desta complexa questão. Na sua imensa maioria, a opinião norte-americana está persuadida de que o «auxílio» dos Estados Unidos é generoso, despido de toda e qualquer consideração económica ou estratégica. A opinião francesa partilha da mesma convicção no que diz respeito ao «auxílio» da França ao Terceiro Mundo e à África em particular. Propor uma melhor utilização dos créditos da A. I. D. um alijamento do «fardo» dos Estados Unidos é uma opção que tem todas as probabilidades de ser bem acolhida pela «maioria silenciosa», mesmo que uma notável fracção de membros do Congresso não desconheça as verdadeiras motivações e a estratégia do movimento.

QUEM AJUDA QUEM?

A visão dos economistas e dos sociólogos liberais, nos Estados Unidos e na América Latina, é diferente. Eles calculam, para utilizar uma fórmula do senador Fulbright, que «a Agência Americana para o Desenvolvimento é, em primeiro lugar, um filho da guerra fria». Censuram o programa de auxílio dos Estados Unidos pelo facto de estar pejado de condições que «favorecem mais o dador que o recipiendário». Galo Plaza, secretário-geral da O. E. A., pergunta: Quem ajuda quem? .. aludindo ao facto de, em 1968 «o volume total de capitais em circulação entre os Estados Unidos e a América Latina indicar um saldo favorável de 500 milhões de dólares para os primeiros».

«Não desejamos continuar a ser periféricos», proclama enèrgicamente, por seu turno, Raul Prebisch, aplaudido na reunião da C. E. C. L. A., em Vina del Mar,, em Maio de 1969, pela maioria dos dirigentes e das «élites» da América Latina (4). Mas é evidente que o Congresso dos Estados Unidos, preocupado com a guerra do Vietnam e os formidáveis problemas internos, se encontra menos do que nunca em condições de considerar favoràvelmente o caderno de queixas de Vina del Mar: supressão dos créditos ligados (tied loans), harmonização dos empréstimos, diminuição das taxas de juro, afrouxamente das barreiras alfandegárias que bloqueiam as exportações latino-americanas para os Estados Unidos, estabilização dos preços das matérias-primas através da procura de acordos internacionais.

Todavia, não é possível dissociar a questão do «auxílio público» da dos investimentos privados, na medida em que as duas estão, efectivamente, estreitamente ligadas e são interdependentes.

Na maioria dos casos, o financiamento externo a longo prazo por organismos americanos (como a A. I. D.) ou multinacionais (como o Banco Mundial) implicam vantagens visíveis ou invisíveis para as sociedades norte-americanas ou multinacionais (mas cujos centro de decisão se encontram geralmente nos Estados Unidos). «De 1950 até hoje, diz, ainda, Raul Prebisch, o aumento da entrada líquida de recursos tem sido muito inferior ao efeito de deterioração da relação dos preços...» (4). E acrescenta: «O desenvolvimento interno suscita problemas de que não suspeitávamos no passado. Surgem novas forças que já não desejam ser simples espectadores, mas sim protagonistas...»

(1) Um empréstimo excepcional (e ainda não utilizado) de 30 milhões de dólares foi concedido pelo Banco Mundial ao Peru, após o tremor de terra de 31 de Maio de 1970.

(2) Le Monde de 5 de Fevereiro de 1971.

(3) Foreign Aid and Foreign Policy, citado por Celso Furtado em «Os Estados Unidos e o subdesenvolvimento da América latina». Calmann Lévy.

(4) Transformacion y Desarollo, Raul Prebisch, B. I. D., Washington.

EM AVEIRO STOP
CENTENÁRIO SNACK BAR 100 AVEIRO
LARGO DO MERCADO, 9

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO À INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

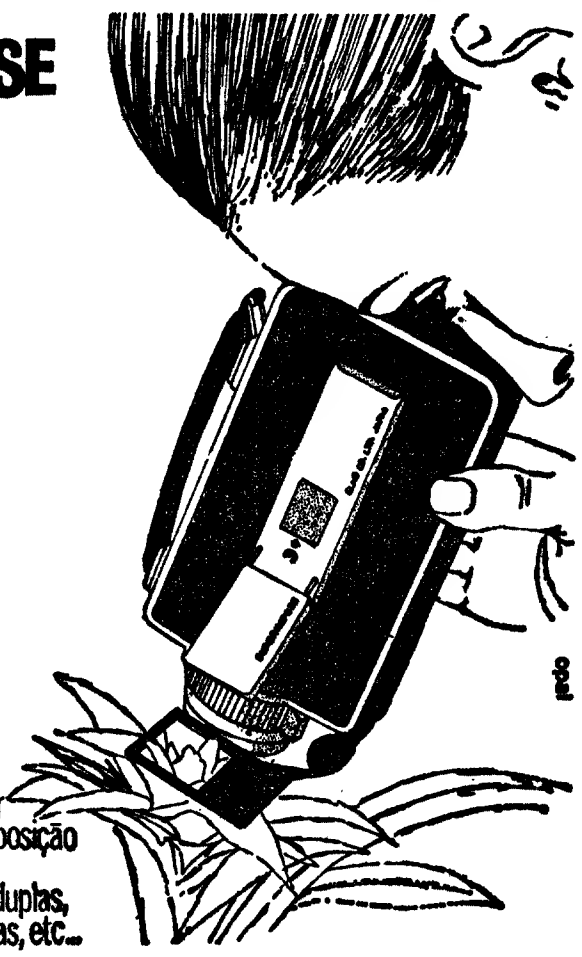
ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA para o estabelecimento na freguesia e concelho de Palmela, de uma modificação da linha aérea a 6 kV RA (06-6-4-2), para o posto de transformação 15-2-040 Vargem, sem aumento de comprimento e incluindo a substituição e o deslocamento do apoio n.º 5.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 3 de Junho de 1971.

O Engenheiro Chefe
GUILHERME MARTINS

novidade
EL-MO
SUPERIMPOSE
S-103-T
STRELITZIAS
STRELITZIAS

uma nova maneira de fazer os seus filmes com sobreposição de legendas, reproduções de diapositivos, filmagens duplas, filmagens ultra aproximadas, etc...
EXL
EM EXPOSIÇÃO NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA STAND 721 • PAVILHÃO-F
REPRESENTANTES EM PORTUGAL
EMÍLIO DE AZEVEDO CAMPOS & C.ª, L.DA PORTO-LISBOA

ITÁLIA: Ganhos eleitorais neofascistas à custa dos democratas - cristãos

(Continuação da 1.ª página)

ceira maior força política naquela região autónoma, logo após a Democracia-Cristã e o Partido Comunista.

Giorgio Almirante, o chefe do Partido, declarou-se muito satisfeito com os resultados obtidos, que considerou um triunfo para a extrema direita, a unica que saiu reforçada das eleições regionais.

Também em Roma, depois de contados quase todos os votos, a percentagem do M. S. I. tinha passado de 10,7 por cento nas ultimas eleições para 15,8 por cento. Na província de Foggia os neo-fascistas tiveram um aumento de 4 por cento nos votos e em Abril de 2,6 por cento.

Estas eleições regionais, em que tomaram parte mais de sete milhões de eleitores foram o primeiro teste a que se submeteu o Governo de Emílio Colombo constituído há dez meses e receia-se que a quebra sofrida pelos democratas cristãos possam colocar em perigo a estabilidade da coligação que formam com os socialistas e sociais democratas.

Na Sicília o partido governamental perdeu sete lugares e 6,4 por cento dos votos e em Roma sofreu uma quebra de 3,8 por cento.

Os observadores atribuem o desvio do eleitorado para a direita a a perda de apoio sofrida pelo Governo, ao clima de instabilidade e violência que alastra, ao mesmo tempo que a situação económica e as greves se agravam.

Arnaldo Forlani, o secretário do Partido Democrata Cristão, comentou que esta viragem á direita «infelizmente é completamente negativa e perigosa, constituindo um resultado que agrava todos os problemas e em nada contribui para os resolver.»

Para Luigi Longo, secretário-geral do Partido Comunista, «a Democracia Cristã paga com graves perdas a favor do Movimento Social Italiano o haver cedido no capítulo das reformas e o facto de se haver lançado em ataques aos sindicatos. Além disso, os resultados constituem um aviso contra o perigo das tentações da direita e da subversão e um motivo de profunda reflexão para as forças da esquerda católica e para todas as forças democráticas e antifascista». «É preciso que, juntos, enfrentemos a ameaça da direita e realizemos uma verdadeira viragem renovadora» — concluiu.

Esta cadeira, designada por variável, destina-se a crianças de idade compreendida entre os 2 e os 8 anos. Isto é: ajustamentos sucessivos permitem que a cadeira (patente inglesa) acompanhe o desenvolvimento físico da criança

A POLUIÇÃO MATA ANIMAIS EM JARDINS ZOOLÓGICOS

NOVA YORK, 15 — (F. P.) — Morrem de cancro pulmonar os animais de certos jardins zoológicos dos Estados Unidos.

«Pasha», tigre fêmea de 8 anos, do «Zoo» de Philadelphia, sucumbiu o mês passado com um cancro no pulmão. Os veterinários atribuíram a morte a poluição atmosférica.

Nos jardins zoológicos de Staten Island e de Bronx, a poluição é também posta em causa. Atribuem-se várias mortes ás partículas de chumbo dos gases de escape dos automóveis.

Segundo os especialistas, os felinos são os mais afectados, por terem o hábito de lamber o pêlo e este retém as partículas de chumbo.

Em contrapartida, até agora não se observou qualquer caso de cancro do pulmão nos animais que vivem em celas envidraçadas.

Os médicos tentam salvar dois sobreviventes dos gémeos australianos

SYDNEY, 15 — (R.) — A equipa médica que procura salvar os dois sobreviventes dos nove gémeos Drobrick anunciou a noite passada que o estado de saúde dos bebés causava grande preocupação.

Das nove crianças nascidas há dois dias resta agora um casal. O rapaz pesa 840 gramas e a irmã 450 gramas. Qualquer dos dois não registou melhoria durante o dia de ontem mas a sr.ª Drobrick está em franca convalescença.

O marido, Leonard Drobrick, negociante de carnes, passou hoje várias horas com a mulher que, entretanto, já foi informada da morte dos filhos.

O Royal Hospital anunciou esta manhã, no espaço de duas horas, que duas das crianças tinham morrido. Uma das mortes foi inesperada pois o bebé era o mais pesado dos gémeos, pois pesava quase um quilo.

No boletim anterior o hospital informava que as sete crianças que ainda estavam vivas tinham todas a mesma probabilidade de se salvar.

Entretanto, soube-se que a mãe deve ter alta dentro de 15 dias.

PENA DE MORTE COMUTADA NO BRASIL

RIO DE JANEIRO, 15 — (R.) — O Supremo Tribunal Militar comutou para prisão perpétua a primeira pena de morte decretada no Brasil desde a sua imposição em Setembro de 1969.

A noite passada, o tribunal, constituído por 10 juízes militares e quatro civis, comutou a pena de morte a Theodomiro Romeiro dos Santos, de 19 anos, tendo em atenção a sua idade. Theodomiro dos Santos tinha sido condenado na Baía pelo tribunal especial que julga os crimes contra a segurança nacional, por ter morto um sargento da Força Aérea que lhe dera voz de prisão.

O Supremo Tribunal absolveu também Paulo Cortes da Silva, que fora julgado por cumplicidade na morte do sargento, mas não havia provas suficientes da sua culpabilidade.

Aumentou para 13 300 a emigração de portugueses para os EUA

WASHINGTON, 15 — (F. P.) — **De há alguns para cá, emigram mais portugueses do que canadianos para os Estados Unidos. É uma das consequências de, em 1965, ter sido alterada a legislação americana sobre a emigração revela o ultimo recenseamento.**

Segundo os numeros oficiais, emigraram, no ano passado, para os Estados Unidos, 13 300 portugueses. Há cinco anos, esse total não ultrapassava 2100. Os portugueses fornecem, por si sós, actualmente, mais de 8 por cento do contingente dos emigrados, em vez dos 2 por cento em 1965. Durante o mesmo período, a emigração canadiana desceu consideràvelmente, passando de 40 000, em 1965, para 12 300, no ano findo.

Os canadianos, que forneciam, então, o maior contigente de emigrantes para os Estados Unidos, estão agora em oitavo lugar. A emigração britanica, que vinha logo a seguir á canadiana, diminuiu também consideràvelmente, baixando para metade.

Além de Portugal, os países que mais beneficiaram das alterações á legislação são as Filipinas, que fornecem agora o maior contigente de emigrantes (25 500, em 1970), a Itália (24 400), a Grécia (6400), a China nacionalista (16 300) a Jamaica (15 300), a India e a Coreia do Sul, 10 000 cada um).

Como obter uma anulação de casamento católico

CIDADE DO VATICANO, 15 — (F. P.) — O recente «motu proprio» de Paulo VI simplifica o processo de anulação dos casamentos, mas não altera em nada as posições da Igreja sobre a indissolubilidade do laço conjugal — lembrava ontem o «Osservatore Romano». Diferentemente do divórcio, que rompe uma união válida, a anulação limita-se a consignar que o casamento nunca se realizou — acrescenta o jornal do Vaticano.

Segundo uma fonte eclesiástica informada, não se tornou mais fácil conseguir a anulação de um casamento religioso. A nova maneira de proceder apenas permitirá obter uma sentença mais rápida.

No entanto, verifica-se que a Igreja reconhece vários casos de anulação de casamento que não são previstos por muitos códigos civis. Um deles é a inversão ou a perversão dos instintos sexuais num dos cônjuges. Os vícios do consentimento podem ser compreendidos de modo assaz lato. Se um dos futuros esposos atesta secretamente, mas de modo indubitável, antes do casamento, que o seu consentimento é forçado, tem possibilidade de obter a anulação. Mesmo o nascimento de uma criança, menos de nove meses após a união, pode servir de argumento, na medida em que uma maternidade próxima poderia ter sido utilizada para exercer pressão sobre um dos cônjuges. O nascimento de uma ou várias crianças não põe mesmo de parte, em todos os casos, um processo de anulação por não ter sido consumado o casamento, ou ainda por impotência de um dos membros do casal.

Previsão: a China ocupará Hong-Kong em 1974

LONDRES, 15 (R.) — O professor Peter Harris, presidente do departamento de ciências políticas da Universidade de Hong-Kong, afirma hoje no «Daily Telegraph» que os chineses ocupariam pela força aquela colónia em 1974.

O professor Harris, num documento com o título «O futuro internacional de Hong-Kong», diz que o marechal Lin Piao, herdeiro aparente do presidente Mao Tsé Tung, assumirá em breve o domínio efectivo em Pequim.

Hong-Kong foi cedida á Grã-Bretanha em 1842, nos termos do tratado de Nanquim.

O professor Harris acrescentou que uma arrojada acção militar dos chineses, durando menos de 48 horas, terminaria com a ocupação de Hong-Kong pelo unérrito.

O TELEFONE SECRETO DO PRESIDENTE ENVOLVIDO NUMA TROCA DE LINHAS

NOVA YORK, 15 — (R.) — O presidente Kennedy recebeu uma vez uma chamada pelo seu telefone altamente secreto — para ser utilizado apenas no caso de um ataque iminente — e viu-se a falar com alguém que tentava ligar para uma lavandaria — revela hoje a revista «Life».

A revista cita o antigo secretário para a Imprensa da Casa Branca, Pierre Salinger, como fonte da notícia, que figura em forma de ficção numa novela que Salinger acaba de publicar com o título «Por instruções de meu governo».

A «Life» diz que, segundo Salinger, Kennedy esperava o pior quando levantou o auscultador.

«Fala o presidente» — disse Kennedy. Houve uma pausa.

«Devo-me ter enganado no numero» — ouviu-se murmurar uma voz espantada no outro lado do fio. — «Tentava ligar para uma lavandaria francesa».

A revista afirma que técnicos em comunicações da Casa Branca verificaram o equipamento durante várias semanas, mas não descobriram donde viera a chamada ou como ela fora feita para aquela linha telefónica vital.

Salinger declarou recentemente que outra violação das regras de segurança, que figura no seu livro, era, também, baseada num caso que se verificou durante o governo do presidente Kennedy: um comerciante visitante, devido a uma série de erros, foi introduzido numa sessão altamente secreta, do Conselho Nacional de Segurança, na Casa Branca, durante a crise de Berlim em 1961.

PRÓXIMA GREVE DE JORNALISTAS EM INGLATERRA

LONDRES, 15 — (R.) — Jornalistas que trabalham na secção de revistas e livros da International Publishing Corporation põr-se-ão em greve a partir do dia 27 em apoio de reclamações de aumento de salários.

Lawrence Kirwan, organizador nacional do Sindicato Nacional de Jornalistas, disse que o sindicato não revelaria as suas tácticas. Julgou-se, porém, que a greve será selectiva.

Os jornalistas trabalham para o maior grupo de revistas da Grã-Bretanha.

ÚLTIMO RESÍDUO DA ATLÂNTIDA

HOLLYWOOD, 15 — (A. N. I.) — Segundo o documentarista norte-americano Jeremy More, não restam duvidas de que a ilha de Creta é o ultimo resíduo da misteriosa Atlantida e que, no fundo, a história deste continente é a da queda da civilização cretense, provocada pela violenta erupção do vulcão da vizinha ilha de Santorino. Para demonstrar essa tese, Jeremy More vai filmar, no Outono, um documentário sobre Creta.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

Meirim falou em Luanda de Arnaldo, Nené e Charlot

LUANDA, 15 (L.) — «*Tem-se especulado muito à volta do meu nome. Umas coisas que disseram, foram certas; outras não*» — disse o discutido técnico de futebol Joaquim Meirim, actual treinador do Boavista falando aos jornalistas no aeroporto desta cidade, onde passou a caminho de Moçambique.

O antigo treinador do Varzim e de «Os Belenenses», que atraiu ao Aeroporto «Craveiro Lopes» centenas de pessoas, fez também, segundo o «Diário de Luanda» as seguintes declarações:

— *Vou a Moçambique e voltarei depois a Angola com o objectivo que já é conhecido, de apreciar alguns jogadores que possam servir para a equipa do Boavista que tem naturalmente as suas ambições, como clube de 1.ª ordem. Ao contrário do que muitos possam pensar, a equipa dos «axadrezados» possui bons recursos para marcar posição no futebol nacional.*

«*As tarefas duras não me assustam. E no Boavista vou ter trabalho como em todo o lado. A propósito, confirmo que não era o Boavista que estava previsto na minha agenda. Estive em contacto com outro clube «grande» do Norte mas as circunstancias levaram-me para o Bessa.*

Não tem planos especiais para o Boavista — declarou também — mas que podem contar com a sua melhor boa vontade (acrescentou).

Quanto ao futebol europeu, nomeadamente o da Metrópole, Meirim disse que vai na mesma, dentro das limitações que são conhecidas que não houve grandes revelações no nosso futebol, embora apontando a boa época do cufista Arnaldo e o facto de Nené ter dado mais alegria e acutilancia á equipa dos «encarnados»: que o futebol (feminino) masculiniza um tanto as mulheres: que é pai de três filhos, mas em sua casa não se fala de futebol: que admira imenso o inimitável Charlot e adora ouvir musica.

«*Naturalmente que vocês já sabem tudo e mais alguma coisa sobre Meirim. É um homem excepcional que admiro há já muitos anos e em quem confio religiosamente*» — afirmou ao jornal «A Província de Angola», na sua passagem por Luanda, rumo a Lourenço Marques, o dirigente Valentim Loureiro, vice-presidente das actividades desportivas do Boavista, que terá sido o principal elemento da contratação de Joaquim Meirim para o seu clube.

A equipa de voleibol do Futebol Clube do Porto que conquistou o campeonato nacional

POSSE «AZUL»

Esta noite, ás 21 e 30, na delegação do Clube de Futebol «Os Belenenses» (Avenida da Liberdade, 105, 3.º, em Lisboa) será conferida a posse ao engenheiro Jorge Pereira Jardim, do cargo de presidente do Conselho Fiscal, para que foi eleito na ultima assembleia geral.

O boxe português afastado dos «europeus»

Embora fazendo um bom combate (com superioridade nos dois primeiros «assaltos») o português António Augusto foi batido, aos pontos, pelo romeno Horst Stump, nos campeonatos europeus de boxe que estão a decorrer em Madrid.

Disputada em ritmo rápido, a luta foi agradável de seguir. António Augusto (amador do Sporting) actuou bem nos dois primeiros «assaltos», que venceu. Fintou e blocou, jamais se deixando pegar em cheio. Um senão: o pouco número de vezes que colocou a direita.

Depois, veio o último «assalto». O terceiro. E veio, também a superioridade física do romeno, excelentemente bem preparado e jogando com à-vontade.

Três dos juízes votaram por Horst Stump: os outros dois optaram pelo êxito do português. A vontade da maioria prevaleceu, lògicamente.

Portugal, está, portanto, afastado dos «Europeus» de pugilismo. Mas António Augusto salvou a honra do convento, dando luta ao competidor

HOJE À NOITE

BADMINTON — II Torneio de Não-Federados, na Escola Nuno Gonçalves ás 21 horas.

BASQUETEBOL — Torneio Aniversário do Ateneu Comercial de Lisboa: C. Quebradense-C. I. F. ás 20 e 30: C. U. F.-Nacional, ás 21 e 15: e Técnico-Ateneu, ás 23, no Pavilhão da Ajuda.

BILHAR — Campeonato de Lisboa do Quadro 71, na Associação de Lisboa ás 21.

HÓQUEI EM PATINS — Campeonato Metropolitano da II Divisão (Zona Sul): Cascais - Vila - franquense Azeitonense - Sintra Estremoz-Belenenses, Amadora-Cimento Tejo Futebol Benfica-Educação Física e Liga de AlgésQueluz, ás 22 e 15, nos rinques dos primeiros.

TÉNIS DE MESA — Torneio Popular de Senhoras: Académica da Amadora Progresso Clube, Económicos-Lisbonense e Musical 3 de Agosto-Paço do Lumiar, ás 21 e 30 nas mesas dos primeiros.

VOLEIBOL — Torneio de Encerramento de Juvenis: Moscavide-Lisboa Ginásio-B, ás 19: e Lisboa Ginásio-A.-Befica-B ás 20, na Escola Josefa de Óbidos.

XADREZ — «Match» V. Miranda-Jorge Cruz, no Grupo Alekhine ás 20 horas.

AGÊNCIA GERAL
PASSAPORTES
Av. Liberdade, 160

1x2 totoBOLA

Tivemos anteontem, mais um concurso em que foram numerosos os concorrentes com «trezes» e «dozes» — portanto muito repartidos os prémios. E não deixa de ser interessante este alternar entre «*prémios de muito para poucos*» e «*prémios de pouco para muitos*». Entre as muitas e aliciantes duvidas do Totobola está esta: quem ganhar, quanto ganha?

O próximo concurso

MAIS UMA «CHAVE» À SUA ESPERA

Dos treze jogos do proximo concurso do Totobola — todos respeitantes à Taça «Ribeiro dos Reis» — merece destaque o facto de jogarem «fora» dois dos «leaders» (V. Guimarães, na 1.ª série, e Salgueiros, na 2.ª), pelo que as suas posições correm certo perigo. Enfim, estes são apenas dois dos treze problemas que se colocam ao apostador, para que descubra mais uma «chave» que o espera...

Vejamos, entretanto, as perspectivas que nos oferecem os jogos:

1.ª SÉRIE

1. **Braga-Famalicão** — O Sp. Braga está no 4.º lugar, com 6 pontos, e o Famalicão é o 3.º, com 7. Na 1.ª volta, em Vila Nova de Famalicão, os locais ganharam por 2-0.

2. **Vizela-Guimarães** — O F. C. Vizela está no 6.º e último lugar, com 3 pontos, enquanto o V. Guimarães é o «leader», com 8. No jogo disputado em Guimarães, na 1.ª volta, os vimaranenses triunfaram por 1-0.

3. **Riopele-Varzim** — Com 8 pontos (tantos como o V. Guimarães) o Riopele está no 2.º lugar. O Varzim é o penúltimo (4 pontos) e, na 1.ª volta, perdeu em casa com o Riopele por 0-1.

2.ª SÉRIE

4. **Penafiel-Salgueiros** — Na 1.ª volta, no seu campo, o Salgueiros venceu o Penafiel por 4-1. Agora comanda a classificação desta série, com 8 pontos — mais 3 que o Penafiel, que se encontra no 5.º e penúltimo lugar.

5. **Boavista - Espinho** — Ambos têm 7 pontos, seguindo-se imeditamente ao «leader». Na 1.ª volta, em Espinho, os locais ganharam por 2-1.

3.ª SÉRIE

6. **Sanjoanense - União de Coimbra** — O U. Coimbra é o 2.º, com 9 pontos, enquanto a Sanjoanense ocupa o penúltimo lugar da série, com 4 pontos. Na primeira volta: U. Coimbra, 4-Sanjoanense, 2.

7. **Gouveia - Beira Mar** — O D. Gouveia conta por derrotas os jogos disputados (6), ocupando assim o último lugar, sem nenhum ponto, e com 4 golos marcados contra 18 consentidos. No jogo da 1.ª volta, em Aveiro, o B. Mar venceu por 3-1. A equipa aveirense ocupa o 3.º lugar, com 8 pontos.

4.ª SÉRIE

8. **U. Leiria - U. Tomar** — O 3.º classificado com 4 pontos (U. Leiria) recebe a visita do 2.º (U. Tomar) que tem o dobro dos pontos. Na 1.ª volta, 3-0 para os tomarenses.

9. **Tramagal - Marinhense** — 4.º (penúltimo) com 2 pontos apenas, o Tramagal tem por visitante o «leader» da série. O Marinhense, agora, com 10 pontos, venceu o Tramagal no jogo da 1.ª volta por 3-0.

5.ª SÉRIE

10. **Sintrense - Atlético** — O Sintrense está no 4.º lugar, com 5 pontos, enquanto o Atlético ocupa a 2.ª posição, com 8. Na 1.ª volta, na «Tapadinha», Atlético, 1 - Sintrense, 0.

11. **Oriental-Peniche** — O Oriental é o último, com 2 pontos apenas, e o Peniche está no 3.º lugar, com 6. Empataram (1-1) quando se encontraram na 1.ª volta, no terreno do Oriental.

6.ª SÉRIE

12. **Barreirense - Montijo** — «Leader», com 9 pontos, o Barreirense recebe a visita do último classificado, com 1 ponto. Na 1.ª volta o Barreirense ganhou, no campo do mesmo adversário, por 1-0.

7.ª SÉRIE

13. **Portimonense - Olhanense** — «Derby» de rivalidade algarvia, que encontra as duas equipas em situações diferentes: o Portimonense está no último lugar, com 2 pontos, e o Olhanense, 2.º com 6 pontos, está apenas a 1 ponto do «leader»: Na 1.ª volta: Olhanense, 3 - Portimonense, 0.

VAMOS FALAR DE SISTEMAS...

O sr. L. Araújo, de Lisboa, pergunta-nos «se há algum sistema — condicionado ao 12 — que jogue com uma percentagem superior a 11,11 para o treze e que custe menos de 500$00, tendo apenas 5 jogos fixos».

TRIPLA	1	x	2	2	x
TRIPLA	x	1	2	1	2
TRIPLA	2	x	x	1	1
TRIPLA	1x2	1x2	1x2	1x2	1x2
DUPLA	1x	1x	1x	1x	1x
DUPLA	1x	1x	1x	1x	1x
DUPLA	1x	1x	1x	1x	1x
DUPLA	1x	1x	1x	1x	1x

Dos vários sistemas que satisfazem aquelas limitações escolhemos o de **4 triplas** e **4 duplos**, onde a percentagem para o treze é de 18,5.

O sistema custa 480$00 e desdobra-se em 5 boletins de 48 apostas, cada.

NAS ÉPOCAS ANTERIORES...

Nos concursos n.º 41 das nove épocas anteriores verificaram-se as seguintes «chaves»:

61-62	x11	112	12x	1212
62-63	21x	1x2	221	211x
63-64	11x	211	222	2122
64-65	111	112	12x	2x22
65-66	1x1	xxx	221	1111
66-67	1xx	221	112	x221
67-68	1x1	x11	211	x21x
68-69	x21	x11	1xx	x211
69-70	x12	12x	111	1x12

a) *Nos jogos n.os 7 e 12 nunca saiu o símbolo «X»;*

b) *Apesar de nunca ter dado um milionário este concurso é daqueles que menos número de acertantes tem proporcionado.. portanto bons prémios em perspectiva.*

O CONCURSO DO DIA 27

É o seguinte o «programa» do concurso do próximo dia 27 inteiramente dedicado á Taça Ribeiro dos Reis:

1. Famalicão-Riopele
2. Vizela-Braga
3. Varzim-Guimarães
4. Leixões-Penafiel
5. Espinho-Tirsense
6. U. Coimbra-Académica
7. Gouveia-Sanjoanense
8. U. Lamas-B. Mar
9. Atlético-Benfica (B.)
10. Torriense Peniche
11. Luso Barreirense
12. Montijo-Cuf
13. Portimonense-Seixal

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

ACADÉMICA: o futebol em questão

A secção de futebol da Associação Académica de Coimbra tem estado ultimamente em foco. Depois de passado o período mais ou menos agitado da eleição de novos dirigentes, tudo ou quase tudo voltou a normalidade e o quotidiano surgiu calmo. Mas as raízes ficaram. As dúvidas continuaram a ser dicutidas nas tertúlias e, o que é mais importante, a Academia, já mais debruçada sobre os problemas específicos da secção, também se interessou pela sua discussão. E questões velhas, que se arrastam há muito (por vezes quase esquecidas) foram de novo ventiladas.

Reportemo-nos a duas dessas questões. A Associação Académica está dividida em secções culturais e desportivas, que, como é óbvio, têm as suas respectivas direcções — existindo contudo, como cúpula, uma Direcção-Geral eleita pelos estudantes. Ora, nas secções desportivas estão incluídas, entre outras, as de basquetebol, andebol, voleibol, judo e atletismo, que, para além de organizarem os campeonatos universitários respectivos estão também federadas, disputando consequentemente campeonatos regionais e nacionais federados. Acrescentemos: todos os elementos das direcções destas secções são estudantes. E, quer-nos parecer, nem de outra forma poderia ser. Secções de estudantes dirigidas por não estudantes? Porquê?

Pois bem, no futebol, mais propriamente na secção de futebol da Associação Académica, é precisamente isso que acontece — além do presidente da direcção que é sempre não-estudante, há mais elementos nestas condição. Isto, apesar de 500 universitarios serem sócios (é pouco, bem sabemos, mas mesmo assim é a secção que mais universitarios envolve). E a justificar o que dizemos e porque, de alguma forma, reforça a nossa opinião, transcrevemos uma das respostas dadas a um inquérito lançado pela revista universitária coimbrã «Capa e Batina». Esse inquérito incluía duas questões:

1.ª — Concordas com a actual composição da Direcção da Secção de Futebol da A. A. C. (atendendo ao numero de directores — 8 — e ao facto de haver estudantes e antigos estudantes)?

2.ª — Direcção de Futebol e futebol amador universitário: medidas que se tomaram ou não; medidas a tomar.

Respondeu assim Fausto Martins de Carvalho, aluno do 5.º ano de Direito e presidente da secção de judo da A. A. C.:

1 — Tenho para mim que nada há que justifique a presença de antigos estudantes na direcção da secção de futebol; mais penso que todas as justificações apresentadas para a permanência de tais elementos, como por exemplo, a de que o movimento da dita secção envolve elevadíssimas somas financeiras para as quais se exige o máximo de responsabilização e garantias, são certificados de irresponsabilidade passados aos estudantes (gente nova sem experiência da vida!...). Cabe, pois, aos estudantes resolverem mais este problema que se lhes depara na sua A. A. C.

E uma pergunta faço àqueles que se interessam pelo futebol da A. A. C.: Porque não fazem os praticantes da modalidade parte da direcção da sua própria secção, acompanhando assim as demais secções desportivas da A. A. C.? (o sublinhado é nosso).

2 — Do que conheço, a secção de futebol nada tem feito efectivamente pelo futebol amador universitario; e isto tanto mais se evidencia quanto é certo que a resolução do problema nunca foi aceite em termos correctos por parte da dita secção.

Nas vésperas das últimas eleições na secção, elementos ligados à secção apareceram numa reunião das secções desportivas propondo-se realizar os campeonatos regionais universitários. Para além do facto que poderá ter incutido no espírito de alguém ser esta proposta uma manobra de demagogia eleitoral, já que um elemento da actual direcção acompanhava o elemento da anterior, cumpre anotar que essa realização implicava, no dizer desses elementos, a constituição de um departamento autónomo para futebol universitário, departamento esse com menos garantias que o da secção de futebol não amador.

Para além da discricionaridade que haveria dentro duma mesma secção no diverso tratamento dos seus elementos, não me parece correcto pensar-se que o problema do futebol universitário se possa resolver só com a realização dos campeonatos regionais universitários...

Há pouco tempo, numa reunião das secções desportivas e para solucionar a curto prazo o complexo problema da prática do futebol para todos os estudantes universitários resolveu-se criar uma secção de futebol amador.

Tem a secção um programa de actividades a cumprir, que integra uma concepção desportiva da modalidade que a secção de futebol não-amador não podia comportar, como foi reconhecido por elementos dela.

De certo que não está tudo feito, mas mais uma vez é aos estudantes a quem compete definir os seus interesses.

RIBEIRO CARDOSO

O REGRESSO DE FERNANDO PEDROSA À DIRECÇÃO DO VITÓRIA DE SETÚBAL

No salão nobre da Câmara Municipal de Setubal tomou ontem posse a nova direcção do Vitória Futebol Clube, que passa a ser presidida por Fernando Pedrosa, que regressa ao cargo que ocupou durante alguns anos e onde deixou sem duvida, uma excelente obra realizada.

Os nomes que integram a nova direcção do Vitória setubalense são:

Assembleia Geral — dr. Manuel José Constantino de Goes, dr. Jorge Botelho Moniz, Francisco Carlos Nunes e João Adriano Teixeira de Morais.

DIRECÇÃO — Fernando Batalha Lopes Pedrosa, Francisco Nascimento e Oliveira Manuel Madeira Lopes, Rogério Vaz de Carvalho, Mário Picôto Flores Silvério Pereira Jones, Carlos César Marques dos Santos Carlos Afonso Freire Fernandes, dr. Fernando Lança da Silva Gomes, Manuel de Jesus Nuno Machado José Forte Faria, Julio da Silva Tavares, Sérgio Pintado, Luís Neves de Sousa Nunes e José Manuel Pedrosa.

Conselho Fiscal — coron. António Pereira de Santana Artur Melo, João Augusto de Oliveira Junior, Telmo Chaves e José Correia Duarte.

BENFICA-TIRSENSE

esta noite na Luz

Não há vencedores antecipados, mas... (Esta coisa da gente querer «ajudar» a Taça, em conversa! ..).

...O Benfica, já adiantado no calendário e no marcador das meias-finais (3-1, em Santo Tirso, 5.ª feira passada), vai procurar novo avanço para a recta final do Jamor (o mais lógico, em previsão) esta noite na Luz — 21 e 30 — (bi) frente ao Tirsense: isto é, qualificar-se (ainda *vor antecipação) primeiro* finalista. E ficar a descansar, quase quinze dias, enquanto Setubal e Sporting só no domingo decidirão (?) no Bonfim, qual dos dois comparecerá á festa...

Apesar de tudo, pode «adivinhar-se» um certo interesse no jogo desta noite na Luz, entre duas equipas que jogarão *tranquilas* e, ao que se diz, alinharão na máxima força...

...E, quem sabe?... Lá estamos nós, outra vez!...

Acontecimentos DE ONTEM

FUTEBOL

A equipa de futebol do Riopele derrotou por 4-2 o Celta de Vigo e conquistou o troféu «Matias Candeira». Os golos dos portugueses foram marcados por Teixeira (dois) João e por um defesa do Celta (Cambeiro) que meteu a bola na própria baliza. Os dois golos dos galegos couberam a Sanroman.

O médio do Riopele, Fixon, foi expulso aos 81 minutos, por discutir em termos incorrectos as decisões do árbitro Alvarez Delgado.

As equipas alinharam:

CELTA — Minan; Cambeiro, Quinocho Monroy e Robles; Canário e Sanroman; Barros Martinez, Carlos e Pinto.

RIOPELE — Pimenta; Pinto Moreira, Celestino Orlando e Vieira; Fixon e Teixeira, João, Pirutas, Mascarenhas e Barros

VOLTA À SUIÇA

Joaquim Leite está em segundo lugar na classificação do «Prémio da Montanha» da «Volta á Suiça». Os portistas encontram-se escalados (na tabela geral) pela seguinte ordem:

31.º J. Leão, 16 h. 41 m. 31 s.; 39.º J. Azevedo, 16 h. 47 m. 20 s.; 43.º J. Leite, 16 h 50 m. 52 s.; 45.º J. Ascasivar, 16 h., 55 m. 12 s.; 47.º J Pacheco, 17 h. 0 m. 40 s.

RÂGUEBI

No Estádio Universitário realizou-se o primeiro treino da selecção portuguesa de râguebi.

HÓQUEI EM PATINS

Parede e C.U.F. empataram a quatro golos para o campeonato metropolitano de hóquei em patins (zona sul da I Divisão).

TÉNIS

Vaz Pinto triunfou no torneio do Estoril.

TÉNIS DE MESA

O infantil Daniel Sanches é campeão de ténis de mesa do Algarve. Representa o Fraternidade de Portimão.

NATAÇÃO

António Pereira (de Faro) venceu a I travessia a nado do Guadiana.

BASQUETEBOL

Batendo o C. I. F. por 48-42 a Académica de Coimbra obteve o título nacional feminino de basquetebol.

ATLETISMO

Na Cidade da Beira, Angélica Manaca Dias, do Ferroviário da Beira, bateu o «record» nacional dos 200 metros (femininos) de atletismo, com o tempo de 25.2, o qual porém, não poderá ser homologado, pois não foram cumpridas algumas condições indispensáveis para a homologação

VELA

A regata «D. Carlos» organizada pela Associação Naval de Lisboa, no percurso Belém - Sines - Sesimbra - Cascais, destinada a barcos de grande e pequeno cruzeiro, com percurso de cerca de 110 milhas, forneceu a classificação seguinte:

1.º Arpége «Noh», de Waldemar d'Orey com 17 h. 17 m. 43 s.; 2.º «Optimista», de Jorge Granger Pinto, 3.º «Bayete III» do eng. Ricardo Xavier Amaral; 4.º, «Antares» do eng. Manuel Gonçalves, e 5.º, «Bellatrix» da M P comandado pelo prof. Afonso dos Santos.

O ATLETISMO PORTUGUÊS NÃO É POBRE!

Em seis dias — 17 «recordes»

e alguns de categoria internacional

Onde estará a tão apregoada pobreza do atletismo português? Nos atletas que não cumprem? Nos técnicos que não sabem ensinar? Nos dirigentes dos clubes que se perdem em litígios vazios? Na dispersão de trabalho dos associativos e federativos?

Cremos que não são estes os casos que se prendem com a pobreza (?) do atletismo português. A questão é mais vasta e parece filiar-se nas estruturas desportivas do País. A máquina que, agora, funciona — ao «ralenti» — e desequilibrada revela-nos que muito ainda há que fazer. Temos cerca de um milhão de estudantes, dos quais quase metade ainda não sabe o que é Educação Física ou Desporto.

Em seis dias os atletas portugueses, dentro e fora das fronteiras revelaram que têm *qualidades* para a prática de uma modalidade base — índice desportivo de uma nação.

Neste espaço de tempo desde os *iniciados*, passando pelos *juvenis* e acabando nos *juniores* e nos *seniores*, foram batidos nada menos do que 17 «records» nacionais.

Eis os autores destas proezas:

6/6/71 — 200 m. barr. — Conceição Pernes (Belen.), 32,2 s; *Estafeta 4×400 m.* — (Juniores femininos) — Sporting, 4 m 26,2 s; *1000 m.* — Fernando Mamede (Sport.), 2 m 25,1 s.

8/6/71 — 1500 m. — Céu Lopes (Sp.), 4 m 50,3 s; *10 000 m.* — Carlos Lopes (Sp.), 29 m 28 s; *80 m.* — Luís Cassiano (Bf.), 9,4 s; *600 m.* — Maria João Tristão (Sp.), 1 m 44,2 s.

10/6/71 — 800 m. — Fernando Mamede (Sp.), 1 m 49 s.

12/6/71 — 400 m. barr. — Alberto Matos (Sp.), 52,4 s; *400 m.* — Fernando Silva (Bf.), 48,1 s.

13/6/71 — Dardo — Maria Fátima (Leixões), 32,34 m; *Estafeta 4×400 m* (Juniores femininos) — Benfica, 4 m 20.6 s; *200 m. barr.* — Tavares da Silva (Bf.), 6 m 2,8 s; *800 m.* — Hélder Jesus (Monchique), 1 m 56,6 s; *Estafeta 4×100 m.* (Juniores masculinos) — Benfica, 45 s; *Altura* — Jorge Aguiar (Sport.), 1,84 m; e *Estafeta 4×100 m.* (Juvenis femininos) — Belenenses, 50,9 s.

Não há dúvida que estas proezas têm um alto significado, tanto mais que «nasceram» do trabalho de um numero muito reduzido, de boas vontades em benefício de outros

Outro êxito do fim-de-semana foi a deslocação de 16 atletas portugueses a Espanha, o que também, vem demonstrar, que o atletismo português, para os nossos vizinhos nada tem de «pobre». Não é impunemente que os dirigentes espanhóis convidam atletas lusitanos a participar em competições de nível internacional, competindo de cabeça erguida, com campeões europeus, como foi, agora, o caso, de Alberto Matos, Carlos Sustelo, Fernando Mamede, Carlos Lopes, Fonseca e Silva, Tavares Alves, José Ganço e Fernando Silva.

Carlos Cabral (do Sporting) vai ganhar a prova de 1500 metros conseguindo 3 m. 54,3 s.

GINÁSTICA NO C. A. C. O.

O Clube Atlético de Campo de Ourique leva a efeito no próximo dia 19, pelas 21 horas, o seu festival anual de ginástica, com o encerramento das classes de 1970-71.

canal da crítica

(Continuação da 9.ª página)

A História, em relação a ele, também terá uma palavra a dizer. Por este andar, no entanto, receio que a palavra pertença á história... da carochinha.

Um espanto. A propósito de improvisos, Ana Lucas quer saber se isso se obtem por estudos «ou se é um feeling que se tem»... Claro que é feeling, minha senhora, é que lho digo eu. É feeling. Tudo neste mundo é feeling. É feeling tomar a sério os Miguéis, é feeling convencer as Anas Marias de que possuem bastas qualidades... para apresentadora. Tudo isto existe. Tudo isto é triste. Tudo isto é feeling.

Miguel é um brincalhão. Por que não o deixou, no entanto, fazer aquelas gracinhas lá em casa, familiarmente? E porque não deixa em paz o Mozart o Bach? Chopin versão a Miguel? Desculpe, meu caro. É preferível o Bacalhau á Brás.

E AGORA, JOSÉ?

De maneira que viemos ter ao ponto de partida: a apresentação do José Joaquim, o jovem que passou a infancia numa creche, a adolescência num asilo e depois, durante seis anos, numa prisão.

Seis anos de prisão por roubar automóveis (desculpe José Joaquim mas sigo-o na sua determinação de não ter medo das palavras). Seis anos em que não estudou mas em que pensou muito. E em que se transformou quando encontrou um piano á sua frente. Aquele piano viria destruir a sua solidão. Viria ensinar-lhe o caminho dos homens. *A nossa companheira musica* mais uma vez estava onde lhe cumpria.

Não foi nada fácil a subida. O próprio José Joaquim quando quer falar disso emburrina-se, começa a fazer literatura — e fazer literatura é sempre um modo de esconder. Esta tudo ainda talvez demasiado fresco na sua carne para poder falar com as palavras despidas... de palavras. Compete-nos a nós imaginar a dificuldade deste homem cujos olhos parecem arder ainda de febre. Desse homem que recebe 700 escudos da Gulbenkian e que, para se dedicar totalmente ao piano, continua a levar a mesma vida que levava na prisão, onde ainda come. Porquê? Porque cá fora teria de trabalhar 8 horas; mais 2 horas para comer; mais 2 para repousar: que tempo lhe ficaria para dedicar á musica? A contabilidade está certa. Ou a musica ou a comodidade; ou o roubo, ou os sonhos feitos. A liberdade na prisão ou a prisão na liberdade. Os dados estão lançados e não há que fugir.

Agora? Agora José Joaquim está exausto. Está deprimido. Desesperado. O sonho pesa muito nos seus ombros suga-lhe muito sangue das veias. A sua infancia? Uma recordação de maus tratos. José Joaquim nem ao menos aí se pode refugiar. Pode imaginar-se maior tormento para um homem?

No fundo, a situação de José Joaquim, no que respeita á desprotecção dos seus méritos, não difere muito da situação de tantos e tantos jovens dotados.

O rosto angustiado de José Joaquim é mais do que um rosto só, é um símbolo. A inteligência de Luís Andrade o realizador, bem o compreendeu quando nos deu, alternadamente, a face de José Joaquim e a de uma criança na plateia. Era um aviso, um alarme quando sobrepôs o rosto infantil em sorriso, e o rosto do adulto, em angustia. Era como se nos dissesse que em cada criança podia haver um José Joaquim. Um José Joaquim antes de se encontrar com a música. Um José que poderia nunca encontrar um piano.

MÁRIO CASTRIM

bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	463$5	—	463$5
Consolidado 3%	476$	—	476$
Consolidado 3 1/2%	595$	—	595$
Centenários 4%	—	—	1.400$
Dívida Tesouro 5%	—	—	—
Externo 1.ª série	—	595$	—
Externo 1.ª série C	607$	607$	—
Externo 3 série	—	—	720$
Externo 3 série C	700$	700$	750$
Cautelas 3 Série	165$	160$	—
OBRIGAÇÕES			
Águas Lisboa 5%	—	—	—
A P I 5% 56	—	—	—
A P I 5% 58	—	—	895$
C P 4 1/2% 55	—	810$	—
C P 5 1/2% 51	—	900$	—
C U F 6%	—	—	—
C U F 6% 58	920$	920$	925$
Gás Elect 4% 48	935$	930$	940$
Gás Elect 4 1/2% 51	—	865$	875$
Gás Elect 5% 54	—	855$	—
Gás Elect 5% 55	—	—	850$
Gás Elect 5% 59	—	—	850$
Gás Elect 5% 56	—	955$	—
Gás Elect 5% 5[illegible]	—	950$	—
Gás Elect 5% 65	—	—	—
Gás Elect 5% 51	—	—	—
H C Alentejo 5%	790$	790$	800$
H E Cávado 5%	770$	765$	770$
H E Cávado 6%	960$	955$	965$
H E Douro 5%	770$	765$	770$
H E Douro 6%	—	965$	—
H E Norte Port 5%	—	—	—
H E Estrela 6%	—	935$	—
H E Zêzere 5% 55	—	—	—
H E Zêzere 5% 51	—	—	—
Lisnave 5%	—	—	—
Metropolitano 4%	—	—	—
Metropolitano 5 3/4%	950$	945$	—
Moçambique 5%	—	650$	700$
Nac Elect 5%	760$	755$	—
Nitratos 5%	—	—	—
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquímica 5%	—	—	—
Port Celu 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	925$	940$
Sacor 5% 6[illegible]	—	830$	840$
Siderurgia 5% 2.ª	—	720$	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	720$	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	720$	—
Sonete 5%	—	815$	—
T A P 4%	—	890$	895$
Termoelect Port 5%	—	—	—
U E P 3 3/4%	—	—	—
U E P 4%	—	—	—
U E P 4 1/2%	—	—	—
U E P 5%	—	73$	74$
U E P 5% 60	—	—	—
U E P 5% 63	—	—	—

Ultramarinas	Efec	Compra	Venda
Ag S Tomé e Príncipe	—	195$	200$
Boror	—	—	—
Buz	—	65$	68$
[illegible]	195$	90$	200$
Diamantes Angola	2.100$	2.075$	[illegible]00$
[illegible] Revue	—	—	—
Inc S. Príncipe	—	550$	—
Moçambique	—	84$	86$
Sonete N	400$	—	405$
Sonete P	—	401$	410$
Zambézia	—	—	—
Diversas			
Cidla	—	6 800$	6.900$
Cim Leiria	—	—	4 600$
Cim Tejo	—	—	—
Co Navegação	—	1.450$	1.500$
[illegible]	—	1.380$	1.450$
Na Aliança	—	1.380$	1.450$
Nac Navegação	—	—	—
Petroquímica	3.800$	3.780$	3.820$
Port Colonias	1.150$	1.140$	1.170$
Port Celulose	—	950$	1.000$
Port Pesca	—	—	3.900$
Port Tabacos	1.200$	1.200$	[illegible]
Sacor	580$	570$	580$
Siderurgia Nac	3.800$	3 780$	3.820$
Soce	3.270$	3 250$	3 270$
Tabacos de Portugal	—	—	—
Tabaqueira	—	6.000$	[illegible]
[illegible] Azot.	640$	635$	640$
Água Elect Gás			
Águas Lisboa P	—	390$	—
Águas Lisboa 54	—	401$	—
Águas Lisboa 56	—	390$	—
C P Electricidade	[illegible]5$	1.1[illegible]5$	[illegible]16$
C [illegible] Electricidade N	—	1092$	[illegible]
C [illegible] Electricidade 96%	—	—	—
Elect Beira	—	1.625$	1.635$
Gás Elect	374$	373$5	375$
H E Alto Alentejo	75$	75$	75$5
H E Norte Portugal	228$	228$	230$
H E Estrela	—	—	—
Nac Electricidade	—	—	—
U E P	95$	93$	96$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	202$9	209$
F I D E S	—	127$6	13[illegible]$4

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.ª
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS
Rua do Ouro 52-54—LISBOA—Tel. 36606677
Teleg ALMEIRO —— Telex 47 ALAPI P

ACÇÕES			
Banco			
Agricultura	2.275$	2.270$	2.280$
Alentejo	1.125$	1.120$	1.125$
Angola	4 220$	4.210$	4 240$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	7.500$	7.450$	7.550$
E Santo	6.600$	6 590$	6.600$
E Santo N	—	—	—
Fonsecas & B	—	26.900$	27.500$
Fomento	—	2.730$	2 800$
L & Açores P	—	—	—
L & Açores N	—	—	—
P Atlântico P	6.350$	6.350$	6.380$
Portugal N	3.550$	3.550$	3 560$
Portugal P	—	4.000$	4.070$
Totta Aliança	6.7[illegible]0$	6 700$	4.070$
Ultramarino N	4 200$	4.200$	4.220$
Ultramarino P	4.500$	4.500$	4 5[illegible]0$
Seguros			
Alentejo	—	135$	140$
Douro	—	2.450$	—
Mundial	990$	980$	1.000$
Sagres	—	—	—
Tranquilidade	—	—	90.000$
Ultramarino	—	—	—
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	—	—	—
Ag Cassequel	665$	660$	670$
Ag Incomati	—	—	1.900$
Ag Neves	350$	—	—

INDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez. 65 100)

	8/6/71	14/6/71	15/6/71
GERAL	151,2	150,8	**150,6**
METROPOL.	146,8	146,8	**146,6**
ULTRAM.	183.6	180.0	**179,6**

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rand	35$00	37$50
Alemanha — Marco	7$90	8$25
America		
— Dollars de [illegible]	27$80	28$30
— de 5 a 20 ..	28$ 0	28$60
— de 50 a 000	28$20	28$70
Argentina — Peso Novo	4$50	6$00
Austria — Schilling	1$14	1$19
Bélgica — Franco	$56	$59
Brasil — Cruzeiro	4$30	5$60
Canadá — Dólar	27$70	28$20
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Espanha — Peseta	$40,5	$42
França — Franco	5$00	5$30
Holanda — Florim	7$85	8$20
Inglaterra — Libra	68$00	70$00
Itália — Lira	$04,4	$04,7
Marrocos — Dirham	5$00	5$60
Noruega — Coroa	3$85	4$ 5
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Suíça — Franco	6$90	7$15
Ouro		
Inglaterra — Libra Isabel	300$00	320$00
Inglaterra — 1/2 Libra	305$00	325$00
Ouro fino — Barra	37$00	39$00

J. BURNAY, L.DA Papeis de credito Notas estrangeiras
RUA DO OURO, 72 Tel 231278

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

COMPANHIA ANGOLANA DE AGRICULTURA

«C. A. D. A.»

SEDE: PORTO AMBOIM — ANGOLA

DIVIDENDO DE 1970

A partir do dia 21 do corrente mês de Junho, está a pagamento no Banco de Angola, em Luanda, ou na Sede da Companhia em Porto Amboim, o dividendo votado na Assembleia Geral realizada em 27 de Maio p.º p.º

Avisam-se os Senhores Accionistas residentes no exterior da Província de Angola, que desejarem efectuar a transferência do seu dividendo, de que deverão apresentar nos escritórios da Companhia em Lisboa, na **Rua Áurea, 181, 4.º**, até ao dia 16 do próximo mês de Agosto, a relação das acções que possuem, acompanhada dos respectivos «coupons»

Lisboa, 14 de Junho de 1971

A ADMINISTRAÇÃO

PASSAGEIROS SEM BILHETE

Comunica-nos a C P que, a partir de 15 de Junho de 1971 aos Srs. Passageiros encontrados sem bilhete em comboios tranvias ou que façam serviço de tranvia e que tenham embarcado em estações ou apeadeiros com venda de bilhetes ser-lhes-á feita a cobrança de bilhete da Tarifa Geral com o recargo de 20 % em todo o percurso em que pretendam viajar. Esta cobrança não poderá ser inferior a 20$00.

No próprio interesse dos Srs. Passageiros, que utilizam os referidos comboios, a C P lembra a conveniência de adquirirem

ARGANIL — LISBOA

MANUEL DO ROSÁRIO

FALECEU

A CASA DO CONCELHO DE ARGANIL cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu dedicado sócio-fundador e tio do Presidente da Direcção, sr. Mário do Rosário Castanheira Nunes, e que o funeral se realiza amanhã, às 12 horas, da igreja da Pena, em Lisboa, para jazigo de família no cemitério do Alto de S. João.

ESPERANÇA CAMPOS PATRÍCIO

FALECEU

Maria Luísa Campos Reis, Artur Faustino dos Reis, Regina Campos Marques, Capitolina Campos Torres, José Inácio Campos Junior e Graciela Campos Tavares e mais família participam o falecimento da sua muito querida mãe sogra, irmã, tia e parente e que o funeral se realiza amanhã, dia 16, às 11 horas, da Igreja de Santos para o cemitério de Benfica.

AGÊNCIA MARTINS

Dr. José Manuel Rente Pires

2.º Aniversário

Em memória de seu saudoso marido, Abihail de Rente Pires mandará celebrar missa no Porto, na Igreja da Trindade, ás 12 e 15 horas de amanhã, dia 16

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS TÉCNICO-ESPECIAIS

BATALHÃO DE SAPADORES BOMBEIROS

CONCURSO DE ADMISSÃO PARA SAPADOR BOMBEIRO RECRUT

Para conhecimento se anuncia que, por despacho de 26 de Maio de 1971, se encontra aberto concurso de admissão para sapador bombeiro recruta do Batalhão de Sapadores Bombeiros da Câmara Municipal de Lisboa, até dia 8 de Julho de 1971, inclusive.

São condições essenciais para admissão a este concurso ter a 4.ª classe de instrução primária e mais de 18 anos de idade e menos de 30 à data do encerramento do concurso.

Os sapadores bombeiros recrutas terão o vencimento mensal ilíquido de 2000$00 durante o período de oito meses (instrução de recrutas) e de 2400$00 após esse período tendo ainda direito a fardamento e alojamento.

Os interessados devem dirigir-se à Secretaria do Batalhão de Sapadores Bombeiros Avenida D. Carlos I, em Lisboa, onde se prestam todos os esclarecimentos respeitantes ao presente concurso.

Paços do Concelho de Lisboa, 12 de Junho de 1971

O VICE-PRESIDENTE

Dr. Dinis Soares da Costa

CARTAZ DOS CINEMAS

TIVOLI

(M. 12 anos) Tel. 50595
As 3 e 6.15 da tarde
e 9.30 da noite
filme colorido em 70 mm
de Quirino Simões

ANGOLA NA GUERRA E NO PROGRESSO

Prod. S. I. P. F. A.

CONDES

(Adultos) Tel 322523-326710
2.ª SEMANA
4 SESSÕES
As 14.15. 16.30 18.45 e 21.45
Charles Bronson em

A ADOLESCENTE E O QUARENTAO

com Honor Blackman Jack Hawkins Trevor Howard e Susan George
Technicolor

VOX

(Adultos) Tel. 720808
As 18.30 e 21.45
9.ª SEMANA DE ÊXITO!
Um filme onde a crítica, a análise, o quotidiano e a malandrice andam á solta... e de que maneira!

UM MARIDO INFIEL

Atrevida comédia colorida
com Joan Yanne e Françoise Fabian
(Junto á Av de Roma)

LIZ

(M. 17 anos) Tel. 48560
As 21 horas

O MALANDO DE BATA BRANCA

A R A B E S C O

AVIS

(M. 12 anos) Tel 47163
Às 15,30 e 21,45 h.
Uma aventura incomparável!

PERDIDO NO DESERTO

Dirkie Hames — Janne Hames
Technicolo·

CASINO ESTORIL

(M. 17 anos) Às 17 e 21,30 h.

O FALHADO AMOROSO

com Zero Mostel, Fene Wilder, Benneth Mars, Estelle Vinwood e Dick Shawn

IMPÉRIO

(Adultos) Tels. 555134/5
4.ª SEMANA
Às 15.15 e 21.30
Um filme de Claude Sauter

O ESTRANHO CASO DO INSPECTOR MAX

(Max e les ferrailleur)
com Romy Schneider, Michel Piccoli e François Perier
Eastmancolor

ESTUDIO

(Adultos) Tel 555134
4.ª SEMANA
As 15.30 18 30 e 21 45
O filme de Jean Luc Godard

ALPHAVILLE

com Anna Karina Eddie Constantine e Akim Tamirof

EDEN

(Adultos) Tel. 320768
As 15.15. 18.30 e 21.30
Christopher Lee, Boris Karloff e Barbara Steele

A MALDIÇÃO DO ALTAR VERMELHO

Colorido

IMPERIAL

(M. 17 anos) Tel. 45923
As 21 horas
AMOR, A MAIOR RIQUEZA
CAVALGADA DE PAIXÕES

CHIADO TERRASSE

(M. 12 anos) Tel. 320017
Às 15 e ás 21 h.
CROMWELL
com Richard Harris e Alec Guinness
Cardinale — Pierre Brasseur

RESTELO

(M. 12 anos) Tel. 610375
Às 21.30
CICCIO PERDOA... EU NÃO

ROYAL

(M. 12 anos) Tel. 865037
Um drama poderoso
David Hemminge em
3 DEGRAUS PARA A MORTE
ONDE COMEÇA O SUCESSO
Shelley Winters, José Ferrer

SÃO JORGE

(Adultos) Tel 54153
As 15.15. 18.15 e 21.30
No Ciclo Tony Richardson
ÊXITO PARA

TOM JONES

2.ª SEMANA
com Albert Finney e Susannah York
4 «Oscars»
20 Premios Internacionais

ESTUDIO 444

(M 12 anos) Tel. 779095
5.ª SEMANA
As 15 30 18 30 e 21.45
O maravilhoso filme
d. François Truffaut

O MENINO SELVAGEM

BERNA

(Adultos) Tel. 776098
As 18.30 e 21.45
8.ª e Ultima Semana!

SOLDADO AZUL

(TRAGICA VITORIA)
Candice Bergen e Peter Straurs
Em Panavision e Technicolor
(a Av Marquês de Tomar)

MUNDIAL

(Adultos) Tel 538743
2.ª SEMANA TRIUNFAL!
As 18.30 e 21.45
George Peppard. Carrol Baker, Alan Ladd e Marth Hoper

OS INSACIAVEIS

Um filme de Edward Dmptryk
Cinemascope — Technicolor
Metro Estação Picoas

EUROPA

(M. 12 anos) Tel 661016
As 15 e 21 horas
No espectacular «écran» de 70 mm

LAWRENCE DA ARABIA

Um filme de David Lean
com Peter O'Toole e Omar Sharif

LUMIAR

(Adultos) Às 21 h.
CADA CASA COM O SEU SELVAGEM É O VENTO

APOLO 70

CINEMA ESTÚDIO
Av. Júlio Dinis
(M. 12 anos) Tel. 763319
3.ª SEMANA
Às 14.30, 16.45 e 21.45
Uma obra-prima do cinema americano

O VALE DO FUGITIVO

com Robert Redford e Katharine Ross
Scope Technicolor

Às 19 h. (Adultos):
UMA LIÇÃO DE AMOR
de Ingmar Bergman

ODEON

(M. 12 anos) Tel. 326283
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
3.ª SEMANA DE ÊXITO
UM FILME DE QUE TODOS FALAM PELA SUA NOBREZA DE PENSAMENTO

ROSAS BRANCAS PARA MINHA IRMÃ NEGRA

A história de um grande amor que despreza a cor da pele...
Eastmancolor

SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 327172
3.ª SEMANA
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Christopher Jones e Pia Degermara em

AQUELES DIAS CONTIGO...

(Briel Season)
Colorido

ALVALADE

(Adultos) Tel. 717480
As 15.45 e 21.45
Christopher Lee, Boris Barloff e Bárbara Steel

A MALDIÇÃO DO ALTAR VERMELHO

Colorido

LIDO

(M. 17 anos) Às 21,30 h.
Melina Mercouri, num filme com graça e ternura!!

A PROMESSA

MONUMENTAL

(M. 12 anos) Tel. 555131
Às 15.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Aventura! Acção! Espectáculo!

O TESOURO DE «EL CONDOR»

com Jim Brown, Lee Van Cleef, Marina Hill e Patricia O'Neal
No «écran» gigante de 70 mm.

SATÉLITE

(Adultos) Tel. 562882
Às 15.30, 18.30 e 21.45
16.ª SEMANA

COISAS DA VIDA

com Michel Piccoli e Romy Schneider
Situado no edifício do Monumental

ROMA

(Adultos) Tel. 78778
3.ª SEMANA
As 15.30 e 21.45

O BELO ANTÓNIO

Marcello Mastroianni — Claudia

* outros espectáculos

● LISBOA

TEATROS

CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «A Querida Mamã» (17 anos).
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «A Cozinha» (17 anos)
MARIA MATOS — Às 21 e 45: «Jogos de Sociedade» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23 h.: «Cala-te Boca» (17 anos).
ACADEMIA — Às 21 e 45: «O Santo e a Porca» (12 anos)
VILLARET — Às 21 e ás 23 h.: «A Capital» (17 anos).
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «Só as borboletas são livres».

CINEMAS

OLIMPIA — Às 9: «A Hora do Fumo» (12 anos)
CINEARTE — Às 21: «O Homem Secreto» (12 anos)
PARIS — Às 21: «As Rodas da Loucura» (12 anos)
JARDIM CINEMA — Às 21: «Um club só para cavalheiros» (17 anos).
IDEAL — Às 21: «O ovelha ranhosa» (17 anos)
SPORT LISBOA — Às 21 h.: «Matar ou não matar» (12 anos)
UNIVERSAL — Às 21 h.: «Balada para um homem só» (17 anos).
ENCARNAÇÃO — Às 21 h.: «Com a corda na garganta» (17 anos).

● Linha de Cascais

ALGÉS — Stadium — Às 21 e 30: «Quero matar-te de frente» (12 anos).
CARCAVELOS — Vitória-Cine — Às 21 e 30: «Uma aventura louca» (12 anos).
OEIRAS — Oeiras-Cine — Às 21: «Selva, mulheres e macacos» (17 anos)
PAREDE — Royal-Cine — Às 21: «Paixão da minha vida» e «A Rapariga» (17 anos)
ESTORIL — Casino — Às 17 e ás 21 e 30: «O falhado Amoroso» (17 anos) Esplanada — Às 21 e 30: «A morte do Dragão» (12 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Macho Callahan» (17 anos).

● Outra Banda

ALMADA — Incrivel — Às 21 e 15: «Amor selvagem» (12 anos).
TRAFARIA — Pavilhão Jardim — Às 21 e 15: «O Homem de Kiev» (17 anos).
LARANJEIRO — Instrução e Recreio — Às 21 e 30: «A minha noite em casa de Maud» (17 anos)

● Linha de Sintra

AMADORA — Recreios Desportivos — Às 21 e 15: «O computador de sapatos de ténis» (12 anos)
QUELUZ — Queluz Cinema — Às 21 e 15: «Desejo perverso» e «O Mercenário» (17 anos)
MEM MARTINS — Cine-Chaby — Às 21 e 30: «Mulheres e recrutas» (12 anos).

● PORTO

TEATROS

ANTÓNIO PEDRO — À 21 e 45: «A Batalha Naval» (17 anos).

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «Um belíssimo Novembro!» (17 anos).
COLISEU — Às 21 e 30: «Patton» (12 anos)
RIVOLI — Às 21 e 30: «O Carniceiro» (17 anos).
TRINDADE — Às 21 e 30: «O Distraído» (12 anos)
BATALHA — Às 21 e 30: «Em busca da felicidade» (17 anos).
AGUIA D'OURO — Às 21 e 30: «Cidade Violenta» (17 anos)
OLIMPIA — Às 21 e 30: — «36 horas no Inferno» (12 anos)
ESTÚDIO — Às 21 e 30: «A Ilha» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — Às 21: «Os maridos de Elizabeth» (17 anos)
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «Amores Proibidos» (17 anos).
CINEMA DO TERÇO — Às 21 e 30 «Os dias do ..ro» (12 anos).

● COIMBRA

GIL VICENTE — Às 21 e 30: «Grupo Gulbenkian de Bailados» (12 anos)
AVENIDA — Às 21 e 30: «Vidas proibidas» (17 anos)
TIVOLI — Às 21 e 30: «Antes do Crepusculo» (17 anos).
SOUSA BASTOS — Às 21 e 30: «O direito de nascer» (17 anos).

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA — Lidia, Calçada da Ajuda, 170 (telefone 637318)
ALCANTARA — Probidade. Rua de Alcântara, 5-A (tel 638589 * Infante Santo, Rua do Olival, 290 (tel 661003)
ALFAMA — Anunciada, Rua do Vigário 14 (tel 866360
ALTO DO PINA — Brasil, Rua Barão de Sabrosa 04 (tel 84'9 2)
ALVALADE — Rainha Santa Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B (á Avenida do Brasil (tel 765262) * Alentejo Avenida da Igreja 28-B (tel 712682) * Belo, Avenida de Roma, 53-A (tel 7763.4) * Estados Unidos, Avenida dos Estados Unidos da América 6-B tel 725859)
AMEIXOEIRA — S. Bartolomeu Vila Paulo Jorge, (ás Galinheiras (telefone 790969)
ANJOS — Guerra, Rua Andrade, 32 (tel 845513)
AREEIRO — Central, Av Paris . (tel 720820)
ARROIOS — Brasil, Rua Alves Torgo, 29-3 (telefone 46843)
AVENIDAS NOVAS — Santa Maria Avenida 5 de Outubro, 283-A (á Feira Popular) (tel 7630 6) * Cardoto Avenida Visconde Valmor 28-A (á Avenida da Republica) (t 77229'1) * Saldanha, Av Praia do Vitória 53 (tel 43938)
BAIRRO ALTO — Durão, Rua Garrett, 90 (telefone 324'66)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso Rua 27, 4 (tel 3 2 6)
BAIXA — Frazão, Rua das Portas de Santo Antão 72 (tel 328 80)
BENFICA — Marques, Estrada de Benfica, 648 (telefone 700096 * Vilex, Estrada de Benfica, 373-B (tel 780548) * S. João, Estrada da Luz 24-A (tel 783 79)
CAMINHOS DE FERRO — Alves de Carvalho, Rua Vale de Santo António, 7-9 (tel 840125)
CAMPOLIDE — Imperial, Rua General Taborda, 28 (tel 68093'1) * Rualto, Alto de Carvalhão 5-B (t. 65172'1)
CAMPO DE OURIQUE — Condestável, Rua Coelho da Rocha, 9 (tel 66606) * Almeida, R Silva Carvalho 36 (tel 68'726)
CHARNECA DO LUMIAR — S Bartolomeu, Vila Paulo Jorge. (t 790969)
CHIADO — Durão, Rua Garrett 92 (tel 324'66)
CONDE REDONDO — Branco Avenida Duque de Loulé 6 (tel 45048)
ESTRELA — Gama, Calçada da Estrela 30 (tel 660339)
GRAÇA — Monte (do), Rua Senhora do Monte, 30-A/B (tel 867842) * Progressivo, Rua de Santa Marinha 8 (tel 8636 9)
GRILO — Grijó. Rua do Grilo ..5
LUMIAR — Petuleto, R do Lumiar 122 (telefone 790332)
MADRAGOA — Lys, R da Esperança, 17 (telefone 6609 3)
OLIVAIS — Fernandes Borges. Rua Cidade de Benguela ote 300 (Olivais Sul) (tel 31 09 1) * Central, Rua Alferes Barrilaro Ruas 1-C (Olivais Norte (tel 315539)
PEDROUÇOS — Restelo, Rua Duarte Pacheco Pereira, 1-C (tel 6'074'1)
PENHA DE FRANÇA — Dimar, R Conde de Monsaraz 1-8 (tel 842533)
PICHELEIRA — Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B (t 120703-72839'1)
RESTELO — Restelo, R Duarte Pacheco Pereira, 11-C (tel 6'074'1)
SANTO AMARO — Santo Amaro, Rua Filinto Elísio, 29-A (tel 637070)
S. MAMEDE — Cunha, Rua da Escola Politécnica 16 (tel 3.5455)
S. PAULO — Ultramarina, R de S Paulo 99-10' (tel 32'771)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA — Sirius, Rua Fradinho de Almeida, 38-A (tel 44000.
S. MAMEDE — Marçal, R. de S. Marçal, 00 (telefone 3253 8)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA — Aguiar, Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (t 764 96) * Bairro Azul, Av Ressano Garcia, 1-A (t 5 45'1)
S. VICENTE — Rosa & Viegas, R de S Vicente, 3 (tel 864351)
XABREGAS — Salter, R de Xabregas, 63 (telefone 381185).

● Linha de Cascais

ALGÉS — Branco — Av. Comb. G. Guerra, 29 (Tel. 212081).
CAXIAS — Nova — R. Bernardim Ribeiro, 1-A (tel. 242839).
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — Rua Costa Pinto, 186 (tel. 2432034).
OEIRAS — Oeiras — L. Henrique Paiva Couceiro (tel. 2430485)
PAREDE — Macau — R. José Elias Garcia, 60-C (Tel. 2471785)
S. PEDRO DO ESTORIL — S. Pedro (tel 263052).
ESTORIL — S. João — S. João do Estoril (telef. 261186).
MONTE ESTORIL — Suiça — Cruzeiro (tel 260087).
CASCAIS — Cordeiro — Av. Comb G. Guerra, 40 (tel. 280170) * Nova — Est. de Alvide — Fontainhas (tel. 281044).

● Linha de Sintra

AMADORA — Dias — Av Marquês de Pombal, Lote 9 (tel 934589 * Campos — R Elias Garcia, 185 (tel 930072) * Clabel — R António Sardinha, 23 (tel 938551).
DAMAIA — Confiança — Est Militar, Lote D (Telefone 97 023 1)
QUELUZ — André — Av Elias Garcia 5' (Telefone 950043) * Queluz — Av Miguel Bombarda, 123-A (Tel 95 8 41)
CACÉM — Garcia — Av dos Missionários, 2 (Telef 2942 8 1)
MEM MARTINS — Quimia. Est Mem Martins 285 (Tel 29 00 2)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim — (Tel 980456)
SINTRA — Menezes, L. Rainha D Amélia, 20 — (Tel 980155)
COLARES — Colares — Azoia Tel 299088

● Outra Banda

ALCOCHETE — Gameiro — L. António dos Santos Jorge, 5 (Tel 234100)
ALHOS VEDROS — Portugal — Av da Bela Rosa 8 (Tel 224250)
ALMADA — Castro Rodrigues — R Capitão Leitão, 21-A (Tel 270078)
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima — Est Nacional, 221-B (Telefone 224141)
BARREIRO — Moderna — R D Henriqueta Gomes de Araujo, 12 (telefone 2273445).
COVA DA PIEDADE — Imperio — R Cabo da Boa Esperança, 31-A (Telefone 274356)
MOITA — União Moitense — Av Dr Teófilo Braga (Tel 239025)
MONTIJO — Diogo, Rua Almirante Reis, 42 (tel. 230032)
SESIMBRA — Lopes, R Cândido dos Antos. 67 — (Tel 229028)
SETUBAL — Soromenho, P Machado Santos (Telef 22691) * Alice, P do Quebedo (Telef 23743)
SEIXAL — Godinho — Largo da Igreja, 51 (tel 2218580).

● PORTO

Alberto Ferreira, Rua da Estação 00 (Te 51302) * **Antunes**, Rua do Bonjardim 485 (Tel 27936) **Campo Alegre**, Rua do Campo Alegre 123 (Telefone 62245 * **Fátima**, R Oliveira Monteiro 475 (Tel 55406 * **Ferreira da Silva**, Rua Mart da Liberdade 50 Tel 24023) * **Marques Mendonça**, Rua do A...al 45 (T 471'8) * **Freiró**, Rua da Preciosa 5' (Tel 68'027) * **S Jerónimo** Rua de Santo Pousada 622 (Telefone 4526 * **S. Lázaro**, Av Rodrigues de Freitas 23 (Tel 27043) * **Sarabanda** L dos Lóios, 36 (tel 2 701) * **Saúde**, Av Comb G Guerra 689 (Telefone 40376 * **Sousa Soares** Rua de Santa Catarina, 4 (Tel 22 45 * **Vitória**, R S R da Lapa nova 156 (Tel. 52225) * **Gondarém**, Rua de Gondarém 360-Foz

● COIMBRA

Neves Morgado — Rua da Moeda (tel. 23738) * **Rodrigues da Silva** — Rua Ferreira Borges (t. 24348) **S. José** — Arcos do Jardim (tel. 24697).

Diário de Lisboa
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

O Governo dos EUA tenta impedir a publicação do relatório do Pentágono

NOVA YORK, 15 (F. P. e R.) — O «New York Times» anuncia hoje a cinco colunas na primeira página: «Mitchell tenta deter a publicação do estudo do Pentágono acerca do Vietnam mas o «Times» recusa».

O Jornal respondeu que «devia respeitosamente rejeitar aquele pedido», apesar do secretário da Defesa Melvin Laird ter declarado já que a publicação constituía uma violação da segurança nacional, o que pode acarretar graves consequências jurídicas.

Durante o dia, Melvin Laird, secretário de defesa, tinha anunciado que havia encarregado o Ministério da Justiça de abrir um inquérito quanto as circunstâncias em que o jornal havia obtido o relatório secreto.

O FBI está a investigar a forma como os documentos chegaram ao conhecimento do jornal, para eventual apuramento de responsabilidades.

O presidente Nixon é mantido ao corrente do desenrolar dos acontecimentos.

As cópias dos documentos eram em numero reduzido e tinham sido distribuídas apenas aos mais altos funcionários do governo e do Congresso.

Na sua resposta, o jornal diz que não pode aceitar o pedido de Mitchell para que seja suspensa a publicação dos documentos por estar convencido de que é do interesse do povo americano ser informado do seu conteúdo.

Os documentos publicados pelo jornal, e que parecem ser genuínos, mostram que o presidente Johnson já tinha planeado intensificar os bombardeamentos americanos contra o Vietnam do Norte meses antes do incidente no Golfo de Tonkin, que foi utilizado como protesto oficial quando dois navios de guerra americanos em Agosto de 1964 foram atacados por lanchas torpedeiras do Vietnam do Norte.

Segundo o «New York Times» os documentos secretos revelam ainda que Johnson já estava decidido a intensificar a participação americana na guerra mesmo quando publicamente, durante a campanha eleitoral, rejeitava a posição defendida pelo seu adversário republicano Barry Goldwater, partidário de uma política de força.

Estes documentos, agora publicados, vieram fornecer novos argumentos aos senadores contrários á guerra no Vietnam, para os quais o incidente do Golfo de Tonkin apareceu sempre como um pretexto do Governo para iniciar os bombardeamentos.

Esta revelação explosiva surgiu precisamente na véspera do Senado e da Camara dos Representantes votarem medidas legislativas que visam uma retirada completa dos americanos até ao fim deste ano.

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava em geral pouco nublado, o vento era moderado de Noroeste e caíam aguaceiros a norte do rio Douro

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Alvalade, 23°,1; mínima: Penhas do Saude, 1°,2

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 13; Penhas Douradas, 4°; Coimbra, 15°; Portalegre, 11°; Lisboa, Faro e Funchal, 17°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Na atmosfera: 17°; na água do

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Regiões do Norte: céu com períodos de muito nublado, vento moderado de Noroeste; aguaceiros. Regiões do Centro e Sul: céu pouco nublado, vento moderado de Noroeste. mar: 15°,8.

Amanhã
Nascer ás 6 e 11
Ocaso ás 21 e 3

Amanhã Dia 22 Dia 30 Dia 6

MARÉS:

PREIA-MAR: **Hoje** — 3 e 20 (3,4 m); 2 e 44 (3,7 m). **Dia 16** — 10 e 15 (3,4 m); 23 e 36 (3,6 m). **Dia 17** — 11 e 24 (3,4 m); 23 e 49 (3,6 m).

BAIXA-MAR: **Hoje** — 9 e 20 (3,4 m); 2 e 44 (3,7 m). **Dia 16** — 3 e 24 (1,3 m); 15 e 50 (1,5 m). **Dia 17** — 4 e 29 (1,3 m); 16 e 58 (1,5 m).

O Hospital Central de Belfast, cuja inauguração se prevê para daqui a cinco anos, terá 540 camas. Custo (aproximado): 680 mil contos. As janelas dos quartos, localizados na torre (74 metros de altura), têm os vidros dispostos em angulo a fim de atenuar o efeito dos raios do sol com vista á manutenção ideal do sistema de ar condicionado

Ensino prático de Música a partir da Escola Primária

— pede-se nas conclusões do I Congresso das Filarmónicas

SANTARÉM, 15 — Medidas de protecção social para os componentes de bandas e filarmónicas foram solicitadas pelos participantes no I Colóquio de Bandas Civis e Filarmónicas, realizado no âmbito da Feira de Santarém.

A sessão inaugural presidiu o director-geral da Cultura Popular e Espectáculos. dr. Caetano de Carvalho.

No final do colóquio, foram distribuídas as seguintes conclusões:

1.º Que seja introduzido, a partir da escola primária, o ensino prático da Música como factor primacial na formação espiritual da nossa juventude, preparação de executantes e de um público interessado e receptivo;

2.º Que se encare também o estabelecimento de um sistema de cooperação, onde for possível, entre as escolas primárias e as filarmónicas;

3.º Que as Câmaras Municipais tomem a seu cargo contratar professores ou monitores para o ensino de instrumentos a aprendizes, no concelho respectivo, os quais poderiam eventualmente ser aproveitados no ensino da Música nas escolas primárias;

4.º Que as entidades competentes, nomeadamente o Ministério da Educação Nacional e a Secretaria de Estado da Informação e Turismo, intensifiquem o fomento e apoio das actividades das bandas e filarmónicas, nomeadamente quanto à cedência de instalações, de bibliotecas musicais, de instrumental necessário e de fardamentos;

5.º Que se ampliem as infra-estruturas da Administração Pública relacionadas com as actividades das bandas e filarmónicas por forma à assegurar-lhes a devida assistência técnica e artística;

6.º Que a Emissora Nacional e a Radiotelevisão Portuguesa apresentem regularmente programas com concertos por bandas e filarmónicas como meio fundamental e indispensável da divulgação da Música e do estímulo à actividade daquelas;

7.º Que nos programas musicais e concertos públicos radiodifundidos figure sempre uma percentagem de música portuguesa a fixar pela autoridade competente, logo que for possível;

8.º Que a Secretaria de Estado da Informação e Turismo promova anualmente um concurso nacional de composição de peças regionais para formação de banda;

9.º Que seja criado pela Secretaria de Estado da Informação e Turismo o dia das filarmónicas, durante o qual serão realizados concertos em todo o País com a inclusão obrigatória da peça premiada nesse ano;

10.º Que sejam protegidos socialmente os componentes das bandas e filarmónicas, sendo-lhes dada preferência na admissão em serviços municipais ou públicos em igualdade de circunstâncias, assegurando-lhes a concessão de descontos em transportes colectivos quando em deslocação por motivo de aulas ou de serviço; instituindo seguros de vida colectivos que cubram os riscos emergentes do exercício da sua actividade musical;

11.º Que sejam revistos os encargos tributários que oneram a actividade das bandas e filarmónicas;

12.º Que seja devidamente coordenada a política de concessão de subsídios por parte dos organismos oficiais e privados, em ordem a conseguir um maior proveito cultural da sua aplicação;

13.º Que seria desejável que nos espectáculos desportivos, nomeadamente nos de futebol, participassem as bandas filarmónicas;

14.º Que estas conclusões sejam remetidas para os devidos efeitos às autoridades públicas competentes.

A REVISÃO CONSTITUCIONAL

(Continuação da 1.ª página)

respectivo n.º 10.

Alguns membros da comissão acentuaram a vantagem de se considerar no diploma fundamental a necessidade de a instrução preparatória ser escrita e de os arguidos terem sempre a possibilidade de se fazer assistir pelos advogados, em qualquer fase do processo criminal, tendo outros alegado que, sem discordar da necessidade de tais garantias, elas devem ser reguladas pelo legislador ordinário, incluídas como estão entre as «necessárias garantias de defesa», que tanto o texto actual como a proposta do Governo continuam a consagrar.

Foi esta ultima opinião a que logrou vencimento no seio da comissão, que assim aprovou o texto da proposta governamental.

Por outro lado, a comissão entendeu que o princípio da não retroactividade se deve aplicar também ás medidas de segurança.

O parecer da comissão sugere também a inclusão e um parágrafo unico relativo ao art. 23.º, alargando á Rádio e Televisão a atribuição de exercício de funções de carácter publico.

A comissão para a Revisão da Constituição preside o conselheiro Albino dos Reis.

O parecer da comissão foi lido na tribuna, constituindo a ordem do dia da reunião. No período antes da ordem do dia usou da palavra o deputado Reboredo e Silva sobre o caso do «Angoche».

Conselho da Defesa

Sob a presidência do prof. Marcelo Caetano reuniu-se hoje no Palácio de S. Bento, o Conselho da Defesa Nacional.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL

ROMA, 15 (F. P.) — Começou ao fim da tarde de ontem, em Roma, a 8.ª assembleia geral da Conferência Episcopal Italiana, com uma missa concelebrada pelo cardeal Ermenegildo Florit, arcebispo de Florença, e cerca de 250 cardeais, arcebispos e bispos presentes.

O MUNICÍPIO DO PORTO E O PROBLEMA HABITACIONAL

PORTO, 15 — Na reunião desta tarde, efectuada nos Paços do Concelho, foram tratados vários problemas citadinos, entre os quais o empréstimo de 20 mil contos para prosseguimento do plano de construção de moradias populares e a aprovação do projecto de estudo urbanístico dos terrenos a norte das ruas Fernão Mendes Pinto e de João de Lisboa (na zona da Avenida Gomes da Costa), no qual se prevê um novo sistema viário, destinando-se o sector norte a uma zona desportiva com parque de estacionamento e o sector sul á instalação de imóveis com espaço livre, publico, e á construção de escolas primárias e infantil.

O vereador dr. Paulo Pombo, na sua intervenção, propôs a atribuição da Medalha de Honra da Cidade ao Regimento de Infantaria 6, que há mais de 300 anos vem prestando «serviços inestimáveis á Grei».

OPERÁRIO MORTO NOS ALICERCES DO LISBOA GINÁSIO

Uma barreira abateu e soterrou, ao princípio da tarde, dois operários que trabalhavam na implantação dos alicerces do futuro Lisboa Ginásio Clube, ás Amoreiras. Telémaco da Cruz Azevedo, de 40 anos, casado, com 2 filhos, de Setubal; e Henrique Joaquim Paulo, de 39 anos, casado, 3 filhos, de Coruche.

O primeiro dos operários a ser retirado foi Henrique Paulo, consciente, embora bastante ferido.

Telémaco, com um braço esmagado, foi retirado ás 12 e 30. Um lençol branco cobriu-o na maca em que seguiu para o Hospital de S. José. Os bombeiros (B. S. B. e Voluntários de Campo de Ourique) não conseguiram apurar, de momento se ele estaria morto.

No Hospital de S. José. 15 minutos depois, foi verificado o óbito de Telémaco Azevedo.

Segundo os bombeiros, a barreira abateu em consequência das ultimas infiltrações pluviosas.

Novo governador civil de Viana do Castelo

Pelo ministério do Interior vai ser enviada ao «Diário do Governo» uma portaria que exonera, a seu pedido, do cargo de governador civil de Viana do Castelo, o sr. dr. Araujo Novo.

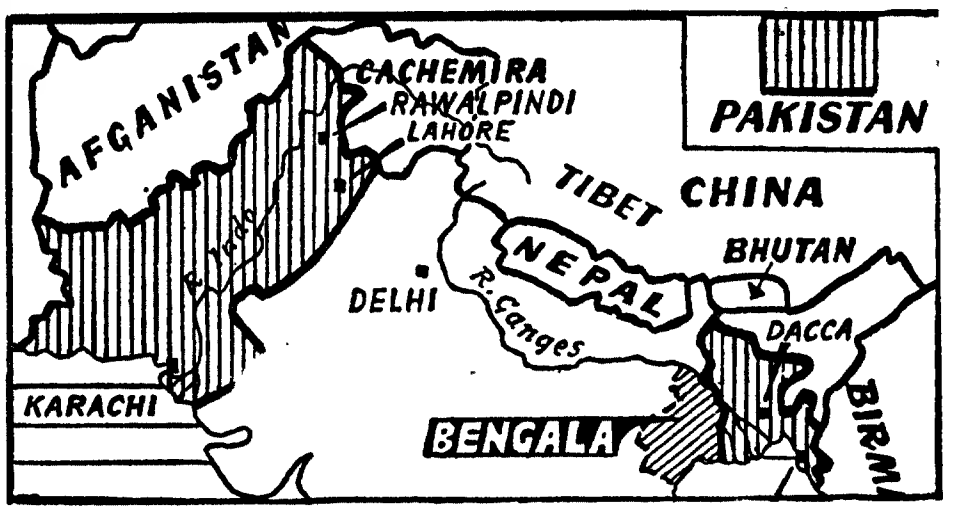
Em sua substituição é nomeado, para ocupar aquele cargo, o eng. Manuel Afarcão Bastos, actualmente a exercer funções no Instituto Geográfico e Cadastral.

MILITAR FALECIDO EM ANGOLA

LUANDA, 15 (L.) — Faleceu em Angola, por desastre, o soldado n.º 116 777-69, José Pina Justo, natural de Ponte do Sor, filho de José Conceição Justo e Olívia Mendes Pina.

Exclusivo

Indira Gandhi e o antigo presidente do Partido do Congresso



Mapa onde se assinala a localização de Bengala

REPRESSÃO IMPIEDOSA DOS BENGALIS

Por GERARD VIRATELLE

Cerca de dois meses após o começo das operações militares desencadeadas pelo exército paquistanês no Bengala Oriental, o afluxo crescente dos refugiados bengalis à Índia põe graves problemas ao Governo da sr.ª Indira Gandhi. As autoridades sanitárias indianas lançaram, no passado dia 31 de Maio, um apelo à assistência internacional a fim de tentarem combater a epidemia de cólera (que teria feito já oito mil mortos).

Gérard Viratelle, enviado especial de «Le Monde», efectuou recentemente uma viagem ao Bengala Oriental e testemunha, na reportagem que se segue, a repressão impiedosa do exército paquistanês contra a população bengali.

«Matemos todos os Bengalis, pois são traidores que quiseram fazer a secessão do país». A jovem paquistanesa que defende este ponto de vista não é, aparentemente, uma exaltada. Os seus compatriotas da província ocidental aprovam, em geral, em termos semelhantes, a impiedosa repressão efectuada no Bengala, de 25 de Março para cá. «Eles (os soldados paquistaneses) continuam a matar-nos como cães», murmura um Bengali, tremendo de emoção, certo de que ninguém mais nos escuta. «Pessoas que passam na rua são presas a partir do sol-pôr —continua o mesmo Bengali — e o Exército que tem necessidade de plasma sanguíneo, tira-lhes sangue, em sessões prolongadas, e depois, meias mortas, lança-as na rua».

Quarenta pessoas foram queimadas vivas com um lança-chamas porque um soldado tinha sido morto, afirma uma testemunha do drama. Funcionários bengalis são levados à força do seu domicílio, por vezes posteriormente libertados, mas, frequentemente, desaparecem. O Exército não faz prisioneiros, liquida.

Anteriormente plena da animação urbana das cidades asiáticas, Dacca é, agora, um lugar abandonado por cerca de metade da sua população. As bandeiras paquistanesas são menos numerosas do que as do Bangla-Desh, em Março último. A circulação em via única acaba de ser imposta em certas artérias, como em Argel na altura da luta antiterrorista, em virtude de se terem verificado alguns atentados à bomba estes últimos dias. As ordens das autoridades da lei marcial são cominatórias: o porte de armas, bem entendido, e mesmo de mocas, os ajuntamentos e a posse de documentos susceptíveis de avivar o ódio entre as populaçes das duas províncias são proibidos. As aulas na Universidade só recomeçarão no mês de Agosto. Os melhores professores foram assassinados nas suas residências oficiais, bem como todos os membros da sua família e do eu pessoal, durante a noite de 25 para 26 de Março. Os estudantes ingressaram nas fileiras do «exército de libertação».

As ruas da capital encontram-se completamente desertas muito antes do toque do recolher, à meia noite, e os lojistas — aproximadamente um armazém em cada seis encontra-se aberto — encerram ao pôr do sol, temendo serem assaltados pelas «Hordas de Yahya»

UMA ATMOSFERA DE OCUPAÇÃO

Deste modo, a ordem — e uma atmosfera de terror e ocupação — reinam no Bengala. As destruições, motivadas pela terrível guerra civil, são consideràvelmente mais importantes do que as causadas, o ano passado, pelo ciclone. As estimativas mais razoáveis fixavam então o número das vítimas em cerca de duzentos e cinquenta mil mortos. Em Dacca, a capital, em Kulna, cidade industrial, em Chittagong, principal porto do país, os estragos materiais são impressionantes. Ainda não visitámos Rasashi, Mymensingh e Sylhet, onde se desenrolaram combates e terríveis operações de represálias sobre a população civil.

Ao longo de todas as estradas, podem-se ainda ver, numa extensão de vários quilómetros, vastos bairros totalmente arrazados, aldeias, herdades, casas de sólida construção de que mais não resta senão solo queimado, traves calcinadas, objectos de barro quebrados, e vestígios de dezenas de Oradour-sur-Glane e de Song-My

O Exército fez enterrar os mortos antes da chegada dos primeiros jornalistas, há cerca de quinze dias. Procedeu, também, à «limpeza» de um corredor de vários quilómetros ao longo da fronteira e instalou as suas posições no interior do *no man's land* criado por um acordo indo-paquistanês. Nestas zonas, as habitações estão completamente destruídas, enquanto as populações pereceram ou empreenderam a fuga.

Segundo os responsáveis militares com os quais nos avistámos, os fascistas, são os outros, os elementos anti-sociais», os «infiltradores vindos da Índia», os «infiéis», que pretenderam perturbar a vida de um «Peace Loving People», de um povo amante da paz.

O Exército limitou-se na maioria dos casos, a atirar para o ar, ou nunca fez mais do que ripostar, não se cansaram de nos repetir no decurso desta viagem organizada.

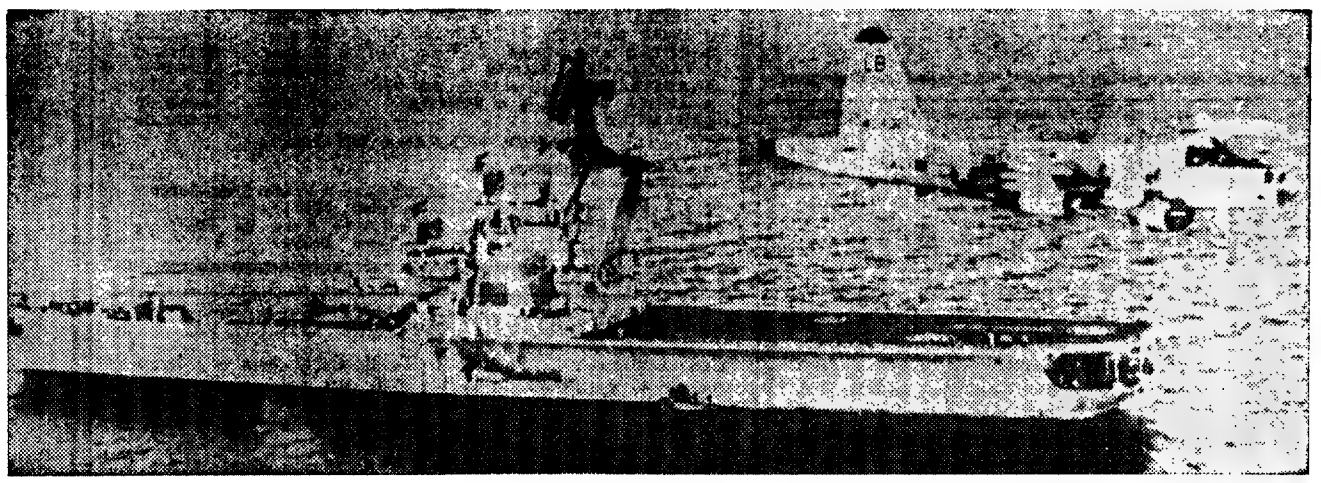
«Não tínhamos a intenção de matar fosse quem fosse», declarou-nos, a sangue-frio, o brigadeiro-general encarregado, é certo,

→

A ESQUADRA SOVIÉTICA: UM MEIO DE OS RUSSOS PENETRAREM NA DIPLOMACIA «DAS ÁGUAS AZUIS»

O aumento incessante da Marinha soviética provoca discussões acesas nos Estados Unidos e suscita uma atenção particular. Entretanto a Marinha americana destina-se à ofensiva enquanto a russa tem um carácter essencialmente defensivo.

(Página central)



NADA CENSURAMOS AOS CHINESES

— DECLAROU O PRIMEIRO-MINISTRO DO CEILÃO EM ENTREVISTA AO «LE MONDE»

Por JACQUES DECORNOY

A residência oficial do primeiro-ministro do Ceilão — diz-se aqui *Temple Trees*, como, em Londres, o 10 de Downing Street — está agora rigorosamente guardada, de noite e dia. As áleas que conduzem ao grande edifício estão guardadas por sub-metralhadoras. Foi neste ambiente marcial que a sra. Sirimavo Bandaranaike nos recebeu.

Falámos-lhe primeiro da emoção da opinião pública cingalesa e internacional, muito pouco preparada para entender esta súbita explosão de violência armada numa ilha desde sempre pacífica e onde os tumultos rebentaram onze meses depois da vitória, nas eleições de Maio de 1970, da coligação das esquerdas, dirigida pelo actual primeiro-ministro. Quais são, pois, segundo a sra. Bandaranaike, as raízes locais do Janata Vimukti Peram (J. V. P.) ou Frente de Libertação do Povo?

— *É justo dizer que as agitações, como o sr. diz, começaram por instigação do J.V.P., onze meses depois da chegada do meu Governo ao poder, mas, segundo o que se sabe de maneira segura, o J.V.P. começou a organizar-se quatro ou cinco anos dos recentes acontecimentos. Este movimento parece visar o sistema parlamentar. O Governo está a estudar, as informações reunidas acerca deste movimento. Parece que os membros da organização têm seguido cursos (divididos em cinco classes), sobre diversos problemas políticos e económicos. O idealismo e as frustrações da juventude têm sido explorados. O plano do J. V. P. teria preconizado aquilo a que se poderiam chamar «soluções instantaneas» para problemas, tais como a suspensão imediata das importações, o arranque de todas as culturas do chá, o cultivo de plantas alimentares, etc. Quando todos os documentos apreendidos estiverem estudados e analisados, saberemos mais sobre as intenções do movimento.*

— Como explica que os dirigentes conhecidos do J.V.P. tenham apoiado os vossos candidatos no ano passado?

— *Não me parece que possamos hoje dizer que conhecemos todos os chefes do J. V. P. Contudo, é certo que alguns dos chefes conhecidos apoiaram a coligação de partidos que eu encabecei por altura das últimas eleições. Segundo penso, eles terão julgado que o meu Governo seria mais liberal que o anterior e esperavam que esse clima de liberalismo os ajudasse a organizarez-se a fim de poderem aplicar as soluções por eles preconizadas. Penso também que o J. V. P. utilizou a maior liberdade que lhe foi conferida conspirando e preparando a queda do Governo.*

— Em Abril de 1970, a Imprensa publicou certas notícias, segundo as quais havia quem se preparasse para «actividades terroristas» e para uma insurreição armada. Como reagiu então a senhora Bandaranaike? Havia alguma diferença fundamental entre o que o J.V.P. preparava então (a fazer fé nesses artigos) e aquilo que se produziu realmente em 1971?

— *Essas notícias foram publicadas em Abril de 1970, mas nessa altura não estávamos em condições de ajuizar da veracidade desses documentos, porque estávamos na oposição. No clima geral de suspeita e rivalidade política que antecede imediatamente as eleições, nem sempre é possível para um partido da oposição conceder crédito total àquilo que se publica por iniciativa do Governo. Contudo, não parece haver diferenças fundamentais entre o que então se relatou e o que aconteceu realmente em 1971.*

— Se a insurreição durar ainda mais tempo e obrigar o Governo a utilizar para fins diversos dos originalmente previstos os créditos orçamentais destinados ao progresso económico e social, a situação assim criada não irá dar novos argumentos aos insurrectos? A coligação que a senhora dirige não enfrentará então dificuldades com os trabalhadores urbanos?

— *Infelizmente é bem verdade que teremos de aplicar na reparação dos estragos causados pelos terroristas créditos substanciais que deveriam ser utilizados no desenvolvimento agrícola e in-*

A REPRESSÃO DOS BENGALIS

dos assuntos civis no Paquistão Oriental. Todavia, acrescentou: Quando um exército se encontra em operações, utiliza os seus próprios métodos».

Os nossos acompanhadores civis e militares serviram-se de todos os recursos da amabilidade oriental para tentarem convencer os jornalistas da inocência do Exército e da razão da sua intervenção, acentuando que as destruições eram, na maioria dos casos, o resultado de lutas entre comunidades. É inegável que se verificaram choques entre beharis e bengalis, particularmente em Kulna e Chittagong. A permanência da liga Awami nesta última cidade, por exemplo, foi motivo de horríveis matanças. Todavia, apenas nos relataram certos crimes dos bengalis, os quais, aliás, se verificaram após o começo da repressão em Dacca, em 25 de Março. Em Chittagong, as operações de represálias do Exército teriam feito para cima de vinte mil vítimas. As relações entre as comunidades bengali e behari sempre foram difíceis. Existem em Bengala aproximadamente oito milhões de refugiados muçulmanos no Estado indiano de Bihar. Estes não se integraram nas populações autóctones, cuja língua se recusam a aprender, principalmente em virtude do seu apego ao urdu, a «língua franca» do Paquistão Ocidental, e são considerados pelos bengalis como uma quinta coluna. O conhecimento da língua urdu é, aliás, nas actuais circunstâncias, um inestimável salvo-conduto no Bengala.

Não é menos verdade que os robustos soldados pathans, balouchis e pendjabis não só possuem temíveis qualidades bélicas, mas se encontram, igualmente, animados de vivo ardor político e religioso. Têm a convicção de defenderem uma causa justa — a unidade do Paquistão, primeira nação muçulmana do mundo — e de estarem, por assim dizer, empenhados num «combate pela fé». Um espírito de cruzada galvaniza as tropas. Os chefes dos postos, muito seguros de si, apresentam todos a liga Awami como um movimento manipulado pela Índia e pelos hindus e não tomam em consideração as diferenças entre indianos e hindus.

Cerca de dez milhões de hindus habitavam o Paquistão Oriental antes da repressão. Bengalis, eram favoráveis ao movimento nacionalista de Sheikh Mujibur Rahman. «Crush India», «Esmagar a Índia», é o único «*slogan*» que se escuta agora em Bengala. «Na minha aldeia, explicou-nos um jovem, o Exército perseguiu os hindus e massacrou-os a todos». Em Dacca, os pequenos reagrupamentos de hindus, situados no meio do campo de corridas, constituíram um dos primeiros objectivos dos soldados paquistaneses, que decapitaram nos seus talhos os carniceiros hindus da cidade velha, utilizando as facas do seu ofício.

«Somos militarmente fortes, resta-nos conseguí-lo ser sob o ponto de vista económico e político», declara, confiante, um responsável paquistanês. A maioria dos membros da «classe dirigente» local foi morta ou refugiou-se na Índia. Os funcionários autóctones que permaneceram nos seus postos encontram-se na sua totalidade sob o domínio de militares ou paquistaneses chegados há pouco da província ocidental. Os bengalis não são mais, actualmente, do que executantes resignados, enquanto aguardam as directivas da liga Awami.

O regresso «ao normal» é, de facto, evidente, e deveria ser facilitado, no sector industrial, pelo facto de os chefes das empresas serem, em geral, oriundos da outra parte do país. Todavia, apenas algumas fábricas reabriram as suas portas. Cerca de um terço dos operários apresentou-se ao trabalho, na sua maioria biharis. Os comboios circulam. O porto de Chittagong retomou as suas actividades e aguarda os navios. O trigo armazenado nos seus silos é encaminhado para as cidades do interior. A principal ligação por estrada entre Chittagong e Dacca será restabelecida dentro de alguns dias. Nos campos, os camponeses partem em direcção aos arrozais, levando à frente a bandeira paquistanesa, como medida de precaução. «A população está toda do nosso lado», afirma um oficial superior. Mas será que os camponeses têm, por agora, outra alternativa que não seja a aparente colaboração com o Exército?

«O EXÉRCITO DEVERÁ FICAR DURANTE MUITO TEMPO»

Terá este assegurado pela sua acção, tal como pretendem alguns dos seus responsáveis, vários anos de tranquilidade política em Bengala? Todos os conselhos municipais foram dissolvidos e substituídos por «comissões de paz» formadas por membros da liga muçulmana — três deles foram recentemente assassinados por «infiéis» dos partidos religiosos, representantes da comunidade behari e alguns «social-Workers».

Por outro lado, diversos governos estrangeiros pediram a Islamabad que procurasse uma solução política. O General Yahya Khan declarou, há algumas semanas, em Karachi, que estava disposto a conceder a amnistia a «todos aqueles que foram enganados». A tese oficial é, com efeito, actualmente, que a Assembleia Nacional e as Assembleias Regionais eleitas no mês de Dezembro não estão dissolvidas e que, se a liga Awami se encontra proibida, os seus membros — considerados individualmente — conservam, sob certas condições, os seus mandatos.

«Não existe solução política possível sem aqueles que não traíram», é também a opinião do Sr. Nurul Amin, antigo Chefe do governo do Paquistão Oriental, presidente do partido democrático paquistanês e um dos dois deputados — em cento e sessenta e dois — eleitos ao abrigo de um rótulo diferente do da liga Awami. Velho político astuto, o Sr. Nurul Amin, que foi solicitado pelas autoridades militares, declarou-nos que não pretendia um lugar de primeiro-ministro e não aprovava tudo aquilo que o exército fizera. «Mas, acrescentou, não havia alternativa para a sua intervenção. É necessário, agora, fazer com que os bengalis percam o sentimento de insegurança que ainda experimentam. As pessoas devem habituar-se á presença do exército, que nunca estivera no meio do povo». Por agora, apenas uma dúzia de membros da liga Awami aderiram ao regime. «O exército ficará ainda aqui que durante muito tempo. Não há outra solução», dá a entender um porta-voz.

LEIA ISTO!

Gostaria de ganhar mensalmente até 7.000$00 trabalhando em part-time? Posso indicar-lhe como. Sou uma pessoa séria, portanto deverá sê-lo também. Um investimento de 6.000$00 absolutamente garantido em produtos, pode ser o caminho para o seu sucesso.

Telef. Mr. Milianti 775659.

TERRENO INDUSTRIAL

Vende o próprio, melhor oferta, pronto construir cerca 60.000 m2 bons acessos por estradas alcatroadas e transportes directos ao Metropolitano (Areeiro). A 3 km de Sacavém e 10 minutos de Lisboa. Não trata com intermediários. Avenida João XXI, 9-A — Telefone 726115.

Em PONTE DE SOR o «DIARIO DE LISBOA» vende-se no CAFÉ RESTAURANTE JARDIM — Avenida General Carmona.

VIAGENS LONGO CURSO 1971

ITINERÁRIOS CUIDADOSAMENTE ESTUDADOS, COM O FIM DE PROPORCIONAR AOS PARTICIPANTES UMA RECORDAÇÃO INESQUECÍVEL E AGRADÁVEL

CULTURAS E PAISES EXÓTICOS

POVOS E RAÇAS ANTIPODAS... CIVILIZAÇÕES DIFERENTES, são os aspectos mais salientes de uma viagem de longo curso

ESTADOS UNIDOS e CANADÁ	16 dias	17.950$00
O CONTINENTE AMERICANO	25 dias	47.310$00
A TERRA SANTA	7 dias	9.850$00
O LESTE EUROPEU	16 dias	17.440$00
O CEILÃO e o NEPAL	17 dias	29.250$00
O FASCINANTE ORIENTE	24 dias	38.500$00
A AUSTRÁLIA e os MARES DO SUL	32 dias	66.100$00
A ÁFRICA DO SUL e a RODÉSIA	27 dias	36.950$00
ROMÂNTICA BALI	21 dias	31.550$00

PEÇA-NOS PROGRAMA DETALHADO

Informações e reservas em

BELOS Turismo

SETÚBAL — Avenida 5 de Outubro — Telef 23291
ÉVORA — Rua da República — Telef. 24254

PASSAGEIROS SEM BILHETE

Comunica-nos a C. P. que, a partir de 15 de Junho de 1971, aos Srs. Passageiros encontrados sem bilhete em comboios tranvias ou que façam serviço de tranvia e que tenham embarcado em estações ou apeadeiros com venda de bilhetes, ser-lhes-á feita a cobrança de bilhete da Tarifa Geral com o recargo de 20 % em todo o percurso em que pretendam viajar. Esta cobrança não poderá ser inferior a 20$00.

No próprio interesse dos Srs. Passageiros, que utilizam os referidos comboios, a C. P. lembra a conveniência de adquirirem

presença
berliet
tramagal

FIL 71
FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

METALURGICA DUARTE FERREIRA SARL
TRAMAGAL LISBOA

QUE SE ENCONTRAM NO NOSSO PAÍS

dustrial. O custo global dos danos causados a todos os sectores da economia não foram ainda avaliados. Mas, se lhes somarmos as perdas na produção, poderemos pensar que vai além dos 200 milhões de rupias (1). Tal será o montante da dívida dos terroristas contra a sociedade. É evidente que esta situação poderá fornecer-lhes novos argumentos contra o Governo. Em compensação, como o senhor o pôde constatal, grande parte da população condenou já os terroristas e continuará a fazê-lo (disso estou certa) quando a extensão dos danos for totalmente revelada. Pergunta-me se a coligação poderia encontrar dificuldades junto dos trabalhadores das cidades. Penso que poderá haver dificuldades não só para esses, mas para todos os cidadãos. O Governo tomará, no entanto, medidas rápidas para restabelecer a situação. Aplicará o seu programa sem ter em conta os dificuldades que essa política poderá causar seja a quem for. Acrescento que me s e n t i muito reconfortada com o magnífico apoio que o Governo recebeu da parte dos sindicatos e dos trabalhadores. Estou certa de que esta cooperação prosseguirá para que o nosso programa e a nossa política possam ser concretizados.

A EXPULSÃO DOS NORTE-COREANOS

— Um deputado propôs a instauração de um regime de partido único que contribuísse para a construção de uma democracia socialista. Que pensa disso?

— *O único comentário que faço a essa proposta é que qualquer regime deverá ser na medida do possível, evolutivo. As resoluções fundamentais ligadas á nossa nova constituição prevêem a formação de vários partidos. Enquanto o nosso povo entender que são necessários vários partidos, terá, evidentemente, o direito de os manter e agirá com toda a liberdade no quadro das Leis (2).*

— O Governo expulsou os diplomatas norte-coreanos, que lhes censurava o Governo ao certo, quando a verdade é que certos membros da coligação tinham acabado de regressar da Coreia e havia outros aqui que eram de uma comissão (de amizade cingalês-norte-coreano).

— *Como dissemos no comunicado publicado a esse respeito, tomámos essa decisão no interesse do Governo de Ceilão. Por outro lado, foi ordenada a saída dos diplomatas norte-coreanos, mas as relações diplomáticas não foram cortadas. Tem havido intercâmbio cultural entre os dois países e visitas de cingaleses á Coreia do Norte; isso não pode impedir o meu Governo de agir em função dos seus interesses quando for necessário fazê-lo.*

— Segundo um comunicado sino-cingalês aqui publicado, não houve razões para protestar contra os chineses que enviam material destinado á construção do Bandaranake Memorial International Conference Hill em Colombo nem contra os chineses que aqui trabalham. Este comunicado será aplicável a todas as actividades chinesas em Ceilão? Haverá alguma relação entre possíveis actividades e a prisão do dirigente do P. C. pró-chinês de Ceilão, que, no entanto, condenara os actos e atitudes da J.V.P.?

— *O Governo de Ceilão não disse nada que possa suscitar dúvidas acerca das actividades da Embai x a d a da China ou de qualquer outra missão presente neste país. O comunicado referente ao material utilizado na construção do centro de conferências f o i publicado para especificar que as investigações feitas a propósito dos caixotes desembarcados não se filiavam em suspeitas sobre este ou aquele, mas deveram-se ao facto de nos ser necessário controlar todos os produtos importados, dado o estado insurreccional em que o país se debatia.*

A COMPRA DOS MIG SOVIÉTICOS

— Quando chegou ao Poder, a senhora expulsou o Peace Corps americano e os membros da Asia Foundation que trambalham aqui. Depois dois diplomatas americanos foram convidados a sair de Ceilão. Houve, nesses casos, ingerências nos vossos assuntos internos?

— *É exagerado dizer que o Governo expulsou o Peace Corps e a Asian Foundation, porque isso, seria sugerir que os membros desses grupos tiveram que sair apressadamente do país. Convidámos o Peace Corps a pôr fim ás suas actividades quando o nosso acordo com ele chegasse ao seu termo. Esse acordo previa a conclusão das suas actividades. O Governo indiano convidou também a Asian Foundation a terminar as suas actividades na India. Conclui-se que as actividades destas organizações, por mais louváveis que tenham sido as suas intenções, não eram necessárias á política do meu Governo. Por outro lado, não é correcto dizer que tivéssemos convidado os dois diplomatas a abandonarem o país (3).*

— O governo cingalês recebeu logo no início das perturbações da ordem pública, um auxílio imediato, especialmente militar. É fácil compreendermos as necessidades do Governo de granadas, morteiros, helicópteros, mas não de Migs, difícilmente utilizáveis numa contra-guerrilha. O governo cingalês pediu esses aviões soviéticos? Ou foi Moscovo que se ofereceu para os dar ou vender? Não vos parece que estes aparelhos constituem mais uma «arma política» que uma arma militar?

— *Declarei no passado dia 24 de Abril: «Não nos propomos permanecer no nosso antigo estado de impreparação militar. Um reforço imediato de toda a nossa segurança necessitará de muito dinheiro e os nossos recursos são limitados». Desde que o movimento terrorista foi lançado que o Governo tenciona reforçar e equipar as suas forças de segurança de modo adequado, a fim de poder fazer face a situações deste género. O que exigirá a compra de equipamento essencial no estrangeiro. Já recebemos ofertas de muitos países, e a U.R.S.S. ofereceu-nos condições muito favoráveis para a entrega de diversos materiais, ofertas que aceitámos. As autoridades encarregadas da defesa decidem dos tipos de materiais requeridos e das suas utilizações.*

— O Oceano Índico tornou-se uma zona de rivalidades entre os Grandes. Ceilão não fará actualmente parte dessas zonas e os acontecimentos actuais não darão aos grandes uma oportunidade de terem ali um papel e de reforçarem a sua estratégia regional?

— *Ceilão está consciente dos perigos que corre de se ver arrastado para situações resultantes de rivalid a d e s entre potências, mas estamos d e c i d i dos a prosseguir ao máximo a nossa política de não alinhamento. O que acaba de se passar em Ceilão fez com que nos reforcemos na nossa convicção de que o n ã o - alinhamento é importante e deve ser mantido.*

---

(1) — Ou seja mais de 600 mil contos.

(2) — O deputado referido no texto da entrevista acabou por retirar essa proposta m a s a resposta do primeiro-m i n i s t r o parece-nos que não perde o seu interesse, apesar disso.

(3) — John E. Marsch e Donald F. Haber, ambos da Embaixada dos E. U. A. abandonaram Colombo em Março de 71, imediatamente antes do começo da agitação. A sr.ª Bandaranaike declarou-nos em inglês: «*It is not correct that two U. S. diplomats were asked to leave the country*».

A sr.ª Bandaranaike — primeiro-ministro do Ceilão

DINHEIRO
S/AUTOMÓVEIS
Sem mudar nome, s/ alterar o seguro, sigilo. Rua D. Estefânia, 81, 3.º, dt.º — 40049 563751
GUARDE ESTE ANÚNCIO

uma família unida no presente...
...parte unida para o futuro

(...e o nosso Zé travesso, mas gentil, embarca desmontado...)

Uma família confiante parte para o CANADA, um país em constante progresso, um país de largos horizontes, oferecendo-lhe perspectivas aliciantes!
A TAP colabora consigo na sua nova vida, oferecendo-lhe voos trissemanais para MONTREAL. Desde o Aeroporto de partida, durante a viagem e à chegada, a TAP oferece-lhe um serviço especial, através do qual lhe será prestada toda a ajuda. As nossas assistentes de bordo — entendendo e falando a língua-pátria — estarão presentes ao longo da viagem com toda a solicitude e gentileza.

TAP
TRANSPORTES AEREOS PORTUGUESES

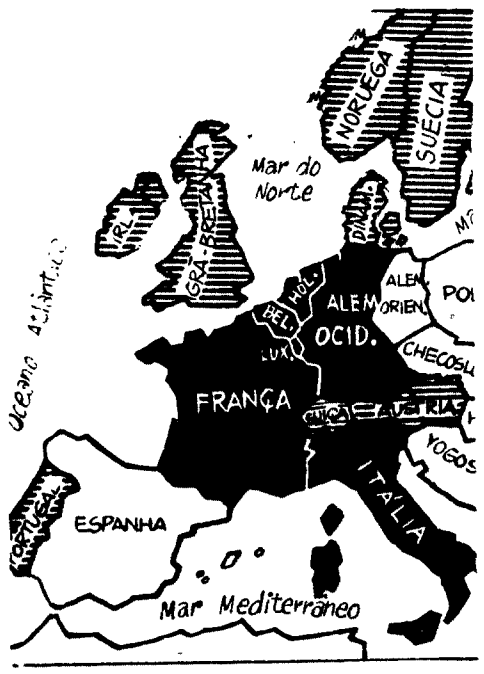
Para uma nova vida aceite a colaboração da TAP!
Boa viagem . e feliz regresso!

CANADÁ através do mundo em boa companhia CANADÁ

ROMA

ITÁLIA: RANCOR E SUSCEPTIBILIDADE OU O PREÇO DA EXPORTAÇÃO DE PESSOAS

Por LOUIS B. FLEMING



Um carpinteiro italiano, de 31 anos de idade, foi brutalmente espancado num pequeno café de Zurique, na madrugada de 20 de Março, e, depois, deixado morrer no passeio deserto. O agressor: um trabalhador suíço possuído de ódio pelos italianos.

A história ocupou as primeiras páginas dos jornais italianos durante vários dias após o crime. O calmo «Corriere della Sera» intitulou o caso «Outro episódio grave de intolerancia».

Alguns funcionários publicos reagiram com irritação.

«É injusto acusar-se o povo da Suíça de xenofobia e intolerancia por causa de um acidente isolado» —disse Pierre Graber, chefe do Departamento Político Federal suíço.

Mas, em Itália, qualquer tragédia que afecte quaisquer italianos no estrangeiro constitui uma tragédia nacional. Quase todas as famílias neste país conhecem a angustia e a solidão da separação. A pobreza tem levado milhões de italianos a abandonarem as famílias e os lares a fim de se fixarem permanente ou temporáriamente em países mais ricos.

O rancor e a susceptibilidade são parte do preço pago pela Itália por uma das suas mais importantes exportações: pessoas.

Os milhões de italianose que se encontram no estrangeiro enviam para o seu país para cima de 1000 milhões de dólares por ano.

O milagre da expansão económica italiana do pós-guerra aumentou o numero de oportunidades de emprego na pátria. Tem-se verificado um declínio na saída de trabalhadores no decurso dos ultimos nove anos. O Governo tem esperança de que ninguém necessite de procurar emprego no estrangeiro por volta de 1980. Nunca, durante o período do pós-guerra, a emigração se aproximou do movimento de massa para as Américas do Norte e do Sul do começo deste século.

AUSTRÁLIA — NOVA FRONTEIRA

Os italianos perfazem dois terços do milhão de estrangeiros que se encontra na Suíça, mas são ultrapassados em numero pelos trabalhadores turcos na Alemanha Ocidental.

O ano passado, 80 por cento dos 191 000 emigrantes foram para países europeus, muitos numa base temporária, e práticamente todos eles com a intenção de regressarem a Itália mais tarde.

Existem vastos colónias de italianos e seus descendentes nos principais países da Europa Ocidental: na França 900 000, na Suíça 660 000, na Alemanha Ocidental 429 000, na Bélgica 254 000 e na Grã-Bretanha 198 000.

A nova fronteira é a Austrália. A emigração de italianos para a Austrália principiou em 1846, mas três quartos do numero total de emigrantes fixaram-se naquele país depois da Segunda Guerra Mundial. Actualmente, a comunidade italiana na Austrália conta 478 000 pessoas, numero que apenas é ultrapassado pelos emigrantes de origem britanica.

Todavia, nenhuma destas correntes emigratórias se pode comparar com a emigração em massa para as Américas.

O maior grupo de italianos que ainda conserva a sua cidadania italiana embora vivendo no estrangeiro encontra-se na Argentina. Este grupo conta 1,3 de pessoas e, se for adicionado ao numero de pessoas de ascendência italiana que comunidade de seis milhões comunilale de seis milhões de almas. Há mais 4,5 milhões no Brasil.

Tão-pouco se devem esquecer os italianos desconhecidos que vivem no estrangeiro. Ninguém sabe quantos se encontram ainda dentro das fronteiras da União Soviética, como resultado da Segunda Guerra Mundial.

IMPORTAÇÃO DE OPERÁRIOS ESPECIALIZADOS

O movimento dos italianos é não só externo como também interno, do sul, que é pobre, para o norte, que está industrializado. Num unico ano, 300 000 naturais do sul do país foram para Milão, no norte, centro industrial e comercial da nação.

A emigração encontra-se directamente relacionada com a pobreza. Setenta por cento dos emigrantes vêm do sul, mais de metade dos quais da Sicília, Calábria e Puglia, no extremo sul, e Campania, em redor de Nápoles.

Calcula-se que 2 milhões de pessoas tenham abandonado as suas casas, no sul, desde 1950.

Mas, facto curioso, a Itália vê-se ainda obrigada a importar trabalhadores para certos trabalhos especializados. Calcula-se que cerca de 30 000 alemães ocidentais, por exemplo, trabalhem nas fábricas de Milão.

Muitos dos emigrantes italianos nos países europeus encontram trabalho na indústria e na construção. Contudo, o trabalho nos hotéis e restaurantes absorve, igualmente, um número considerável de emigrantes de ambos os sexos.

A importância para a balança de pagamentos da Itália é evidente. O ano passado, os trabalhadores temporários italianos no estrangeiro enviaram para o seu país 585 milhões de dólares, enquanto que os italianos permanentemente fixados no estrangeiro enviaram 438 milhões.

Para milhares de famílias, trata-se de um compromisso entre a mágoa e a sobrevivência. As remessas de pais que trabalham em países distantes alteram a vida do lar, mas as mulheres e os filhos nunca esquecem aqueles dolorosos momentos nas plataformas da estação de caminhos-de-ferro, quando os compridos comboios especiais partem para Zurique, Munique e Francfort, depois das férias do Natal ou de Agosto.

GENERAL ELECTRIC

MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA

COMPLETAMENTE AUTOMATICAS

GE = ALTA QUALIDADE

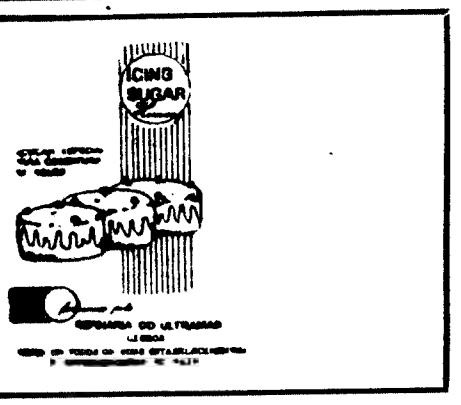
ASSISTÊNCIA ASSEGURADA

agentes em todo o país

GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA

Rua do Norte, 5 · LISBOA

Rua Sá da Bandeira, 585 · PORTO



A MAIS COMPLETA REDE DE ABRIGOS SUBTERRÂNEOS

ESTOCOLMO

Por JAMES BASSETT

A recente tragicomédia de equívocos sobre a «oferta» sueca para negociar uma troca de prisioneiros norte-vietnamianos e americanos demonstra — do modo mais perverso — aquilo que Estocolmo entende por neutralismo.

Uma personalidade do Departamento americano da Defesa entrou em contacto com a «Swedish America Lne», a fim de saber se seria possível conseguir-se um navio daquela companhia para se transportarem os prisioneiros para um país neutral — que poderia ser a Suécia — no caso de se chegar a um acordo.

Houve alguém que passou a informação à Imprensa francesa, mas esta não foi correctamente publicada, por ter sido mal transmitida ou por deficiente tradução, de modo que se deduziu, erradamente, que a Suécia tinha dado os primeiros passos no sentido de agir como intermediária.

A Casa Branca exprimiu a sua maior satisfação por os suecos se mostrarem prontos a receber os prisioneiros.

O Ministério sueco dos Negócios Estrangeiros negou, imediatamente, que tivesse alguma coisa a ver com a ideia, declarando que só participaria em tão humanitário projecto se ambas as partes comprometidas no conflito estivessem de acordo.

Hanói fez saber, logo a seguir, e mais uma vez, que não estava interessada na troca de prisioneiros, enquanto os Estados Unidos se não decidissem a retirar, em definitivo, as tropas que têm no Vietnam do Sul.

OS E. U. A. NEOCOLONIALISTAS

A lamentável confusão acabou por embaraçar muita gente nos dois continentes. Um diplomata sueco afirmou: «Se o meu país se tivesse oferecido, nesta altura, para «resolver» o caso dos prisioneiros, que está a ter primacial importância nas conversações de Paris, poderíamos ser justamente acusados por Hanói de estarmos ao lado dos americanos.»

Aquele porta-voz recorreu a demasiadas palavras para pôr a claro que a Suécia considera os Estados Unidos como «neocolonialistas» e agressores no caso do Vietnam. O que está a acontecer naquela infeliz nação indochinesa — afirmou ele — constitui uma guerra civil. Portanto, como país neutral a Suécia não pode tomar partido. Os suecos não concordam com que as grandes nações recorram à força, seja quando e onde for.

Embora a política estrangeira sueca assente no não-alinhamento em alianças que podem, eventualmente, afectar a sua neutralidade, no caso de conflito entre as grandes potências, não deixa, por isso, de se empenhar em diminuir as tensões internacionais. A actuação de Gunnar Jarring como medianeiro no Médio Oriente resulta de estarem ali envolvidos dois «lados hostis», não se tratando, pois, de uma luta interna como, segundo os suecos, é o caso do Vietnam.

Olof Palme — em busca da popularidade

A neutralidade sueca necessita, para se impor, de uma poderosa defesa — explicou aquele diplomata. Daí que uma importante parte do orçamento, que é de 10 mil milhões de dólares, seja dedicado aos militares e ao armamento, todo ele defensivo, e quase todo de produção nacional.

Entretanto, a Suécia sempre tem apoiado os esforços feitos pelas Nações Unidas no sentido de se preservar a paz, o que constitui a última e melhor esperança da Humanidade em salvar o Mundo da destruição termonuclear.

OBSESSÃO PELA AUTODEFESA

Os suecos encontram-se na Coreia, em Chipre e estiveram entre as forças das Nações Unidas enviadas para o Congo e o Médio Oriente, no que empenharam, até agora, 11.000 soldados.

Surge, inevitàvelmente a ideia de se perguntar se, após 150 anos de paz, e de ter escapado a dois conflitos mundiais, a Suécia será capaz de lutar se isso se tornar necessário.

O primeiro-ministro Olof Palme afirmou, recentemente, num discurso sobre «Uma estratégia para a sobrevivência»: «É da maior importância fortalecer as Nações Unidas... Aumenta a violência entre as nações e dentro delas. Há o terror, sempre presente, do holocausto nuclear — a derradeira das violências.»

Em 1946, ao entrar para as Nações Unidas, após muito se ter debatido intimamente, a Suécia propôs que se estabelecesse um pacto de defesa pan-escandinavo, mas a Finlândia pôs-se de parte, enquanto a Noruega e a Dinamarca se tornavam membros provisórios do Pacto do Atlântico. Não podem ser colocadas tropas ou armas nucleares num e noutro daqueles dois países.

A Suécia continuou, por isso, a tratar da sua própria defesa, juntando-se, ao mesmo tempo, ao Conselho da Europa e à Associação Europeia do Comércio Livre (EFTA), por o Mercado Comum lhe parecer demasiado político para um país neutral.

Durante a Segunda Guerra Mundial, tanto as tropas aliadas como as alemãs utilizaram, várias vezes, e por razões estratégicas, o território sueco, situação que Estocolmo não quer ver repetida.

A obsessão dos suecos pela autodefesa levou-os a criar a mais complexa rede de abrigos subterrâneos existente no Mundo. Há vastas caves repletas de géneros alimentícios e medicamentos. Tomou-se nota de todas as grutas e caves, naturais ou feitas pela mão do homem, que possam servir de abrigo contra as bombas.

UMA VOZ INGÉNUA?

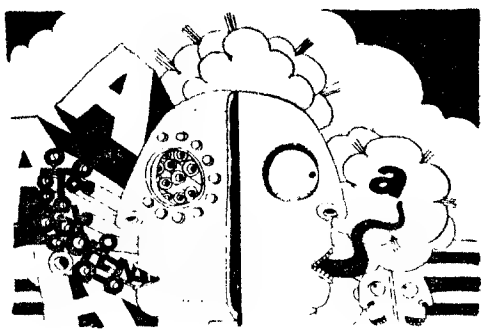
Como se aproxima, cada vez mais, a entrada da Grã-Bretanha na Mercado Comum, a Suécia está, agora, a ver como harmonizar o seu inflexível neutralismo com os interesses económicos em jogo.

Olof Palme aponta os princípios básicos da política sueca a este respeito:

— a entrada no Mercado Comum pode comprometer a neutralidade sueca, tanto mais que os membros daquela associação começam, de novo, a falar em integração política;

— torna-se, por isso, imperiosa uma «cooperação nórdica», ainda que a Dinamarca e a Noruega acompanhem a Grã-Bretanha na integração no Mercado Comum.

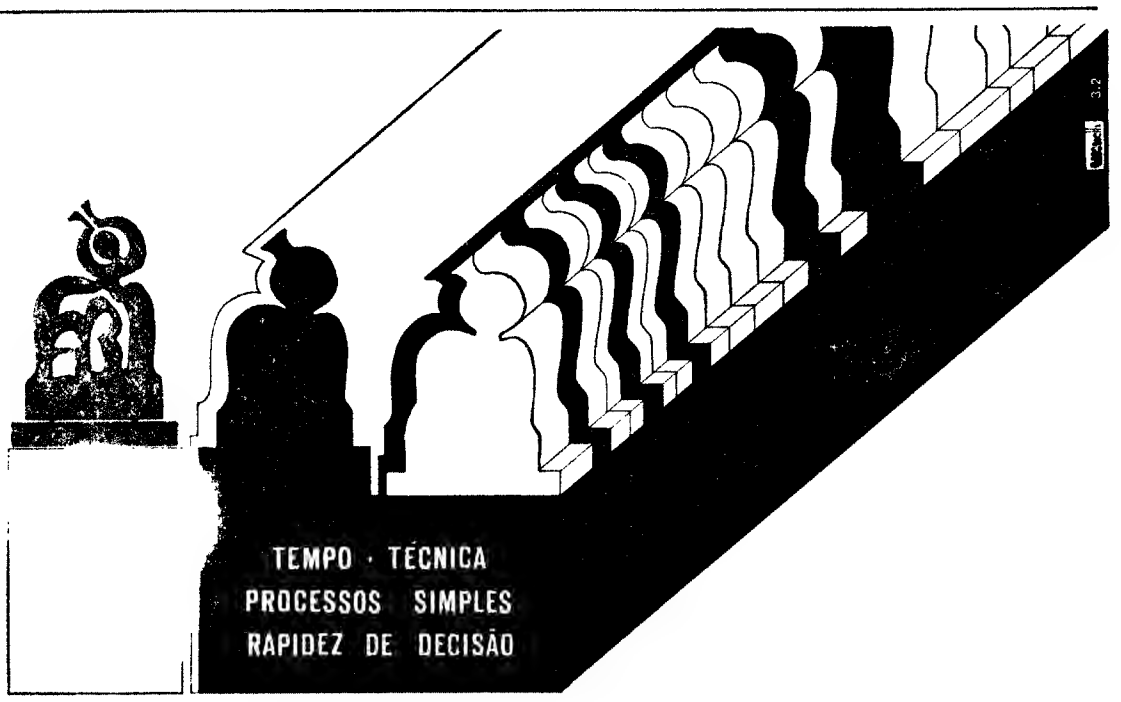
Os membros daquele



mantêm, tanto quanto é possível, um comércio livre com todos os países. Três quartas partes da exportação sueca dirigem-se para o Mercado Comum e a Grã-Bretanha representa 85 % do poder económico da EFTA. Poderá não haver, fora destas coordenadas, substitutos para tão vastas trocas comerciais.

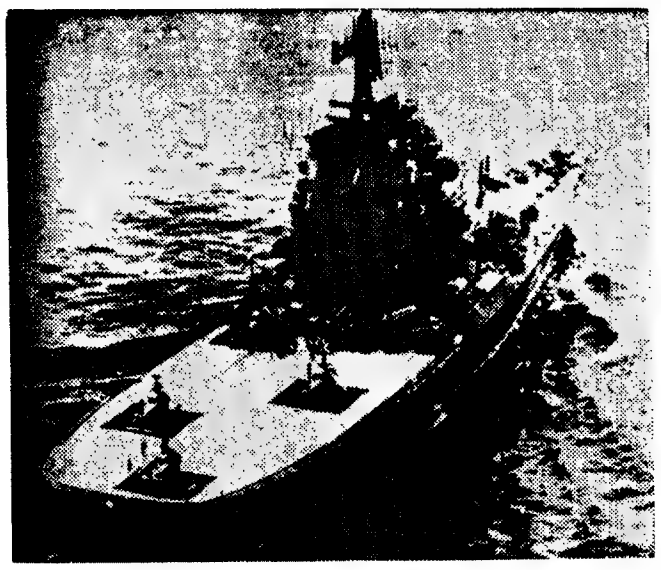
Acima de tudo, é claro, permanece a omnipresente ameaça de um novo conflito mundial, que poderá, eventualmente, envolver a Suécia. Trata-se, para esta, de uma remota possibilidade, mas o certo é que ela existe.

Entretanto, o país, determinada e fervorosamente, pretende trabalhar pela harmonia entre as superpotências, as médias e as pequenas nações. A sua voz talvez seja ouvida. Mas trata-se de uma voz excessivamente ingénua para um neutralismo declarado.



UM CONCEITO NOVO NO ESPAÇO ECONÓMICO

AUGUSTINE REIS & CIA. BANQUEIROS



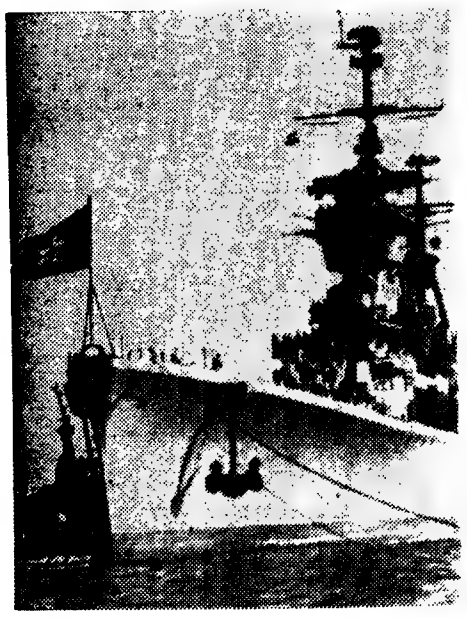
O porta-helicópteros soviético «Leninegrado» que fez parte da esquadra soviética no Mediterrâneo

ESQUADRA SOVIÉTICA: UM MEIO DE OS RUSSOS PENI NA DIPLOMACIA DAS «ÁGUAS

Por GEORGE WILSON

Não se passa uma semana sem que um almirante, um responsável pela defesa ou um político levante nos Estados Unidos a questão da ameaça que a marinha soviética representa. Recentemente, por exemplo, a comissão das Forças Armadas da Câmara dos Representantes pediu ao Congresso que votasse este ano um crédito de 3300 milhões de dólares para modernizar a marinha americana, a fim de fazer face a uma frota soviética em pleno desenvolvimento.

Os ministros da N. A. T. O. que se reuniram em Lisboa manifestaram a sua in-



Um dos muitos e modernos navios de guerra soviéticos

quietação perante a ameaça naval soviética sobre o flanco meridional da Aliança.

Mas, em tudo isso, omite-se um factor importante: a frota soviética ainda está longe de igualar a dos Estados Unidos e os factos são evidentes:

Em dez anos de operações, os russos não conseguiram, uma única vez, detectar um submarino americano em missão de patrulha

Os Estados Unidos, em contrapartida através da sua vasta rede de detecção, que compreende microfones submarinos colocados ao longo da costa oriental, podem, em geral, detectar todo e qualquer submarino soviético portador de foguetões balísticos. E por esta razão, tal como acentua o almirante Levering Smith, os foguetões americanos «polaris» constituem ainda o melhor sistema de prevenção contra um primeiro ataque soviético.

Segundo especialistas americanos de informações, o porta-helicópteros soviético «Moskva», tão gabado, não pode cobrir, quando dá caça aos submarinos, senão 40 quilómetros em redor do navio. Por outro lado, os soviéticos possuem apenas dois porta-helicópteros para sulcarem os oceanos — o «Moskva» e o «Leningard».

Os porta-aviões americanos encarregados da caça aos submarinos podem transportar, sobre a coberta, simultâneamente aviões e helicópteros, e os aviões possuem uma autonomia de voo de várias centenas de quilómetros

A marinha americana possui mais navios de guerra de superfície do que a União Soviética e, na maioria dos casos, os navios americanos são de maior tonelagem.

Segundo os responsáveis da marinha, a União Soviética ultrapassa os Estados Unidos quanto ao número de submarinos de ataque que possui, mas não quanto à qualidade. Os soviéticos começaram demasiadamente tarde a construção de submarinos nucleares. Estes são mais ruidosos do que os submarinos americanos, muito embora estejam a ser constantemente aperfeiçoados.

A União Soviética ainda não construiu um navio de guerra de superfície de propulsão nuclear. Os Estados Unidos possuem o porta-aviões «Enterprise» e três fragatas de propulsão nuclear já operacionais e têm em construção outros navios deste género

A União Soviética ainda não construiu o seu primeiro porta-aviões de ataque e não beneficia, portanto, do longo alcance dos aviões americanos transportados em navios.

A União Soviética não tem em construção uma base no Oceano Índico. Os Estados Unidos, em contrapartida, estão a construir uma na ilha de Diego Garcia que compreende uma pista de descolagem de 3000 metros para os aviões e reacção. O facto de a União Soviética procurar desde há muito uma base no Oceano Índico constitui uma fonte de inquietação para os responsáveis americanos da marinha

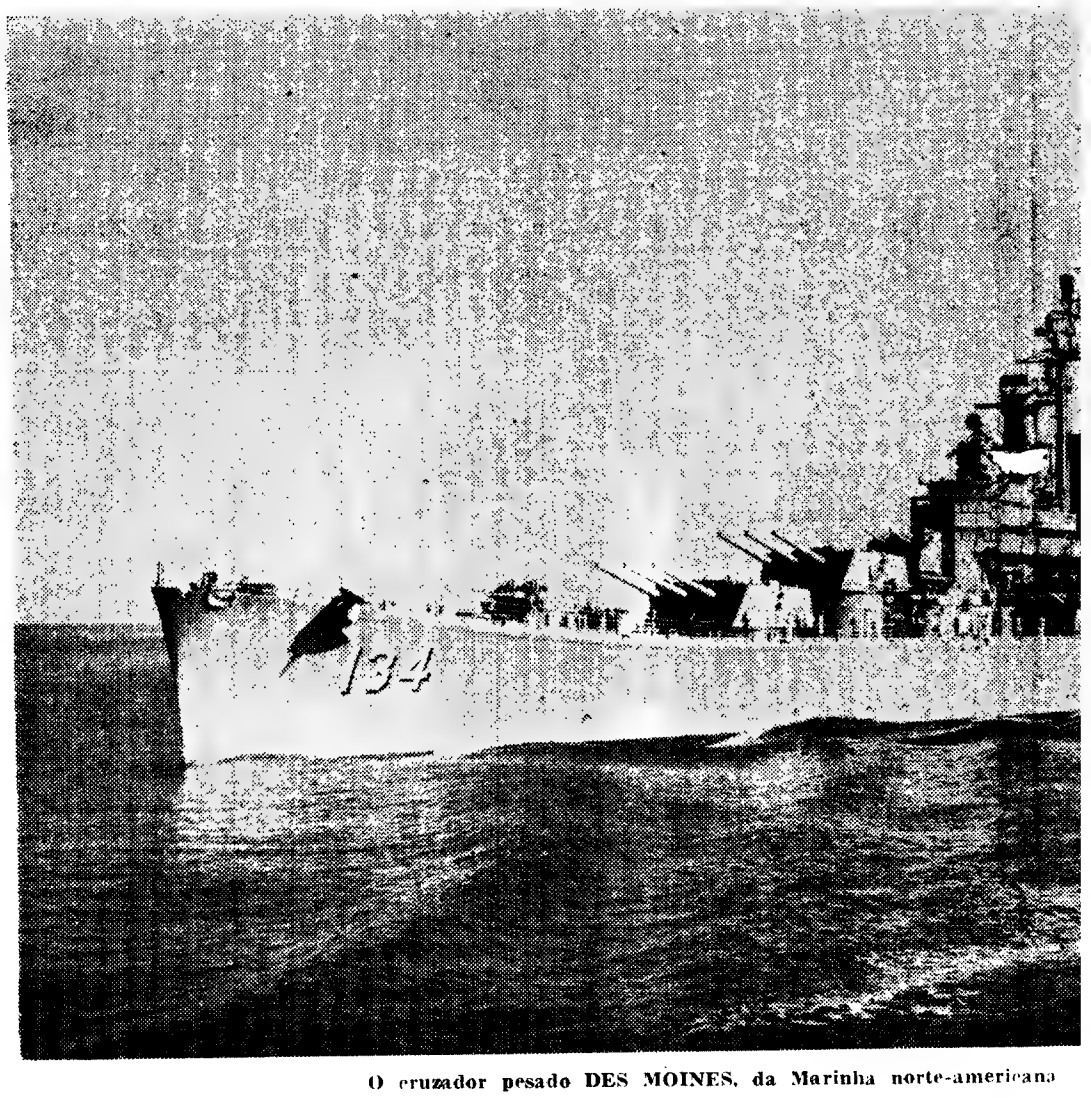
Segundo o prestigioso Instituto Naval dos Estados Unidos, a frota soviética teria de se empenhar a fundo para manter a sua reputação em tempo de guerra: «Em caso de guerra, os navios soviéticos com base em lugares tão afastados como o Atlântico sul ou o Oceano Índico ver-se-iam isolados das suas bases pelas frotas americana e da N. A. T. O., e, provàvelmente, seriam metidos a pique no espaço de algumas semanas.»

vencionais, trata-se de uma força especializada, que não se encontra em condições de esmagar a frota americana

O secretário-adjunto da Defesa, David Packard, foi da mesma opinião após a sua recente visita à Sexta Esquadra americana

combina guerra.

A es constitu sos per azuis»

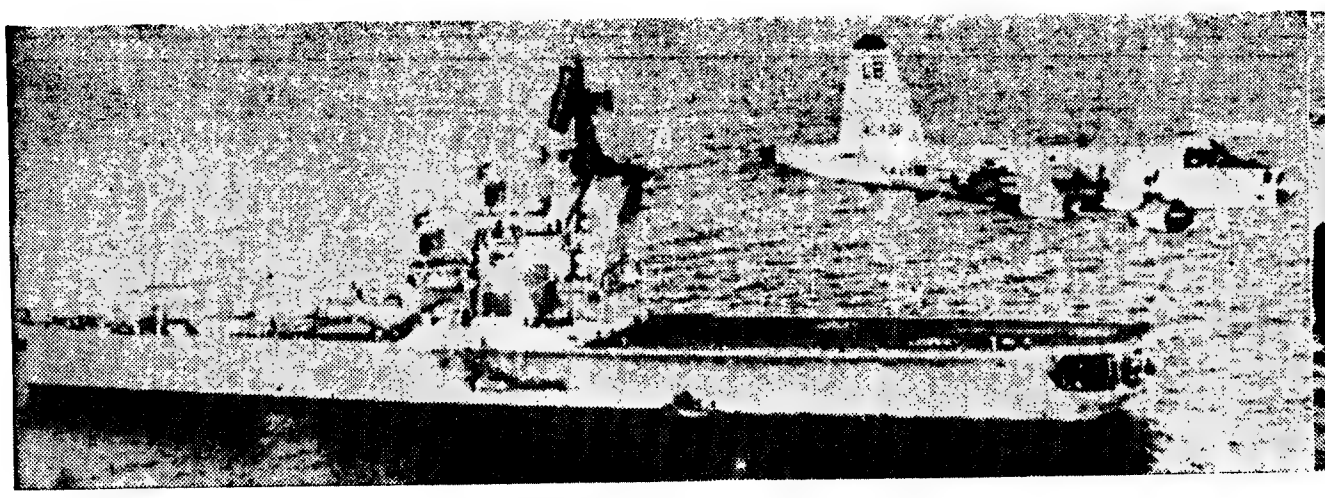


O cruzador pesado DES MOINES, da Marinha norte-americana

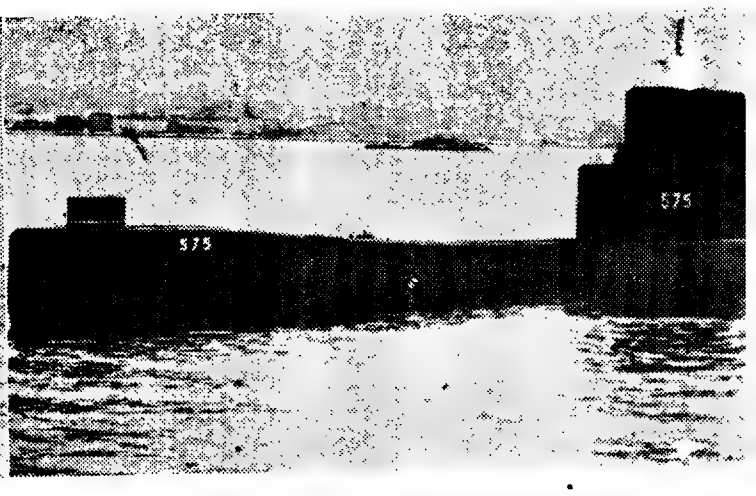
Estas reflexões não significam que a marinha soviética, em plena expansão, não constitua uma ameaça para os Estados Unidos. Mas, avaliada em termos con-

no Mediterrâneo. Segundo ele, a marinha soviética parece ter por missão proteger a frota mercante em tempo de paz e não constituiria uma ameaça para as armadas

comer uma g Unidos da Se



O porta-helicópteros «Moskwa», um dos vasos de guerra da frota soviética no Mediterrâneo



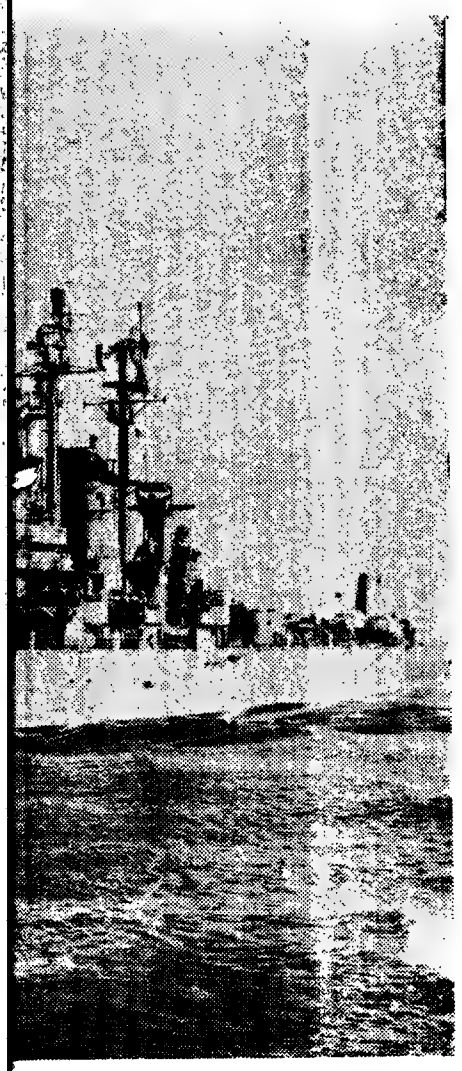
O submarino atómico norte-americano «Seawolf» que foi lança

NETRAREM AS AZUIS»

WASHINGTON

ombinadas da N. A. T. O. em tempo de uerra.

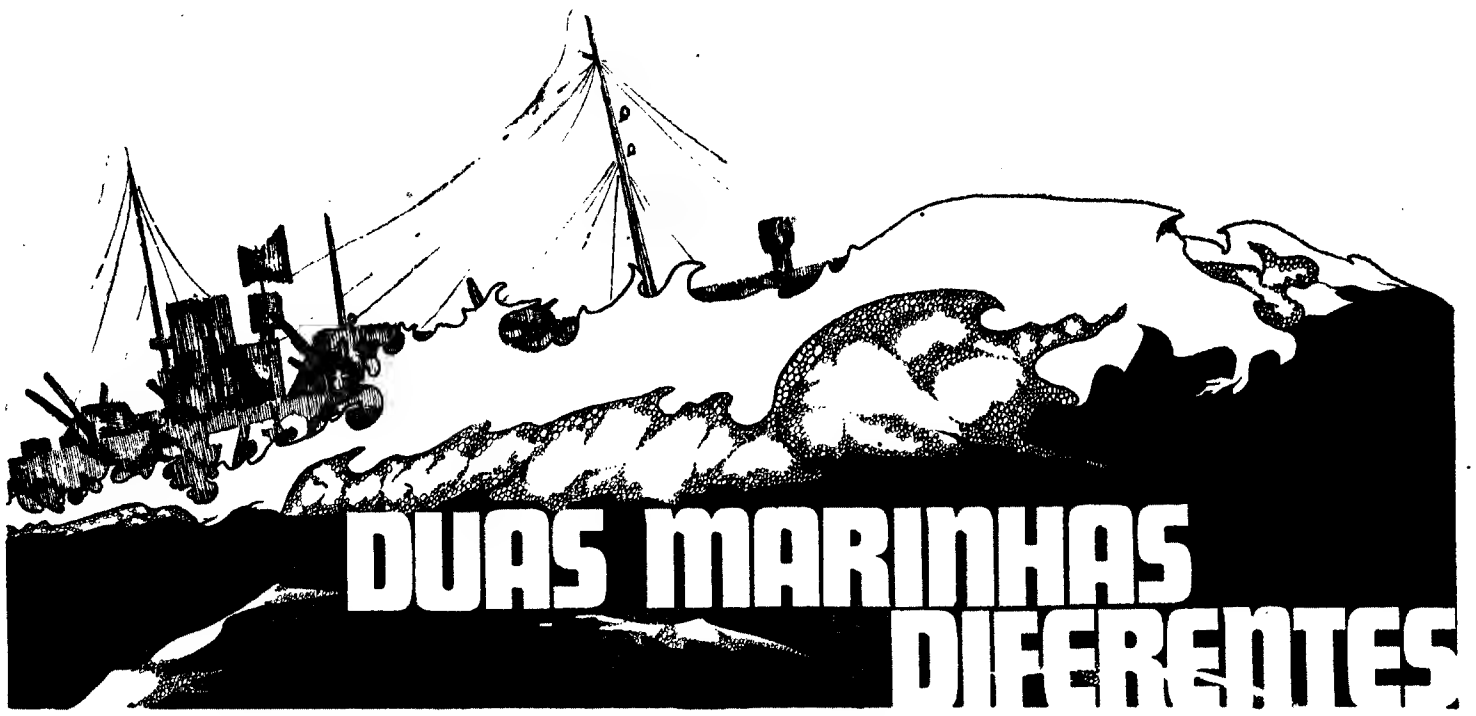
A esquadra soviética em tempo de paz onstitui, sobretudo, um meio para os rus-os penetrarem na diplomacia «das águas zuis» um meio de alcançar objectivos



ana

comerciais e políticos sem desencadear uma guerra. É o que fazem os Estados Unidos, por diversos meios, desde o fim da Segunda Guerra M

ançado a água em Julho de 1955



DUAS MARINHAS DIFERENTES

A LISTA COMPARATIVA DOS PRINCIPAIS NAVIOS DE GUERRA DA FROTA AMERICANA E DA FROTA SOVIÉTICA MOSTRA QUE SE TRATA DE DUAS MARINHAS TOTALMENTE DIFERENTES

Fundamentalmente, os Estados Unidos são uma ilha que tem compromissos para com países distantes 5000 quilómetros ou mesmo mais. A sua força de ataque naval é, portanto, construída a partir de porta-aviões de ataque, navios com o maior raio de acção destinados a uma época onde as bases no estrangeiro já práticamente quase que não existem.

A União Soviética — fundamentalmente uma potência terrestre que pode atingir os seus satélites por terra — construiu uma frota de superfície mais ligeira, destinada a atacar e esquivar-se, fazendo incidir o seu esforço sobre os submarinos, cuja missão é cortar as linhas marítimas vitais da N. A. T. O. em tempo de guerra. Os mísseis terra-terra instalados a bordo de navios de fraca tonelagem destinam-se a fazer frente á formidável força da marinha americana.

A marinha americana destina-se á ofensiva, a marinha soviética á defensiva — mesmo que os navios russos sulquem os oceanos longínquos rompendo com a tradição histórica, que era a de proteger a mãe pátria.

Os responsáveis pela frota americana muito embora dêem o alarme perante o desenvolvimento do poderio naval soviético, encontram-se divididos quanto á maneira de o enfrentarem. Uma escola preconiza, neste período de restrições orçamentais, que se imitem os russos e se construam navios mais pequenos com um grande poder de fogo.

Uma outra escola pede que continuem a ser construídos navios cada vez maiores e mais aperfeiçoados, sem considerar o orçamento que isso implica. Uma ultima escola calcula que, dada a existência das frotas dos seus aliados, os Estados Unidos não precisam de se inquietar por agora. Damos, a seguir, um quadro comparativo das duas marinhas de guerra em 1971:

Navios de superfície importantes: E. U. A., 15; U. R. S. S., 0.

Porta-aviões de ataque. O «Enterprise», de propulsão nuclear, é o rei nesta categoria. Deve ser seguido de três outros porta-aviões nucleares — na classe «Nimitz» — cujo custo seria de perto de um bilião de dólares cada.

Porta-aviões destinados ao ataque contra os submarinos: E.U.A., 4; U.R.S.S., 2.

Os Estados Unidos dependem de velhos porta-aviões como o «Intrepid», de 41 726 toneladas, para darem caça aos submarinos que ameaçam a sua força de combate, os seus comboios ou o próprio território dos Estados Unidos, com os seus mísseis balísticos. A União Soviética construiu, recentemente, dois porta-helicópteros expressamente para a guerra anti-submarina — o «Moskva» e o «Leningrad», de 18 000 toneladas.

Navios portadores de mísseis terra-terra: E. U. A., 0; U. R. S. S., 20.

Os Estados Unidos puseram de parte este tipo — «Regulus» — em 1958, para descobrirem que a Rússia se concentrava nestas armas, em 1970, com os seus cruzadores «Kresta» e «Kynda» e os seus contratorpedeiros «Kildin» e «Krupnyi». O navio soviético antimíssil «Shaddock» tem um alcance de 400 quilómetros.

Defesa antiaérea nuclear: E. U. A., 3; U. R. S. S., 0.

Os escoltadores americanos «Brainbridge», de 8580 toneladas, «Long Beach», de 17 350 toneladas e «Truxton», de 9200 toneladas protegem os porta-aviões e outros navios contra os ataques dos aviões e dos submarinos. São portadores de mísseis antiaéreos.

Navios escoltadores: E. U. A., 54; U. R. S. S., 110.

O escoltador americano «Garcia», de 3400 toneladas, e o «Riga», soviético, de 1600 toneladas, estão nesta categoria.

Cruzadores de propulsão convencional: E. U. A., 8; U. R. S. S., 11.

Neste tipo estão o «Albany», americano, de 17 500 toneladas, e o «Sverdlov», soviético, de 19 200 toneladas.

Contratorpedeiros de propulsão convencional: E. U. A., 157; U. R. S. S., 75.

Os dois países possuem modelos antigos e modernos nesta categoria. Os Estados Unidos estão a construir a sua classe «Spruance» para modernizarem a sua frota de contratorpedeiros mais antiga.

Total dos principais navios de guerra de superfície: E. U. A., 241; U. R. S. S., 218.

Navios para a vigilância costeira, navios portadores de mísseis e outros navios de patrulha: E. U. A., 7; U. R. S. S., 430.

A grande diferença que aqui se verifica reflecte a vontade soviética de proteger os seus portos e os seus acessos ao mar. Embora relativamente pequenos e de curto raio de acção, o «Komer», de 75 toneladas e o «Osa», de 200 toneladas, navios rápidos, são portadores de mísseis «Styx» — o que os egípcios utilizaram para afundar o contratorpedeiro israelita «Eilath», de 2555 toneladas, em 21 de Outubro de 1967. Pensa-se que a Russia possui 42 navios «Komer» e 110 «Osa».

Submarinos: E. U. A., 41; U. R. S. S., 19.

Do tipo «Polaris» de propulsão nuclear. Os «Polaris» americanos e o «Yankee» soviético são ambos de 16 mísseis. Cada «Poseidon», substituto do «Palaris», pode lançar até 14 bombas «H» individuais a distancias de quase 4500 quilómetros.

Submarinos de propulsão nuclear portadores de mísseis balísticos: E. U. A., 0; U. R. S. S., 6.

Este modelo soviético bastante antigo pode apenas transportar três mísseis.

Submarinos convencionais portadores de mísseis: E. U. A., 0; U. R. S. S., 25.

Submarino cruzador portador de mísseis: E. U. A., 0; U. R. S. S., 65.

A marinha americana calcula que eles constituem uma ameaça para os porta-aviões, os outros navios de guerra e os navios mercantes. O vice-almirante Rickover pediu ao Congresso para autorizar a construção de um enorme submarino de propulsão nuclear armado com mísseis, destinados a afundar outros cruzadores. Trinta e sete dos submarinos soviéticos portadores de mísseis são nucleares.

Submarinos lança-torpedos: E. U. A., 101; U. R. S. S., 235.

Utilizados contra os navios de superfície e os outros submarinos. Os Estados Unidos possuem 51 submarinos de propulsão nuclear nesta categoria e a Russia de 25 a 30.

Total dos submarinos, 142-350-355

Fontes — marinha americana relativamente aos numeros comparativos, «Guide to the Soviet Navy» e «Jan's fighting ships» relativamente ás características dos navios.

UM CASAL TALVEZ ALIENADO

RIO DE JANEIRO

Por CHIANCA DE GARCIA

Há muita gente no Brasil que pratica o ioguismo, negócio que se divide em dezenas de seitas, todas diferentes. Tenho uma amiga, a actriz Yara Sales, que foi, há anos, visitar o filho, o Victor, que, no Himalaia, de cabeça raspada e envolto numa túnica colorida esperava por ela. Yara com o seu temperamento latino, ao vê-lo, correu desarvorada, no desejo de, apertando-o de encontro ao coração dar-lhe um grande e longo beijo.

O jovem, porém, recuou, estendeu os braços num gesto de defeza, exclamando apavorado:

— Não me toque, não me beije, isso seria uma profanação!

Quem me contou o caso foi a própria Yara, anos atrás. Hoje, Victor, de volta ao Brasil, confirma a história, suvizando-a risonhamente, isto sem deixar de se sentir um guru, embora em clara dissidência com tudo que se faz e se pensa no Brasil em matéria de ioguismo. E gritou: — «Ioguismo não é nada disso!» Gritou, e logo conquistou vários discípulos. Um deles é um sujeito que conheço de há muito, sabendo-o a saltitar de seita em seita. Recentemente virara um bandista, cultivando empiricamente, se assim ou o dizer, a necessidade de obrigar a matéria a ser dominada pelo espírito. Mas Victor, para ele, foi a revelação:

— Agora sei. Agora encontrei. Agora estou por dentro nesse negócio da meditação transcendental.

— Óptimo, Claudionar (além de Claudionar é Santana), então tudo corre bem para você?

— Comigo, sim. Mas não com minha mulher.

DOIS

Georgiana, é a esposa do Claudionor. Vinte e onve anos. Especializada, devido a um curso que frequentou nos Estados Unidos, em energia nuclear. Mulher moderna. Independente. Foi das raras que esteve em contacto com a Betty Friedman, quando esta recentemente visitou o Rio de Janeiro.

Têm um belo apartamento em Ipanema, e uma casa rustica, na paisagem verde e luminosa de Teresópolis. De aí eu acreditar que se tratava de um casal feliz...

TRÊS

Georgiana não diz que o não seja, só lamenta que entre ela e Claudionor exista aquela triste realidade que dá pelo nome de abismo. O abismo da incompreensão. Ela não o compreende. Ele aceita-a, admira-a, mas entende que ela caiu, sem o perceber, na engrenagem materialista da tecnocracia:

— Você quer saber o que fez agora a Georgiana? Pois sem me consultar vendeu por algumas dezenas de milhões, a nossa casa de Teresópolis, onde, no Verão passado, organizei com o maior dos êxitos o *Primeiro Seminário Brasileiro de Ioguismo Integral*.

— Vendeu, porquê?

— Por esta coisa absurda: o vício de jogar na Bolsa de Valores. É a sua ideia fixa. Comprar títulos no mercado cambial. Vive numa permanente actividade de aquisição e troca de acções. Compra na baixa, acumula na alta. Se tem fé num negócio vende jóias, vende casacos de peles, vende tudo que é nosso.

— Mas ganha?

— Ganha? Sei lá. Eu é que perdi ontem o meu carrinho, o meu *Opala*. Vendeu-o para comprar um lote de acções do petróleo nacional...

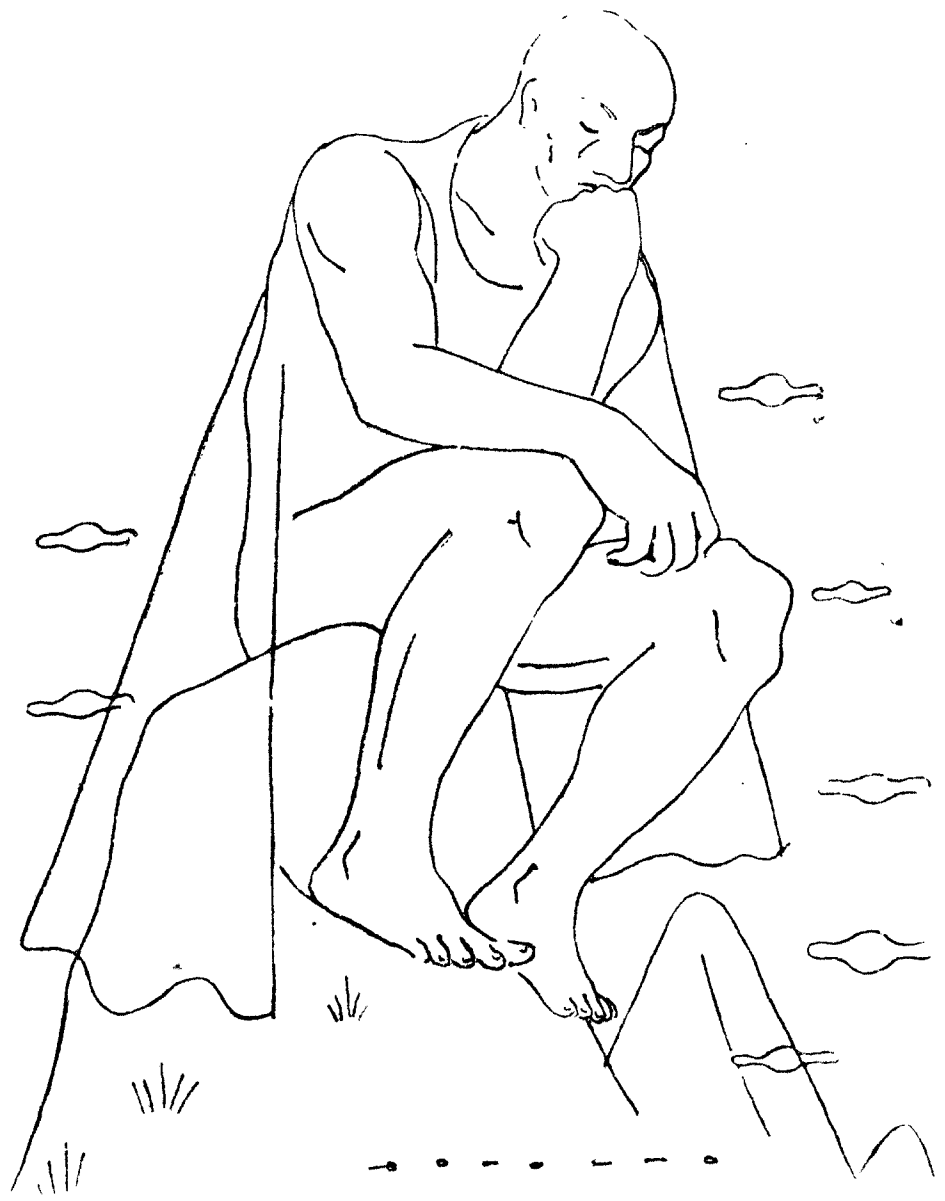
— E você?

— Berrei. Gritei. E sabe o que me disse? Você não afirma que meditação transcendental começa pelo corpo, que é o veículo do ser? Então, meu bem, ande a pé!

QUATRO

Creio que já o disse aqui. Esse negócio de investir, de comprar papéis de crédito, está enlouquecendo o Brasil. A Bolsa do Rio de Janeiro tem neste momento um movimento que bate, em citras, a Bolsa de Nova Iorque. No duro, mesmo. Só se encontra gente debruçada sobre revistas e jornais especializados em investimento. E, o que é curioso, são as mulheres, tal qual a Georgiana, quem mais se apaixona nessa luta pelo enriquecimento rápido. E as que já o são querem dobrar, triplicar, e por aí adiante numa corrida desenfreada...

Anos atrás não se falava nisso.



CINCO

Quando eu tripudiava em teatro musicado, na praça Tiradentes, apareceu-me um corretor querendo à viva força vender-me um lote de acções do Banco do Brasil. Para me livrar dele aconselhei-o a dirigir-se a um tal de Cunegundes que, na véspera, num casino, arrebentara a banca:

— Vai falar com o cara.

Foi, e vendeu-lhe o lote. Meses depois o governo proibiu o jogo. O Cunegundes, jogador por profissão, caiu do galho e teve de fazer força para sustentar o lar, acrescido de cinco filhas. Ultimamente andava na maior miséria. Foi quando a mulher dele, de tanto ouvir falar em papéis de crédito, bateu na testa, lembrando-se de um troço esquecido no fundo de um baú. Ergueu a tampa. Jogou para longe brinquedos das crianças, roupas velhas, bijuterias inuteis. Olhou o fundo empoeirado. Quis chamar o Cunegundes, mas caiu para o lado com um desmaio...

Num pôr de sol claro parou um carrão americano, bacana ás pampas, a meu lado, na futura avenida Atlantica:

— É bicho, sobe, vem dar uma volta.

Subi. Era o Cunezundes: — Bicho, você se lembra de ter mandado *um cupincha seu a ver se eu estava a fim de ir numa moamba* de títulos sem futuro? Pois eu fui. Comprei. Guardei não sei onde. Esqueci. E não é que a patroa, muito viva, de repente não descobriu a mina? Achou as acções. Tinha comprado a 3. Cada uma agora estava a 45. Você foz a minha felicidade, bicho. Parou o carro. Descemos. Entrou numa loja, comprou uma gravata (coisa que eu não uso) e dando-ma disse: — Toma. É um problema de consciência. Você naquele dia de 1954 fez a minha fortuna.

SEIS

Ontem, encontrei a Georgiana, por acaso em Copacabana. Levei-a comigo para ver, na galeria *Bonino*, a exposição de um pintor português, o Guima, aqui de passagem. De repente, em frente de duas telas, senti-me no Porto. Um Porto transcendido em cores. Quis convencê-la a comprar qualquer coisa...

— Pintura? Não estou nessa. Meu negócio é papéis de crédito.

Perguntei-lhe pelo marido:

— Está do mesmo jeito, sabe? Por fora de tudo. Ele não compreende que neste nosso mundo, onde a avidez comanda possa tomar a sério esse tal negócio de meditação transcendental. Ele não quer compreender que a única felicidade está no lucro, na riqueza, no dinheiro. A mim só o dinheiro me faz feliz.

— Olhe, eu, quando muito jovem, só ouvia dizer que os Estados Unidos eram o paraíso do mundo. Era lá que se podia ser feliz. Ora você crê que os americanos de hoje com todos os problemas em que se debatem podem ser felizes? O que há na América é ódio. Ódio entre uns e outros. Apesar do dinheiro.

— Quer dizer que você também está nessa de que os desejos têm de ser controlados pela mente? E que tudo se resolve por meditação transcendental?

— Não, não estou nessa. Mas também não estou na de você.

— Vou indo. E fique sabendo, na minha opinião, o Claudionor devia estar internado numa clínica psiquiátrica. Chau!

E foi embora. O Guima sentou-se a meu lado e eu matei saudades do Porto.

SETE

Horas depois ouvi o Claudionor repetir quase as mesmas palavras:

— Você, sabe, a Georgiana dev estar internada numa clínica psiquiátrica.

Não contive uma gargalhada. E ele:

— Gosto muito dela. Mas como convencê-la de que só a meditação resolve os nossos problemas? Veja o meu caso. Eu faço força para meditar por ela e por mim. Mas não adianta. Ela esta sendo vítima daquilo a que nós chamamos *a expropriação total do ser humano*.

— Muito literário — respondi-lhe. — Prefiro a liberdade, prefiro a verdade...

— Meu caro, fora da meditação, a liberdade é tão inacessível como a verdade. A única maneira de elevar o nível de vida, como diz o meu mestre Victor, não está exactamente onde o homem a procura. O homem com o progresso está apenas criando mais angustia! Concorda?

— Não. Eu penso que esse negócio de meditação transcendental é... Olhe, nem sei como dizer...

— Diga como lhe vier à cabeça.

— É querer o nada quando somos o Ser. Nós somos feitos de carne, de instintos, de violência. As religiões sucedem-se e o homem é sempre o mesmo, desde o princípio.

— É. Lamento a sua incapacidade. No entanto sinto em você uma certa compreensão...

— Sim, compreendo você. Como compreendo a Georgina. Vocês, como casal, e espero que só a morte os separe, representam as duas tendências, ambas alienadas, que separa e sempre separou a humanidade.

DO MESMO PERSONAGEM

Dias atrás Claudionor quis saber porque eu teimava em não querer integrar-me no ioguismo como ele o entende.

Disse-lhe que habitualmente para melhor pensar costumava ler.

— Ler o quê? Esses livros na base do sexo que se vendem por aí?

E indagou:

— Qual foi a sua última leitura?

Confessei-lhe que acabara de ler a obra de um escritor português chamado Vergílio Ferreira.

— Que título tem?

— *Nítido, Nulo*.

Ficou com os olhos fitos no espaço durante alguns minutos.

— Nítido nulo? Garante-me que o título corresponde ao texto?

Mandei-lhe o livro para casa. Telefonou-me ontem à noite:

— Sabe? de começo tive medo que fosse *utópico ou irreal*. Não. É profundamente verdadeiro. Digo-lhe mais. É uma tentativa escrita de confissão transcendental. Vale para todos os povos. Da Europa. Da América Latina. Da Ásia. Trata-se de uma obra pura moralmente, espiritualmente e intelectualmente. Alguém o relembrará no futuro.

Copacabana, Junho de 1971.

BURGOS: uma «ferida» ainda não fechada

COMPREENDER A ESPANHA — 3

AS OPÇÕES DO EXÉRCITO

Por JEAN CREACH

MADRID

No passado dia 30 de Dezembro, o Conselho de Ministros reuniu-se sob a presidência do general Franco. Seriam de comutar as condenações à morte proferidas em Burgos? Os dezanove ministros votaram quinze a favor da clemência e quatro pela execução da sentença. Isto tanto quanto nos é dado saber. Corresponderiam aqueles quatro votos aos ministros militares? Ninguém em Madrid se arrisca a afirmá-lo. Não existem, no Governo, militares considerados «liberais» e civis tidos por «autoritários»? Esta dúvida satisfaz, hoje em dia, o Exército; não que tivesse querido «mortes em Burgos», mas agrada-lhe que pelo menos uma parte dos seus representantes no Governo tenha afirmado a sua solidariedade com os camaradas do Conselho de Guerra.

O processo abriu no coração de cada oficial espanhol uma «ferida» ainda não fechada, quatro meses depois do fim do Conselho de Guerra. Aquela não se deve ao veredicto nem à clemência.

«Puseram-nos este caso nas mãos, aplicando a velha lei sobre o banditismo: esta fez cair o assunto sob a alçada da justiça militar e depender de um Conselho de Guerra e de oficiais que não são magistrados profissionais...»

Aquela decisão coube ao Supremo Tribunal, que, encarregado de dizer a quem competia o julgamento — ao foro militar de Burgos, que tinha querido instruir o processo, durante o governo anterior, ou aos tribunais civis — decidiu «a favor da justiça militar.

«O Exército nada mais fez do que obedecer e cumprir a missão que lhe tinha sido confiada, embora se tratasse de um processo político dependente dos tribunais civis.»

Diante de nós, um grupo de oficiais que ocupa altas funções. Exprimem-se todos pausadamente, sem gestos, sem levantar a voz.

«Os nossos camaradas foram insultados pela opinião pública francesa — e só por ela — ao cumprirem uma missão que lhes tinha sido ordenada. Esta circunstância foi ignorada tanto pela vossa Imprensa comunista como pela vossa Rádio e Televisão, que dependem do Governo...»

A VISITA DO GENERAL DE GAULLE

«O vosso Governo não levou em conta a opinião pública espanhola. Os senhores criaram uma situação de grave agitação em Paris e na fronteira, sem ver que toda e qualquer manifestação provocaria outras aqui. Caminhava-se para um incidente diplomático... Tudo isto porque estavam a ser julgadas pessoas que se gabavam de estar a preparar a secessão das nossas províncias bascas e a sua separação política da Espanha.»

Os oficiais que assim nos falam são bascos, e as suas razões de queixa são as mesmas — embora mais articuladas e aceradas — das dos intelectuais oposicionistas ou dos desempregados de Vallecas; mas a opinião daqueles oficiais corresponde à atitude dos Governos espanhóis, por ela influenciados.

«A visita feita a Franco pelo general de Gaulle tinha-nos feito acreditar na vossa amizade. Estávamos prontos a executar, com confiança, todos os acordos assinados pelo nosso Governo. Mas descobrimos que os senhores, nossos vizinhos, apoiavam, como no tempo de Richelieu, os homens que queriam destruir a unidade de Espanha. Os senhores eram amigos: é como se nos tivessem traído... Perguntamo-nos, hoje, se a aliança francesa não é, para a Espanha, mais perigosa do que útil. É que não nos podemos contentar com umas tantas palavras amáveis do senhor Pompidou nem com promessas feitas ao nosso embaixador em Paris. Temos necessidade de garantias concretas...»

— Os nossos «Mirage»... Os nossos submarinos...

«Estamos a falar de garantias políticas: enquanto os senhores acolhiam gente da ETA, mesmo às portas de Espanha, não acreditamos na vossa amizade. Nos tempos da O. A. S., o seu estado-maior veio instalar-se entre nós. O general De Gaulle insistiu por que o afastássemos dos Pirinéus. Assim fizemos e, no entanto, toda essa gente contava com a amizade dos nossos ministros.»

A VIAGEM SCHUMANN A MADRID

Estas reservas para com a França manifestam-se nas vésperas de viagem de Maurice Schumann a Madrid e surgem quando o Exército descobre como é que o Pentágono obteve, em 1969, a renovação dos seus acordos, com a Espanha, sobre as bases estratégicas: Castiella, que era, na altura, o ministro dos Negócios Estrangeiros, fazia depender aquela renovação de uma garantia contra o risco nuclear, representado pela utilização da base de Rota, na baía de Cádiz, pelos submarinos Polaris. O ministro espanhol pedia que tal garantia tomasse a forma de um tratado votado pelo Senado. Como Nixon hesitasse em concordar e a tenacidade de Castiella se afirmasse, o embaixador dos Estados Unidos, impelido pelo Pentágono e por Spiro Agnew, conseguiu chegar ao general Franco, passando por cima do ministro. Teria sido a eliminação de Castiella, em Outubro de 1969, provocada, em parte, por aquela intervenção americana? É uma pergunta que se faz nos meios do Exército, onde se observa que o «tratado de amizade» de 6 de Agosto de 1970 condiciona o apoio americano «às prioridades e limitações resultantes dos compromissos internacionais dos Estados Unidos» e onde se lembra que, em 1967, a América não apoiou as diligências empreendidas pela Espanha, junto da O. N. U., para obter a restituição de Gibraltar.

A salvaguarda da unidade da Espanha é mais importante, aos olhos dos militares, do que um hipotético risco estratégico. Ora o Estado-Maior é de opinião que «graças a uma Imprensa e a uma diplomacia bem informada, os Estados Unidos, não procuraram, em Dezembro, desmembrar aquela unidade». Tendo o embaixador da Suécia em Madrid pedido ao seu colega americano que interviesse a favor dos condenados da ETA, este, alegando que se tratava de uma questão de soberania interna, recusou-se a participar nessa diligência. O aparente fracasso da política argelina da França aumenta o valor estratégico da Espanha. Estará esta, amanhã, em condições de negociar com maior liberdade? Por agora, a discrição da diplomacia da América colhe os seus frutos junto dos militares espanhóis. Estes, por seu lado, reforçam a independência do seu país em relação à estratégia do Pentágono.

O poderio material do Exército é relativamente modesto. Mas é bem outra a sua influência «social»: os oficiais superiores e subalternos exercem funções que, noutros países, competem aos civis: caminhos-de-ferro, aviação civil, monumentos nacionais, Junta de Energia Nuclear, etc. Por outro lado, dos 30 mil oficiais que enquadravam as forças de Franco, no fim da guerra civil, mais de metade manteve-se no Exército até 1953. Encontram-se hoje, em proporções muito desiguais, nas grandes administrações, nos sindicatos oficiais, nas indústrias mili-

(Continua na 12.ª página)

sistema "copyrapid"

cópia à medida das exigências

É notável o progresso alcançado no campo da cópia. Pela sua versatilidade e qualidade, o sistema «COPYRAPID», bom exemplo desse progresso, mantém-se fora de confronto.

Para cada caso há soluções «Copyrapid» a custos irrisórios.

Desde a simples fotocópia de um documento até à cópia em chapa de alumínio ou cartão para offset, o sistema «Copyrapid» oferece-lhe as suas numerosas possibilidades.

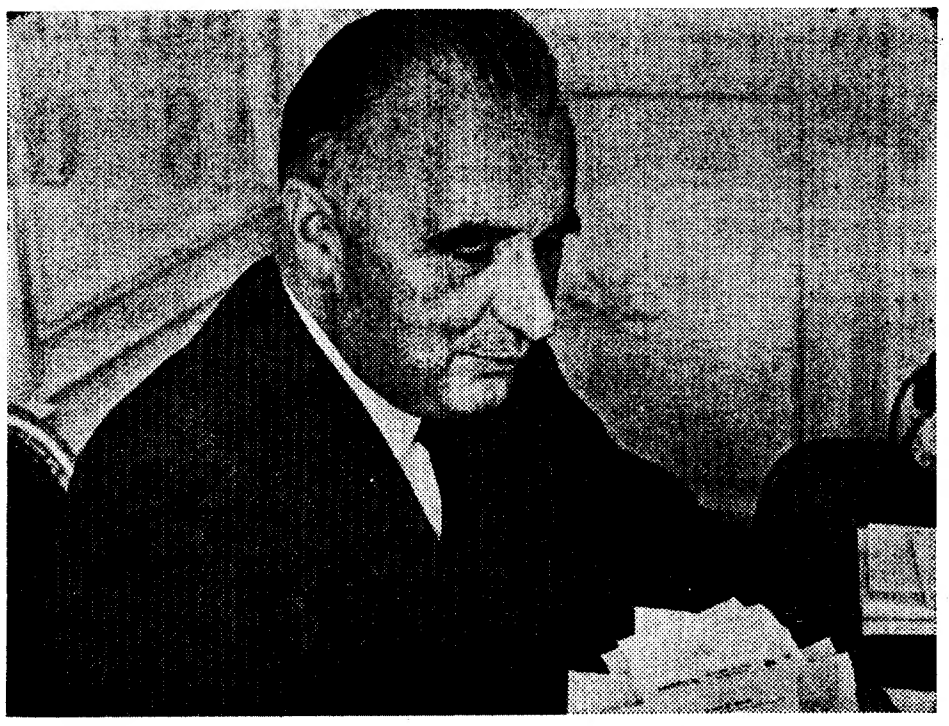
Pedidos de folhetos técnicos e demonstrações aos distribuidores «Copyrapid» ou a

AGFA-GEVAERT

LINDA-A-VELHA Tel. 2 19 00 31 (5 linhas) PORTO Tel. 2

A BATALHA DO FRANCÊS

Por ANDRÉ FONTAINE



POMPIDOU — A França depois de De Gaulle

«A partida está ganha», dizia um alto funcionário, referindo-se à entrada da Grã-Bretanha no Mercado Comum, nas vésperas da chegada de Heath a Paris. «Agora há que travar a batalha do francês». O presidente da República Francesa é da mesma opinião, como o testemunham as diversas declarações que proferiu na Bélgica: segundo Pompidou, se depois da entrada da Inglaterra na C. E. E., o Francês não continuasse a ser «a primeira língua de trabalho da Europa, então a Europa nunca seria completamente europeia».

Nostalgia de uma época onde todos os que se prezavam no continente se julgariam aviltados se não empregassem a língua francesa? «Falo alemão com os meus cavalos», dizia Frederico, o Grande. Apreensão de um intelectual formado nas humanidades clássicas, perante um falar que lhe é fundamentalmente estranho? A verdade é que não se vê a razão por que será menos «europeia» que o Francês a língua materna de 60 milhões de britânicos e de irlandeses, e que era já familiar a toda a Europa do Norte, antes ainda de a América começar a inscrever-se nos nossos assuntos, e na qual se exprimiram, de Shakespeare a Joyce, alguns dos maiores escritores da Europa. Que haverá de mais europeu, e como tal sendo no sua época, que o génio de Newton ou o romantismo de Byron? René Pomeau não tinha decerto consciência de ser um mau europeu, quando consagrou um capítulo da sua obra encantadora «Europa das Luzes», painel da Europa intelectual do século XVIII, à «Europa inglesa»

É verdade que o inglês se americaniza... na América, pela única e simples razão de que ali a sua evolução corresponde, acima de tudo, à necessidade de garantir a unidade de elementos vindos dos quatro cantos do mundo e à de fornecer termos cómodos a uma situação de dinamismo económico sem precedentes. Bem entendido: graças à sua extraordinária aptidão (com toda a justiça ressalvada por Pompidou nas declarações que fez ao jornal «Soir») para criar novos vocábulos, o americano influenciou o falar das Ilhas Britânicas. Mas a vontade de Bernard Shaw segundo a qual a Ingleterra e a América são duas nações separadas por uma mesma língua, continua a ser mais verdadeira do que supõem aqueles que não conhecem uma e outra. A diferença entre a língua que se fala em Westminster e a que está em voga no Capitólio de Washington não é muito menor do que era na época em que René Clair lhe consagrava algumas das sequências mais bem conseguidas do seu Fantasma à venda. Acrescentemos que ninguém nos E. U. A. teria a ideia de censurar um estrangeiro de passagem, pelo seu sotaque inglês — seria até mais provável que o louvassem — ao passo que qualquer porteiro dum hotel de Londres fará uma careta se alguém lhe perguntar onde é o elevador, falando-lhe de elevador em vez de lift.

EDWARD HEATH, chefe do Partido Conservador britanico, durante a ultima campanha eleitoral

Tudo o que se acaba de dizer não visa, de maneira nenhuma, e, como bem se entende, minimizar a importância da batalha do Francês. Podemos julgar-nos ao abrigo da censura de chauvinismo e, no entanto, não encararmos sem apreensão um mundo no qual a língua de Villon, Chateaubriand e Marcel Aymé não passasse de uma língua morta e onde as nuances, os sentimentos, as paixões, o direito tivessem como único meio de expressão um inglês de drugstore.

Acontece, porém, que os britânicos não têm menos receio desse mundo que nós. Sabem o preço da diversidade, pois, também eles (como os franceses) são herdeiros dum povo que, no decurso das idades, resistiu fantàsticamente a todas as tentativas de assimilação. É por isso que, nesta batalha pelo Francês, não é necessàriamente paradoxal ou ilusório pretender aliar os ingleses a essa luta. Aliás, todos sabemos ou deveríamos saber que, nas fileiras dos partidários mais decididos do ingresso do Reino Unido na C. E. E., se conta uma forte proporção de pessoas que falam o francês e gostariam de falar ainda melhor. Inversamente, o reflexo insular, hostil à Europa, está particularmente difundido em certos meios onde, por insuficiência de instrução e de recursos materiais, se conservaram para com um país, cuja língua se ignora, os velhos reflexos de temor que antigamente inspiravam o «papismo» e os costumes dissolutos atribuídos à moderna Babilónia.

Contudo, a identidade de língua não basta para alicerçar o sentimento de uma pertença única.

Se Churchill tanto insistiu na comunidade dos povos da língua inglesa, foi talvez, em grande parte, porque a sua mãe era americana. Mas os colonos revoltados dos futuros E.U.A. eram anglófonos anglofobos. Os irlandeses também. Os homens que abateram o jugo britânico sobre a Índia, o Ghana ou o Quénia eram de cultura profundamente inglesa: «Trazemos-vos a língua com a qual nos explicareis», disse, há um século, um dos mais clarividentes governadores de Bombaim, Elphinstone. Os franceses tiveram a mesma experiência na África do Norte. Não cometamos o erro de transformar em postulado político aquilo que, no fim de contas, poderá não ser mais que o reflexo de um «complexo de campanário», de uma timidez em face de uma cultura, à qual (por não a conhecerem), os franceses se sentem estranhos — aliás sem nenhuma razão para tal, pois o Francês é um dos componentes principais do Inglês e a mania do frenglich não está menos espalhada além-Mancha que a teoria do franglais, no outro lado do canal.

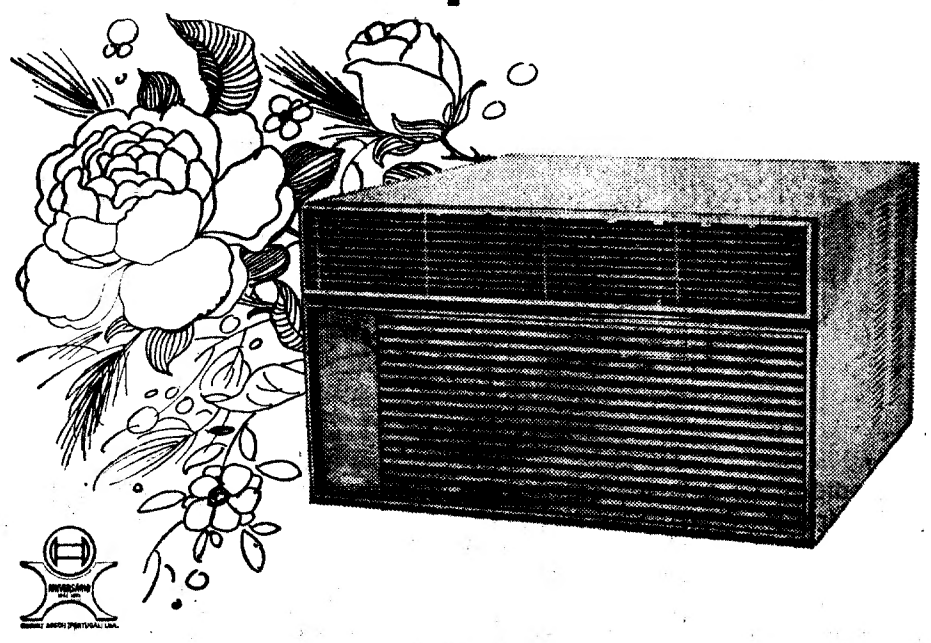
DUAS LÍNGUAS EM VEZ DE QUATRO?

Para voltarmos ao objectivo preciso do debate, a situação linguística da C.E.E., devemos lembrar que esta tem presentemente quatro línguas: o Francês, o Alemão, o Italiano e o Holandês.

Se os quatro países candidatos forem admitidos, deveríamos acrescentar-lhes, pelo menos, o Inglês, o Dinamarquês e o Norueguês (aliás, dois «Norueg ueses», pois coexistem na Noruega duas línguas, sensìvelmente diferentes, sendo uma muito próxima do Dinamarquês pela morfologia). E porque é que a Irlanda não haveria de pedir também que o Gaélico figurasse como línguas da Comunidade? O bom-senso impõe sem dúvida, que nos fiquemos por uma solução inspirada na que prevalece nas Nações Unidas, O. C. D. E., Conselho da Europa e em todas as organizações que utilizam duas «línguas de trabalho», o Inglês e o Francês, sem que uma ou outra tenham a prioridade.

Em todas estas instituições, o Francês ocupa um lugar muito honroso. E inclusivamente melhorou a sua posição na O. N. U. graças à entrada em massa dos países da África francófona. Na O. C. D. E. este grupo de trabalho utiliza preferentemente o inglês, aquele, o Francês, consoante a personalidade dos seus membros, sem que isso pareça levantar muitos problemas. Se a presença, em Estragurgo, de numerosos países mediterrânicos, da Suíça, da Áustria, têm o efeito de manter um importante grupo francófono, em Bruxelas, a entrada da Grã-Bretanha, Irlanda, Noruega e Dinamarca, porá termo (ninguém duvidará de Fal) ao monopólio de facto de que o Francês supostamente beneficia no seio da comissão; este monopólio,

ar condicionado
BOSCH
a temperatura do conforto



(Continuação da 2.ª página)

aliás, não será talvez tão completo como se afirma, pois o «Sunday Times» revela que o sr. Denlan tem o costume de falar Inglês com o seu colega alemão Dahrendorf. Mas concluir daí que o Inglês tomará automàticamente o lugar que o Francês hoje ocupa na Comunidade é dar provas de demasiado derrotismo. Aliás, a acreditarmos no «Financial Times» (que não costuma lançar informações sobre o joelho) Heath ter-se-ia comprometido com Pompidou a enviar para Bruxelas funcionários que saibam francês.

De facto, depende em boa parte da determinação com que os representantes franceses continuarem a falar o Francês, o facto de belgas, luxemburgueses e italianos continuarem a fazer o mesmo: Porque haviam os alemães e os holandeses, como tantas vezes acontece quando dominavam a língua francesa, renunciar ao seu uso?

Por outro lado, não devemos subestimar a influência prática da vida, numa cidade, cuja população, na sua maioria, é francófona, onde o ensino é dado em Francês, onde as mulheres têm de se exprimir nessa língua para darem as suas voltas.

CRIATIVIDADE E CLAREZA

Dito tudo isto, o futuro do Francês será acima de tudo, função dos esforços que os franceses estiveram dispostos a consentir por ele. A qualidade da língua que eles irão falar nos anos próximos será tão importante para a sua difusão como a acção que os dirigentes promoveram para não deixarem prescrever os direitos. A invasão do vocabulário corrente por termos anglo-saxónicos não esperou pela entrada da Grã-Bretanha na C. E. E. e sobreviveu à saída da N. A. T. O. por parte da França. A corrente só será subvertida se o francês se tornar uma boa língua, uma língua adaptada às necessidades da época, uma língua que não se esterilize, o que supõe uma batalha travada em duas frentes: o dom da criação — a «criatividade» — e a clareza.

Haverá primeiro, que inventar palavras cómodas e expressivas, para designar os objectos e as ideias do século XX. Exemplo: a palavra avion (avião) que ràpidamente destronou o termo aéroplane (aeroplano) de ressonâncias arcaicas. Como os franceses não conseguiram encontrar a abreviatura que se impõe para designarmos o avião a reacção, toda a gente emprega o onomatopaico jet, soberba ilustração da capacidade dos anglo-saxónicos para produzirem monossílabos evocativos, que vão beber, muitas vezes, à língua francesa. É evidente que, nunca tal investigação, a simplicidade, a eufonia, a vivacidade, devem orientar as imaginações e as opções.

As palavras compridas ou inteiramente fabricadas a partir de raízes gregas não são competitivas (para utilizarmos a gíria comercial); por maioria de razão, não são competitivas muitas inovações pedantes que uma certa escola acometa o sonho de introduzir, e cuja preocupação (à primeira vista louvável) de subtileza leva a subestimar os efeitos reburbativos. O «Banco das palavras», cuja oportuna criação foi anunciada por M. Le Bidois, no jornal «Le Monde» de 23-24 de Maio deste ano, deveria inspirar-se, acima de tudo, nesta noção.

O génio do francês, aquilo que o tornou a língua de toda a Europa, no século XVIII, é a sua clareza, a sua aptidão para exprimir todas as nuances da precisão. Se perder essa qualidade fundamental (ameaça que sobre ele paira agora) e o seu gosto pelos verbos activos, se se deixar invadir pelos termos do «mais ou menos» e pelo peso do nominalismo, não tardará que perca atractivo e reputação, não só no seio da comunidade, mas nos países (tão numerosos) onde a cultura francesa sobreviveu à descolonização.

Com isto não queremos dizer (muito pelo contrário) que se deva salvar, a todo o custo, uma complexidade ortográfica e sintética herdada da época em que o tom francês era apenas falado por uma minoria culta e que dificilmente pode sobreviver na era da educação de massa. Aliás, a evolução fez-se, muitas vezes, por si: já ninguém emprega o imperfeito do conjuntivo nem o pretérito perfeito simples do indicativo.

Não, o que se pede a todos aqueles que tenham por missão ensinar e difundir a língua francesa é que desenvolvam esforços especiais para inculcarem a toda a gente uma espécie de obcecação da nitidez. Talvez isso seja uma das maiores necessidades do nosso pobre mundo, que nunca se mostrou tão disposto como agora a drogar-se com palavras vãs.

O prestígio e o poder de sedução de uma língua não são apenas função do poderio material do povo que a fala; se assim não fosse, como se explicaria, após a queda de Atenas, a helenização do Império Romano? Um francês que à sua graça tradicional soubesse juntar a modernidade e o dinamismo estaria em muito boas condições de concorrer com o inglês.

Mas porquê falar de concorrência? A ideia de uma luta de línguas decorre da mesma filosofia que a ideia segundo a qual as nações estão votadas a perpétuo antagonismo. Quando dois países, ambos portadores de uma cultura universal, estão determinados a cooperar, porque é cada um desses dois países não haveria de generalizar intramuros o ensino da língua do outro? A tarefa não é difícil, desde que seja empreendida quando o ensino for feito durante a infância. Temos a prova disso no êxito das experiências recentemente feitas em França. Também o ensino do francês tem feito muitos professores, na Inglaterra, nestes últimos anos. O desenvolvimento paralelo destes esforços, de ambos os lados da Mancha, poderia perfeitamente constituir um dos objectivos prioritários dos dois Governos. Quem poderá negar, na verdade, que o conhecimento profundo duma língua e duma cultura estrangeiras contribui não só, para o alargamento do espírito, mas também, através do exercício contínuo da comparação e da tradução, para o domínio da própria língua e cultura nacionais?

«EL TOPO» — UMA VIAGEM A OUTRO MUNDO

Por JOSEPH GELMIS

JULIE ANDREWS

NOVA YORK — «The Sound of Music» e «El Topo» possuem duas coisas em comum. Ambos são filmes e ambos conquistaram admiradores que os viram mais de uma vez.

«The Sound of Music» ficou a dever muito do seu êxito, sob o aspecto financeiro, ao facto de a avó voltar duas e três vezes com diferentes grupos de crianças. «El Topo», em contrapartida, adquiriu popularidade junto de outra camada de espectadores.

Ao contrário de «Fantasia», de Walt Disney, que é outro êxito dos ultimos tempos, «El Topo» não está a ser exibido de dia para as crianças e á noite para os excêntricos da droga. «El Topo» é projectado, unicamente, á meia-noite, de domingo a quinta-feira, e á uma hora da madrugada ás sextas-feiras e sábados, no «Elgin Theater», em Manhattan.

Se se tratasse apenas de um fantástico filme de choque para a cultura da droga, «El Topo» não teria permanecido 130 noites no «Elgin». A sala, com 563 lugares, nunca se encontra vazia e, frequentemente, vêem-se poucos lugares vagos. «El Topo» está a ser exibido para aqueles que estiverem dispostos a ficar depois do ultimo espectáculo habitual da noite. Trata-se, actualmente, de uma retrospectiva de W. C. Fields.

Alguns dos espectadores assistem ao filme que é projectado antes, enquanto vêm, propositadamente para ver «El Topo». O filme, que é falado em espanhol e tem legendas em inglês, foi rodado no México por Alexandro Jodorowsky e consta ter custado 300 mil dólares. Outro filme de Jodorowsky, «Fando e Lis», começado a exibir recentemente em Times Square, desapareceu ao cabo de duas semanas.

ANIMADO E SURREALISTA

Responsáveis das principais empresas cinematográficas de Hollywood viram «El Topo», ficaram deslumbrados e não deixam de se referir ao filme. Todavia, estão hesitantes em investir o dinheiro necessário para a sua distribuição em virtude de se tratar de uma película tão enigmática, manchada de sangue e diferente sob o ponto de vista cinematográfico que é susceptível de afastar o publico em geral.

O realizador, Jodorowsky, desempenha no seu filme o papel de um pistoleiro barbudo vestido de negro, que cavalga através do deserto tal como um Cristo, tentando conseguir a perfeição com as suas armas. É mais rápido do que os assassinos e outras personagens super-humanas de aspecto inofensivo. Acaba por ser morto, traiçoeiramente, ressuscita e torna-se um «leader» ascético de proscritos deformados. Tenta criar para eles uma «civilização» tipo Sodoma. Quando o repelente bando se lança prematuramente sobre a cidade, é abatido a tiro pelos cidadãos «normais», ainda mais grotescos. A figura de Cristo morre também. E a cidade é, então, vítima de seu filho, igualmente um pistoleiro.

É possível que se verifiquem pelo menos 500 mortes em «El Topo». Tudo se passa tão depressa que é necessário ver a película mais de uma vez para se poder fazer um cálculo. O filme leva cerca de duas horas a ser projectado. Animado, surrealista, possui elementos dos «westerns» italianos estilizado (os filmes do «dollar») de Sergio Leone, as sátiras explosivas de «The Wild Bunch», de San Peckinpah, e as paródias selvagens de doutrina e história católicas do período médio de Luis Bunuel («Viridiana», etc.).

FOTOGRAFIA ESPANTOSA

Existem semelhanças superficiais com «Fellini Satyricon» na viagem do pistoleiro e encontros com acontecimentos e criaturas mitológicas, históricas e bíblicas. «El Topo» principia e termina com um ciclo, um pistoleiro vestido de negro cavalgando com uma criança nua a quem está a ensinar a vida. No meio, há cidades pilhadas, camponeses massacrados, tiranos castrados, padres aviltados, negros linchados e inumeros duelos e traições. É esquisito, constrangedor, devastador e perversamente cómico.

A fotografia é espantosa. Possui uma qualidade tridimensional, a qual é, possìvelmente, devida á incrível claridade cristalina do ar mexicano. A perspectiva é diferente da de muitos filmes. «El Topo» parece ter sido feito por um cérebro estranho. Podia ter acontecido na civilização alienígena que nunca chegámos a ver em «2001: a space odyssey». Talvez seja essa a explicação para a sua popularidade nocturna. «El Topo» é um daqueles raros filmes em que a audiência vê de maneira diferente. É uma viagem a outro mundo, outro planeta, outra existência.

COMPREENDER A ESPANHA — 3

(Continuação da 9.ª página)

tares ou para militares, nos sectores nacionalizados e semioficiais.

Uma tal rede humana, que se estende a toda a espécie de associações, significa uma força considerável. Trata-se, realmente, de uma sociedade militar de vocação cívica, no meio da qual bate um coração — as forças armadas — e sensibiliza um órgão — o Alto Estado-Maior, «el Alto».

Aquela sociedade é representada por quatro ministros, por uma trintena de deputados, pelos governadores militares das províncias — os «capitães-generais» — e dispõe de dois lugares no Conselho do Reino, organismo supremo em caso de vacatura d Poder. Tem toda a gente em Espanha como certo que quando se der o desaparecimento de Franco, e dado que este, em Julho de 1969, designou como seu sucessor o príncipe Juan Carlos, os membros civis acompanharão a decisão daqueles dois oficiais, que são agora, os generais Hector Vasquez e Diez Alegria.

Esta participação na vida social e no Poder pròpriamente dito permite ao Exército afirmar «que não faz política». A palavra «política» evoca, com efeito, aos olhos dos exércitos politização dos exércitos politizados da América Latina, do Egipto ou da Grécia, e a grande maioria dos oficiais receia ser confundida com aqueles. Há trinta anos para cá, aprenderam que o seu papel é o de «proteger as instituições» e não o de as modificar.

Tal é a seus olhos o sentido da dignidade. Quando se evoca junto deles a agitação, em Dezembro, dos jovens capitães, ou o discurso do capitão-general de Granada, em Fevereiro, com as suas alusões a uma «maçonaria branca» — a «Opus Dei» — respondeu:

«Pela primeira vez desde o fim da guerra civil, compreendemos, em Dezembro, que a integridade do nosso território estava ameaçada. Sentimo-nos, então, chocados e preguntamo-nos se a honra da farda que envergamos não nos obrigava a «dar la cara», a içar a nossa bandeira e a pôr o Governo em guarda contra qualquer atitude de fraqueza... Quanto ao General Rodrigo, se tivesse falado como civil e a título particular nada se tinha passado. Fê-lo envergando uma farda e numa reunião de militares: era comprometer o Exército. Foi imediatamente destituído. E nenhuma voz se ergueu, porque o general tinha cometido uma falta contra a disciplina.»

OS ESPANHÓIS ENTREGAM-SE À ARBITRAGEM DO EXÉRCITO

Obtem-se sempre a mesma resposta a toda e qualquer questão política posta em Espanha — no seio do regime ou nos meios aposicionistas — e é a de que tudo dependerá do Exército. De boa ou má vontade, todos — com excepção dos extremistas — se entregam à arbitragem daquele. Não sendo uma garantia de todas as liberdades, o Exército oferece a da ordem na rua. Este crédito — segundo motivo da importancia do Exército em Espanha — constitui, talvez, as suas autênticas raízes na população. Todos o sabem decidido a agir, com dureza, contra qualquer tentativa grave de perturbar a ordem pública, ao mesmo tempo que se admite — muito confusamente — que o Exército é a alma do regime.

As forças armadas conseguiram, no entanto, nunca se verem comprometidas em decisões políticas: boas ou más, estas foram sempre consideradas como partindo do «Governo». O Exército, sobretudo, escapa à mais grave das críticas que, em Espanha, podem ser feitas a um sistema político: a de ser um regime da desigualdade. Embora todo o espanhol se considere, no íntimo, como um ser único e superior a todos os outros, a vida se encarrega de demonstrar, à maior parte deles, a inadmissível verdade dade das respectivos soldos força os militares a uma vida austera: o soldo de um tenente-general (que é o posto máximo na carreira militar pròpriamente dita) é, em média, de 42 000 pesetas por mês, o de um capitão de 18 a 20 000. Mesmo tendo em conta o que se pode conseguir com os empregos complementares, tais soldos são pouco «decentes». Razão de queixa para os militares, constitui para as massas um motivo de consideração. A maior parte dos traços que definem o rosto do Exército são os da «decência». A Espanha assenta a sua vida nos velhos princípios: ora são frequentes, entre os oficiais, as famílias de quatro a sete filhos. São gente «de quien no se habla», subentende-se «mal». Vêem-se, cada vez menos, as esposas dos oficiais generais a pavonearem-se nos carros de serviço. Quando a gente da rua evoca a pessoa de um daqueles oficiais, a sua vida, a família é muito raro ouvir pôr em causa a sua honestidade e dignidade. A cólera do Exército — ontem e hoje ainda — contra os responsáveis pelo escândalo

Juan Carlos — um trono à sua espera

Matesa é profundamente popular. As forças armadas protegem o «dinheiro de todos» e a honra do Estado.

Nos meses que se seguiram à escolha do general, os políticos espanhóis mais perspicazes podiam perguntar-se «se o Exército adoptava o príncipe», se, na falta do laço místico que une Franco aos seus oficiais, um laço humano, o único que em Espanha estabelece fidelidades firmes, viria apertar o da disciplina. O príncipe deixava de ser o jovem camarada «simpático» que o Exército havia conhecido nas três academias militares, o oficial que Franco, desde há cinco anos, tinha o cuidado de pôr à sua direita, em todas as ocasiões, o futuro sucessor que o general «não designaria, com certeza antes da sua morte». No Natal de 1967, um acidente de caça tinha feito recear pela vida do Chefe de Estado: alguns generais da sua maior intimidade tinham-no aconselhado a precisar as condições da sucessão.

As suas razões seriam aceites por todo o Exército? Não era o novo título do príncipe Juan Carlos — o de «príncipe de Espanha» — que provocava o espanto dos militares: pela primeira vez em toda a sua carreira, Franco tinha cortado todas as vias de retirada. Aceitar a sua decisão por disciplina, com ele vivo, respeitá-lo por lealdade, com ele morto, constituía a honra e ninguém a discutiu. Aderir, completamente, a este acordo, como a Franco, pela reflexão, o hábito e o coração, isso «habia que ver».

Era fácil adivinhar, ao longo de 1970, a perturbação reinante entre os oficiais legitimistas. Mas esta foi-se dissipando, à medida que surgiam os sinais de entendimento entre o filho de Afonso XIII, Conde de Barcelona, e o neto daquele. Juan Carlos. O ano de 1970 permitiu ao príncipe encontrar-se com numerosos oficiais: segundo as palavras de muitos deles, «descobriram-no». Falar da nascença de um «sentimento monárquico» seria prematuro, para os homens mais responsáveis dentro do Exército a popularidade do príncipe, que se estende, pouco a pouco, por todo o País, parece criar uma importante condição da segurança futura.

Irá o Exército forçar a marcha? Entre o «élite» dos oficiais ouve-se dizer, muitas vezes, que «trinta anos de ditadura já bastam». A frase não significa que as as forças armadas se tenham tornado de repente, «liberais», mas, isso sim, que se cansaram de certas formas exteriores do poder pessoal — os «favores», as «homenagens», as lisonjas, as frivolidades cortesãs, as injustiças flagrantes, a arbitrariedade policial, assim como a desordem e os escândalos administrativos. Desejam um poder que «de alto a baixo se manifeste democràticamente». Se parecem aderir, progressivamente, à monarquia do príncipe Juan Carlos, é, talvez, porque começam a descobrir nele um homem que nenhum caso faz dos privilégios, que trata todos os espanhóis como se fossem seus iguais.

Dito isto, aceitará o Exército uma reconciliação e uma paz com os inimigos de ontem, com a nova esquerda, reconciliação essa que, parece, a monarquia lhe sugere? Com as forças da «oposição democrática» é provável. Com o Partido Comunista, seria utópico pensar: muito menos do que o príncipe, o Exército se prestaria a isso.

Os problemas a resolver pela Espanha são, em todos os planos, consideráveis; perante a América, o Mercado Comum, a crise do crescimento económico e as suas próprias tensões psicológicas. Não estará ela, entretanto, a pôr em funcionamento, à sua maneira, um método complexo que lhe poderá, talvez, permitir encetar as soluções necessárias? Só Deus e os «demónios de Espanha» lhe deixarem tempo para isso, seria a primeira vez, desde há cinco séculos, que o País conseguiria praticar uma arte de viver em comum.